



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

DIANA CAVALCANTE MIRANDA DE ASSIS

**PARENTALIDADE NA CULTURA DIGITAL: PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES
SOBRE SEU PRÓPRIO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Salvador
2024

DIANA CAVALCANTE MIRANDA DE ASSIS

**PARENTALIDADE NA CULTURA DIGITAL: PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES
SOBRE SEU PRÓPRIO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador.

Orientador: Prof. Dr Rafael Cerqueira Fornasier

Linha de pesquisa: Contextos familiares e subjetividade

Salvador
2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

A848 Assis, Diana Cavalcante Miranda de
Parentalidade na cultura digital: percepções de pais e mães sobre
seu próprio uso de tecnologias digitais / Diana Cavalcante Miranda de
Assis . – Salvador, 2024.
147 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria
de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade
Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier.

1. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)
2. Relações Familiares 3. Sociedade Contemporânea 4. Autorregulação
do Uso de Tecnologia Digital I. Fornasier, Rafael Cerqueira – Orientador
II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-
Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:681.3

TERMO DE APROVAÇÃO

DIANA CAVALCANTE MIRANDA DE ASSIS

“PARENTALIDADE NA CULTURA DIGITAL: PERCEPÇÕES SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO”

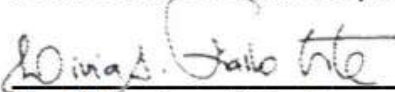
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 12 de março de 2024.

Banca Examinadora:



Prof. Doutor Rafael Cerqueira Fornasier (Orientador – UCSAL)



Prof.ª Doutora Livia Alessandra Fialho da Costa (UCSAL)



Prof.ª Doutora Lúcia Vaz de Campos Moreira (UCP)



Documento assinado digitalmente

GILCA OLIVEIRA CARRERA

Data: 04/04/2024 08:42:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Doutora Gilca Oliveira Carrera (UCSAL)



Prof. Doutor Emanuel do Rosário Santos Nonato (UNEB)

DEDICATÓRIA

À memória de minha avó, Carmen Coelho Guedes de Miranda, afetosamente lembrada como Dona Dizinha (Diza). Sua sabedoria, gentileza e apoio não apenas moldaram meu percurso acadêmico, mas também minha formação como ser humano. Ao atingir este marco em minha carreira, celebro e honro a memória da minha avó Diza. Sua crença em meu potencial sempre esteve presente, orientando-me pelos caminhos do conhecimento.

AGRADEDIMENTOS

Há muitas pessoas a quem devo meu sincero agradecimento.

Gostaria de agradecer a todas as mães e a todos os pais que participaram deste estudo, obrigada por compartilhar seus pensamentos, experiências, angústias e medos comigo. Vocês deram vida a este estudo.

Obrigada ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier. Seu apoio, percepções e considerações foram inestimáveis durante minha jornada de doutorado.

À professora Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira, pela acolhida, cuidado e amizade.

Aos muitos familiares, colegas, amigos e professores, obrigada por enriquecerem minha vida e contribuir de tantas maneiras diferentes para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Há pessoas que, mesmo partindo, deixam uma luz perene em nossa trajetória. É com um misto de saudade e profundo respeito que dedico este trabalho aos meus avós, Milton Miranda Lima e Carmem Coelho Guedes de Miranda, cujo amor, sabedoria e força foram fundamentais na minha jornada. Eles partiram no meio deste processo, mas suas memórias e ensinamentos foram faróis que me guiaram até a conclusão deste doutorado. A eles, minha eterna gratidão e a certeza de que seu legado continua vivo em cada página desta obra.

À minha mãe, Maria Isabel Cavalcante dos Anjos Miranda, e ao meu pai, João Milton Guedes Miranda, pelo amor, compreensão, apoio, suporte e tudo mais que só uma mãe e um pai sabem dar todos os dias. Obrigada por tudo e por tanto.

À minha filha maravilhosa: Louise Cavalcante de Assis. Eu fiz isso por você e para você. Obrigada por ser quem você é.

Por fim, agradeço ao meu esposo, Luiz Carlos de Assis Jr, por seu apoio e amor inabaláveis e por sua disponibilidade para fazer essa jornada comigo. Obrigada por estar comigo.

EPÍGRAFE

"Não posso falar com as paredes porque elas estão gritando para mim. Não posso falar com minha mulher; ela escuta as paredes. Eu só quero alguém para ouvir o que tenho a dizer. E talvez, se eu falar por tempo suficiente, minhas palavras façam sentido"

Ray Bradbury - Fahrenheit 451

RESUMO

O advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na sociedade contemporânea tem reconfigurado os padrões de interação familiar, apresentando novos desafios e dinâmicas dentro do núcleo familiar. Este estudo teve como objetivo compreender as percepções de pais e mães a respeito da influência que seu próprio uso de tecnologias digitais pode ter nos relacionamentos com seus filhos, dentro do contexto da cultura digital. Embasado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, o trabalho adota uma perspectiva qualitativa para explorar essas percepções, através de entrevistas gravadas com dez participantes da cidade de Irecê, Bahia. A análise temática dos dados revela que, segundo os pais e mães, as demandas digitais frequentemente comprometem o tempo e a qualidade do relacionamento parental. Os participantes refletiram sobre como interpretam os comentários de seus filhos a respeito do seu próprio uso de TDICs, indicando uma consciência crescente sobre a necessidade de modelar um uso mais consciente e responsável da tecnologia, visando um equilíbrio no ambiente familiar. Os pais não apenas reconheceram o feedback negativo dos filhos quanto a esse uso, mas também expressaram uma compreensão clara dos desafios impostos por ele. O achado mais revelador, no entanto, foi a descoberta da dificuldade dos pais em alterar essa realidade, mesmo reconhecendo essa necessidade. Apesar de uma consciência evidente dos impactos negativos e de tentativas anteriores de mudança, eles enfrentam obstáculos significativos para modificar seus hábitos digitais. Esses obstáculos não são apenas individuais, mas profundamente enraizados na própria força da cultura digital, na pressão social e na necessidade intrínseca de pertencimento, que juntos criam um ambiente desafiador para a autorregulação eficaz. Assim, este estudo ressalta a necessidade urgente de estratégias de autorregulação parental mais eficazes e de apoio externo, incluindo políticas de mediação tecnológica, para enfrentar essas pressões culturais e sociais. Aponta para uma responsabilidade compartilhada: dos pais, em adotar práticas digitais conscientes; e da sociedade, em fornecer as condições para que essa mudança seja não apenas viável, mas sustentada, favorecendo relações familiares mais saudáveis e enriquecedoras no contexto da cultura digital.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs); relações familiares; parentalidade digital; sociedade contemporânea; autorregulação do uso de tecnologia digital.

ABSTRACT

The advent of Digital Information and Communication Technologies (DICTs) in contemporary society has reshaped patterns of family interaction, presenting new challenges and dynamics within the family unit. This study aimed to understand the perceptions of parents regarding the influence that their own use of digital technologies may have on their relationships with their children within the context of digital culture. Based on Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development, the work adopts a qualitative perspective to explore these perceptions through recorded interviews with ten participants from the city of Irecê, Bahia. Thematic analysis of the data reveals that, according to parents, digital demands often compromise the time and quality of parental relationships. Participants reflected on how they interpret their children's comments regarding their own use of DICTs, indicating a growing awareness of the need to model a more conscious and responsible use of technology, aiming for balance in the family environment. Parents not only acknowledged the negative feedback from their children regarding this use but also expressed a clear understanding of the challenges it poses. The most revealing finding, however, was the discovery of parents' difficulty in altering this reality, despite recognizing this need. Despite evident awareness of the negative impacts and previous attempts at change, they face significant obstacles to modifying their digital habits. These obstacles are not only individual but deeply rooted in the very force of digital culture, social pressure, and the intrinsic need for belonging, which together create a challenging environment for effective self-regulation. Thus, this study highlights the urgent need for more effective parental self-regulation strategies and external support, including technological mediation policies, to address these cultural and social pressures. It points to a shared responsibility: of parents, in adopting conscious digital practices; and of society, in providing the conditions for this change to be not only feasible but sustained, favoring healthier and enriching family relationships in the context of digital culture.

KEYWORDS: Digital Information and Communication Technologies (DICTs); family relationships; digital parenthood; contemporary society; self-regulation of digital technology use.

RESUMEN

El advenimiento de las Tecnologías Digitales de Información y Comunicación (TDICs) en la sociedad contemporánea ha reconfigurado los patrones de interacción familiar, presentando nuevos desafíos y dinámicas dentro del núcleo familiar. Este estudio tuvo como objetivo comprender las percepciones de padres y madres respecto a la influencia que su propio uso de tecnologías digitales puede tener en las relaciones con sus hijos, dentro del contexto de la cultura digital. Basado en la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano de Bronfenbrenner, el trabajo adopta una perspectiva cualitativa para explorar estas percepciones, a través de entrevistas grabadas con diez participantes de la ciudad de Irecê, Bahia. El análisis temático de los datos revela que, según los padres y madres, las demandas digitales frecuentemente comprometen el tiempo y la calidad de la relación parental. Los participantes reflexionaron sobre cómo interpretan los comentarios de sus hijos respecto a su propio uso de TDICs, indicando una conciencia creciente sobre la necesidad de modelar un uso más consciente y responsable de la tecnología, buscando un equilibrio en el ambiente familiar. Los padres no solo reconocieron el feedback negativo de los hijos sobre este uso, sino que también expresaron una comprensión clara de los desafíos impuestos por él. El hallazgo más revelador, sin embargo, fue el descubrimiento de la dificultad de los padres para cambiar esta realidad, incluso reconociendo esa necesidad. A pesar de una conciencia evidente de los impactos negativos y de intentos anteriores por cambiar, enfrentan obstáculos significativos para modificar sus hábitos digitales. Estos obstáculos no son solo individuales, sino profundamente arraigados en la propia fuerza de la cultura digital, en la presión social y en la necesidad intrínseca de pertenencia, que juntos crean un ambiente desafiante para la autorregulación efectiva. Así, este estudio destaca la necesidad urgente de estrategias de autorregulación parental más efectivas y de apoyo externo, incluyendo políticas de mediación tecnológica, para enfrentar estas presiones culturales y sociales. Apunta a una responsabilidad compartida: de los padres, en adoptar prácticas digitales conscientes; y de la sociedad, en proporcionar las condiciones para que este cambio sea no solo viable, sino sostenido, favoreciendo relaciones familiares más saludables y enriquecedoras en el contexto de la cultura digital.

PALABRAS CLAVE: Tecnologías Digitales de Información y Comunicación (TDICs); relaciones familiares; parentalidad digital; sociedad contemporánea; autorregulación del uso de tecnología digital.

RÉSUMÉ

L'avènement des Technologies Digitales d'Information et de Communication (TDICs) dans la société contemporaine a reconfiguré les schémas d'interaction familiale, présentant de nouveaux défis et dynamiques au sein du noyau familial. Cette étude visait à comprendre les perceptions des pères et mères sur l'influence que leur propre utilisation des technologies digitales peut avoir sur les relations avec leurs enfants, dans le contexte de la culture numérique. Basée sur la Théorie Bioécologique du Développement Humain de Bronfenbrenner, la recherche adopte une perspective qualitative pour explorer ces perceptions, à travers des entretiens enregistrés avec dix participants de la ville d'Irecê, Bahia. L'analyse thématique des données révèle que, selon les parents, les exigences digitales compromettent souvent le temps et la qualité de la relation parentale. Les participants ont réfléchi sur la manière dont ils interprètent les commentaires de leurs enfants concernant leur propre usage des TDICs, indiquant une conscience croissante de la nécessité de modéliser un usage plus conscient et responsable de la technologie, visant un équilibre dans l'environnement familial. Les parents n'ont pas seulement reconnu le retour négatif de leurs enfants sur cet usage, mais ont également exprimé une compréhension claire des défis imposés par celui-ci. La découverte la plus révélatrice, cependant, fut la difficulté pour les parents de changer cette réalité, même en reconnaissant ce besoin. Malgré une conscience évidente des impacts négatifs et des tentatives antérieures de changement, ils rencontrent des obstacles significatifs pour modifier leurs habitudes digitales. Ces obstacles ne sont pas seulement individuels, mais profondément enracinés dans la force même de la culture numérique, la pression sociale et le besoin intrinsèque d'appartenance, qui ensemble créent un environnement difficile pour l'autorégulation efficace. Ainsi, cette étude souligne l'urgence de stratégies d'autorégulation parentale plus efficaces et de soutien externe, incluant des politiques de médiation technologique, pour faire face à ces pressions culturelles et sociales. Elle pointe vers une responsabilité partagée : celle des parents, d'adopter des pratiques digitales conscientes ; et de la société, de fournir les conditions pour que ce changement soit non seulement viable, mais soutenu, favorisant des relations familiales plus saines et enrichissantes dans le contexte de la culture numérique.

MOTS-CLÉS : Technologies Digitales d'Information et de Communication (TDICs); relations familiales; parentalité numérique; société contemporaine; autorégulation de l'usage de la technologie digitale.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANSP - Rede Acadêmica de São Paulo

ARPA - Defense Advanced Research Projects Agency

ARPANET - Advanced Research Projects Agency Network

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID-19 - Doença do Coronavírus 2019

EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBM - International Business Machines Corporation

MIT - Massachusetts Institute of Technology

MMFDH - Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPCT - O Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo

QI - Quociente de Inteligência

RNP - Rede Nacional de Pesquisas

SNF - Secretaria Nacional da Família

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

TDICs - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TI - Tecnologia da Informação

TV - Televisão

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Web - World Wide Web

Sumário

1.0 INTRODUÇÃO	5
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1.1 Geração Baby Boomers.....	26
2.1.2 Geração X.....	28
2.1.3 Geração Y ou Millennials.....	29
2.1.4 A Geração Z.....	31
2.1.5 Geração Alfa.....	32
2.2 A PARENTALIDADE SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	33
2.2.1 Processo proximais: a relação pai/mãe-filho.....	36
2.2.2 Pessoa: o pai, a mãe e o filho.....	38
2.2.3 Contexto: da família à sociedade.....	39
2.2.4 Tempo: do agora ao passado.....	40
2.3 A SURGIMENTO DAS TDIC's NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	41
2.3.1 A Internet.....	42
2.3.2 O smartphone.....	46
2.3.3 As mídias sociais.....	49
2.3.4 A tecnologia persuasiva.....	52
2.3.5 A sociedade na "era digital".....	54
2.4 A FAMÍLIA "WIRELESS" - SEM FIO	57
2.4.1 O filho "da era digital".....	58
2.4.2 A mãe "na era digital".....	63
2.4.3 O pai "na era digital".....	68
3.0 METODOLOGIA.....	74
3.1 A PERGUNTA DE INVESTIGAÇÃO.....	75
3.2 OBJETIVOS - GERAL E ESPECÍFICOS.....	76
3.2.1 Geral.....	76
3.2.2 Específicos.....	76
3.3 A ESCOLHA DE UM PARADIGMA.....	76
3.4 MÉTODO DE COLETA DE DADOS	78
3.4.1 Desenho do estudo.....	79
3.4.2 Caracterização dos participantes.....	79
3.4.3 Instrumento de coleta.....	80
3.4.4 Procedimentos.....	81
3.4.5 Análise de dados.....	82
3.4.6 Critérios éticos.....	83
4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO	83
4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....	84
4.2 CONCEPÇÃO SOBRE FAMÍLIA E PARENTALIDADE.....	85
4.3 PERCEPÇÃO SOBRE O SEU PRÓPRIO USO	91
4.6 PERCEPÇÃO DA INTERFERÊNCIA DO SEU USO NA SUA PARENTALIDADE	107
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVA DE NOVOS ESTUDOS.....	113
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
5.2 PERSPECTIVA DE NOVOS ESTUDOS	117

REFERÊNCIAS.....	119
-------------------------	------------

1.0 INTRODUÇÃO

No início do século XXI, observa-se uma transformação significativa impulsionada pelo desenvolvimento e pela integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos mais variados âmbitos da vida social, econômica e pessoal. Estas tecnologias têm redefinido as formas de interação social, os métodos empregados em campos diversos como educação, saúde e comércio, alterando as estruturas fundamentais da existência humana. A compreensão desse contexto amplo proporciona a base para entender as nuances das TDICs, que se destacam como uma categoria específica dentro desse cenário em constante evolução, focada na interseção entre o digital, a informação e a comunicação. Este enfoque sequencial permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada das transformações tecnológicas contemporâneas.

Inicia-se a abordagem desta pesquisa pela definição das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação devido à importância de esclarecer a progressão histórica e conceitual que antecede o estado atual dessas tecnologias. Uma retrospectiva analítica dos termos Tecnologia da Informação (TI), Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e TDICs é necessária para delinear a evolução terminológica que acompanha as rápidas mudanças tecnológicas. Esse panorama histórico é crucial para discernir as características distintas de cada fase de desenvolvimento tecnológico e para compreender a expansão contínua de suas aplicações e influências na sociedade. Ao desvendar a trajetória desde a TI até as TDICs, evidencia-se a aceleração da inovação e a consequente necessidade de atualização constante de termos e conceitos. Destaca-se, portanto, a relevância de se distinguir as TDICs, enfatizando suas especificidades em meio à ampla gama de tecnologias de informação e comunicação, e de se considerar o impacto desta evolução nas estruturas sociais, econômicas e culturais contemporâneas.

Antes de delinear o percurso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), este trabalho se propõe a examinar a definição de tecnologia em seu sentido mais abrangente. Tal abordagem preliminar é vital para estabelecer um entendimento fundamental do termo 'tecnologia', que serve como alicerce para todas as subsequentes categorizações e evoluções específicas no campo das TDICs. A tecnologia, entendida como a aplicação do conhecimento para a realização de objetivos práticos, reflete a capacidade humana de modificar e controlar o ambiente, criando ferramentas, processos e sistemas que estendem as possibilidades de interação, produção e comunicação. Este exame do conceito de tecnologia, em sua essência, fornece um marco contextual para a análise da trajetória evolutiva que culmina

nas TDICs, permitindo assim uma compreensão mais refinada da natureza e do impacto destas no contexto atual da dinâmica social e familiar.

Adentrando a análise da tecnologia enquanto ferramenta adotada pelo ser humano, é imperativo reconhecer sua intenção original de economizar tempo. Desde as primeiras ferramentas de pedra até os avançados sistemas computacionais de hoje, a motivação subjacente sempre foi a de aumentar a eficiência e reduzir o esforço físico e temporal necessário para realizar tarefas. Segundo Carr (2010), em "A Geração Superficial: O que a internet está fazendo com nossos cérebros", a tecnologia foi concebida como uma promessa de libertação do tempo, proporcionando aos seres humanos a oportunidade de transcender as limitações físicas e cognitivas e dedicar-se a empreitadas mais significativas.

Entretanto, esse aumento percebido de tempo livre vem acompanhado de um paradoxo inquietante. Na mesma medida em que as tecnologias avançam, observa-se uma crescente sensação de escassez de tempo entre os indivíduos. Turkle (2011), em "Sozinhos Juntos: Por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros", argumenta que a constante conectividade e a demanda por atenção imediata que as TDICs impõem contribuem para uma percepção de que o tempo se acelera, criando um ciclo de necessidade por tecnologias ainda mais rápidas e eficientes. Este paradoxo revela uma complexidade intrínseca à relação humana com a tecnologia: embora projetadas para servir ao homem, as ferramentas tecnológicas também moldam o comportamento e as percepções humanas de maneiras imprevistas.

Desta forma, ao contemplarmos a trajetória das tecnologias digitais de informação e comunicação, torna-se imperativo considerar não apenas os avanços técnicos, mas também as implicações psicológicas e sociais decorrentes de sua integração no cotidiano. A compreensão desses dinamismos é crucial para antever os caminhos futuros das TDICs e suas possíveis repercussões na dinâmica social, familiar e individual.

Para compreender plenamente as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), é essencial iniciar pela abordagem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e, conseqüentemente, pela Tecnologia de Informação (TI). A compreensão desse contexto amplo proporciona a base para entender as nuances das TDICs, que se destacam como uma categoria específica dentro desse cenário em constante evolução, focada na interseção entre o digital, a informação e a comunicação. Este enfoque sequencial permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada das transformações tecnológicas contemporâneas.

A definição de Tecnologia da Informação (TI), segundo Dutton (1999), engloba um

conjunto abrangente de tecnologias de comunicação. Isso compreende a capacidade dos usuários de acessar, recuperar, armazenar, transmitir e manipular informações digitais. Essas tecnologias incluem a internet, redes sem fio, software, aplicativos e sistemas, todos convergindo para viabilizar a interação das pessoas e organizações no contexto do mundo digital. Essa perspectiva enfatiza a importância da interconexão e integração desses elementos para facilitar a comunicação e a gestão de informações na era digital.

O termo Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), cunhado também por Dutton (1999), abrange todos os tipos de sistemas eletrônicos utilizados para radiodifusão, telecomunicações e comunicações mediadas por computadores e internet em geral. Outra referência para o termo TICs são as redes audiovisuais e telefônicas, como redes de computadores, interligadas por meio de um sistema unificado de cabeamento (incluindo distribuição e gerenciamento de sinal). De forma mais abrangente, o termo TICs refere-se à infraestrutura e aos componentes que sustentam a "computação moderna". Esses componentes continuam a crescer, embora alguns deles existam há décadas, como computadores e telefones.

É evidente como essas definições não possuem um limite absoluto, refletindo a ideia do contínuo desenvolvimento das tecnologias e serviços relacionados à internet e comunicação digital. A constante evolução das TICs dificulta a delimitação precisa desse conceito, uma vez que inovações surgem regularmente. Esse dinamismo implica que qualquer definição e nomenclatura para a definição fica rapidamente desatualizada, pois o campo está sempre se expandindo para incorporar novas formas de comunicação e interação digital. A natureza em constante mutação não apenas desafia a estabilidade de uma definição fixa, mas também destaca a necessidade de abordagens flexíveis e adaptáveis ao estudar as TDICs - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Smartphones, videogames e uma infinidade de mídias e aplicativos digitais foram acrescentados mais recentemente e hoje são incluídos no que se chama de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). As TDICs referem-se ao conjunto de sistemas eletrônicos que utilizam meios digitais para facilitar a transmissão, processamento e intercâmbio de informações (THOMAS et al, 2005). Isso engloba desde a internet e redes sem fio até dispositivos como smartphones, computadores e aplicativos digitais e redes sociais (THOMAS et al, 2005). Essas tecnologias desempenham um papel crucial da maneira como as pessoas se comunicam, acessam informações, interagem no ambiente digital e se relacionam.

As TDICs desempenham um papel significativo em todos os aspectos da sociedade pós-moderna. Elas alteraram a forma como as pessoas se comunicam, encontram informações

necessárias, se relacionam, trabalham, conduzem negócios, interagem com agências governamentais e gerenciam suas vidas pessoais, laborais e sociais. Os usuários, consumidores e cidadãos não são meros receptores passivos de tecnologia, mas estão ativamente envolvidos na definição e na atribuição de significado às TDICs. Portanto, a função das TDICs é socialmente moldada de acordo com os significados construídos pelos produtores, por aqueles que as comercializam ou regulam e pelos que as consomem (THOMAS et al, 2005). Em outras palavras, as TDICs têm significados distintos para diferentes pessoas; além disso, esses significados podem mudar, inclusive, para a mesma pessoa a depender da finalidade e modo de uso.

As relações entre a sociedade e as TDICs são múltiplas e dinâmicas. As TDICs podem ser utilizadas por sua finalidade de informação, comunicação e entretenimento; por sua representação estética e simbólica, associada a status social e pertencimento; pelo controle, possibilitando conexão e desconexão; pela flexibilidade, permitindo a dissolução dos limites entre os espaços públicos e privados; pelas oportunidades, incluindo cidadania, vigilância, networking e isolamento; e pela liberdade, proporcionando escolhas e discriminação (HADDON, 2004). Dessa forma, as TDICs exercem influência tanto fora quanto dentro de casa, e têm impacto sociológico, econômico e cultural.

Ao longo da história, a estrutura e a dinâmica familiares têm sofrido transformações significativas, refletindo as mudanças socioeconômicas, culturais e tecnológicas da sociedade. Os papéis tradicionalmente associados a mães e pais vêm sendo reconfigurados, abrindo espaço para novas configurações familiares que desafiam concepções convencionais de parentalidade e convivência. Apesar dessa evolução, a família continua a desempenhar um papel central na sociedade, servindo como um elo fundamental entre o indivíduo e o contexto social mais amplo (NASCIMENTO et al, 2008).

As famílias, em suas diversas formas, constituem espaços de socialização primária, onde valores, normas e práticas culturais são transmitidos de uma geração para outra. Esse processo de socialização vai além da mera transmissão de conhecimentos, englobando a formação da identidade individual, o desenvolvimento de competências emocionais e sociais e a construção de um sentido de pertencimento e segurança. Ao mesmo tempo, a família é um agente ativo na mediação das relações entre os indivíduos e a sociedade, fornecendo um contexto no qual as tensões entre as demandas pessoais e os imperativos sociais são negociadas e resolvidas.

A segurança e estabilidade dos relacionamentos dentro das famílias proporcionam aos filhos um sentimento de conforto no núcleo familiar, contribuindo para sua estabilidade

emocional. Portanto, é necessário destacar que a qualidade dos relacionamentos familiares não afeta apenas o desenvolvimento da criança, mas também a saúde mental dos futuros adolescentes e a percepção dos pais sobre o significado de suas famílias (CAVALCANTE et al, 2010). Nesse cenário, as dinâmicas familiares são influenciadas tanto por fatores internos, como as personalidades e as relações afetivas entre seus membros, quanto por fatores externos, incluindo as condições socioeconômicas, os avanços tecnológicos e as políticas públicas.

O surgimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) tem impulsionado novas formas de relacionamento na sociedade atual. Elas ocupam hoje um lugar significativo nas famílias e Carvalho et al (2019) as consideram como um novo subsistema familiar, pois contribuem para a redefinição de regras, limites e papéis familiares, impactando não apenas os estilos de comunicação, mas também a qualidade das relações entre os membros da família (CARVALHO et al, 2019). Essas tecnologias, por um lado, oferecem novas oportunidades para o aprendizado, o entretenimento e a conexão com comunidades globais; por outro, apresentam desafios relacionados à gestão do tempo, à privacidade e à segurança online. Dessa forma, as famílias contemporâneas enfrentam o desafio de navegar em um mundo cada vez mais complexo e interconectado, onde as tecnologias digitais de informação e comunicação assumem um papel proeminente.

Outro desafio significativo imposto pelas tecnologias digitais no contexto familiar diz respeito às atividades online, frequentemente realizadas de maneira individualizada. Esta prática pode comprometer não apenas a supervisão do conteúdo acessado pelos menores, mas também a capacidade dos membros da família de compartilhar informações e experiências uns com os outros. A natureza individualista do consumo digital, onde cada membro da família se engaja com conteúdos que refletem seus próprios interesses isoladamente, tende a reduzir os momentos de interação coletiva, especialmente aqueles centrados na visualização e discussão compartilhada de conteúdos digitais. Esta fragmentação do espaço digital familiar pode enfraquecer os laços afetivos e a coesão entre seus membros, uma vez que as oportunidades para discussões em grupo, troca de ideias e experiências conjuntas diminuem.

Além disso, as divergências sobre o uso adequado da tecnologia entre pais e filhos emergem como uma fonte significativa de conflito familiar. Discussões acerca dos riscos associados ao ambiente digital, tais como a exposição a conteúdos inapropriados, o cyberbullying, e o uso excessivo de dispositivos, podem criar tensões e divergências de opiniões sobre limites e supervisão. Essas situações podem levar à adoção de estilos parentais mais extremos, variando entre autoritários, caracterizados por uma supervisão rígida e limites estritos

sem espaço suficiente para diálogo, e permissivos, onde a falta de orientação e limites claros pode expor os jovens a riscos significativos online. Esses estilos parentais, situados nos extremos do espectro de práticas educativas, podem ter implicações adversas para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, assim como para a qualidade do relacionamento parental. Um modelo autoritário pode suprimir a expressão individual e a capacidade de tomada de decisão autônoma dos jovens, enquanto um modelo permissivo pode deixá-los sem a orientação necessária para navegar com segurança e responsabilidade no ambiente digital. Ambos os extremos podem comprometer o desenvolvimento de habilidades críticas necessárias para uma participação saudável e produtiva tanto no mundo digital quanto no físico, incluindo a capacidade de avaliar riscos, tomar decisões informadas e estabelecer relações interpessoais positivas.

A influência dos dispositivos digitais nas relações familiares é uma área de crescente investigação na literatura contemporânea. Kildare e Middlemiss (2017) destacam o papel perturbador de tecnologias de comunicação virtual, tais como smartphones e tablets, na qualidade das interações entre membros da família. A facilidade de acesso a estas ferramentas digitais promove um engajamento constante com o universo online, culminando na criação de uma falsa percepção de disponibilidade ininterrupta. Paradoxalmente, essa conectividade permanente compromete a profundidade e a qualidade da presença física e emocional no âmbito familiar. Este fenômeno, descrito pelos autores como "presença ausente", caracteriza-se pela situação em que os indivíduos, apesar de fisicamente presentes em um mesmo espaço, encontram-se mental e emocionalmente absorvidos por atividades digitais. Como consequência, as interações diretas e significativas face a face são relegadas a um segundo plano. O estudo de Kildare e Middlemiss (2017) sublinha, portanto, a importância de refletir sobre o uso consciente de dispositivos digitais no contexto familiar, visando preservar a qualidade das relações interpessoais.

A pesquisa destacada por Kildare e Middlemiss (2017), que aponta para a interferência dos dispositivos digitais nas relações familiares, encontra uma importante conexão com os estudos de Ashiabi e Neal (2015) sobre a importância dos momentos de qualidade entre pais e filhos. A constante conectividade digital, ao comprometer a presença física e emocional no ambiente familiar, pode efetivamente reduzir esses momentos essenciais para o desenvolvimento de vínculos afetivos robustos e para a facilitação de uma comunicação eficaz. A divisão da atenção entre as incessantes notificações de dispositivos digitais e as interações familiares diretas cria obstáculos significativos para a construção de um espaço caracterizado

por escuta ativa, empatia e compreensão mútua. Além disso, o comportamento dos pais em relação ao uso constante de tecnologias digitais serve como modelo para os filhos, estabelecendo um padrão de comportamento que estes últimos podem imitar, refletindo esses hábitos em seu próprio uso de tecnologia. Isso não apenas perpetua ciclos de interações superficiais dentro do núcleo familiar, mas também influencia as práticas de relacionamento das crianças fora desse contexto.

Ashiabi e Neal (2015) ressaltam a ideia de que os processos próximos, ou seja, as interações diretas entre pais/mães e filhos, desempenham um papel mais crucial no desenvolvimento humano do que o próprio contexto em que essas interações ocorrem. Eles argumentam que os efeitos de variáveis contextuais — sejam elas macro ou microssistêmicas — sobre o desenvolvimento social das crianças são, em grande medida, mediados por esses processos próximos. Portanto, a qualidade das interações pai/mãe-filho é um fator determinante no desenvolvimento social e emocional das crianças, enfatizando a necessidade de mitigar os efeitos disruptivos do uso de dispositivos digitais nas dinâmicas familiares. Assim, os estudos de Kildare e Middlemiss (2017) e Ashiabi e Neal (2015) coletivamente sublinham a importância de promover interações familiares ricas e significativas, livre das distrações impostas pelo mundo digital, como um alicerce para o bem-estar e desenvolvimento saudável das crianças.

O panorama atual, permeado pela superabundância de informações e pela perene conectividade viabilizada por tecnologias digitais, posiciona os pais em uma corrente ininterrupta de conteúdo, notícias e interações sociais. Conforme destacado por Falcão (2019), essa quase compulsória necessidade de manter-se conectado pode, ainda que não intencionalmente, propiciar um afastamento nas relações pais-filhos. O tempo e a atenção, inestimáveis para a interação e cuidado familiar, são frequentemente deslocados para as telas. Esse desvio é alarmante, especialmente ao considerar a influência predominante dos pais no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Interações significativas e engajamento ativo em atividades conjuntas são fundamentais para o reforço dos laços afetivos, bem como para o ensino de valores e competências essenciais para a vida. A presença constante das interrupções digitais e a predileção pelo universo online em detrimento do tempo físico e emocional compartilhado, podem comprometer seriamente esse processo. Destarte, é imperativo que se promova uma reflexão acurada sobre como balancear a existência digital com as obrigações inerentes à parentalidade.

A confluência desses estudos ressalta a necessidade de estratégias que mitiguem a invasão do digital no convívio familiar. A educação digital dos pais, que engloba a autogestão

do uso de dispositivos e o desenvolvimento de uma consciência sobre o impacto de suas escolhas tecnológicas, é crucial. Além disso, a criação de "zonas livres de dispositivos" e a designação de períodos para a desconexão digital podem facilitar o restabelecimento de um ambiente propício para o desenvolvimento sadio da criança.

A despeito dos inegáveis benefícios trazidos pelas tecnologias digitais para a sociedade, é imprescindível uma análise criteriosa acerca do impacto que a sua chegada tem exercido sobre o foco de atenção dos pais em relação aos filhos, bem como a percepção desses pais quanto à influência dessas tecnologias em seus relacionamentos parentais.

A ascensão e a integração ubíqua das tecnologias digitais no cotidiano familiar têm despertado um interesse acadêmico crescente em compreender como o uso dessas tecnologias por pais e mães afeta as relações parentais. A justificativa para uma pesquisa que investiga as percepções parentais reside na observação de que um ambiente saturado de estímulos digitais pode levar a uma diminuição na qualidade da atenção que pais dedicam a seus filhos. A multitarefa digital, que se tornou um comportamento comum em adultos, ameaça a capacidade de manter uma interação significativa e concentrada com as crianças, potencialmente enfraquecendo laços emocionais e a comunicação efetiva.

A relevância de tal estudo é acentuada pela urgência em entender as estratégias empregadas pelos pais para navegar os desafios impostos pela tecnologia, tais como a manutenção da privacidade, o manejo da segurança online e a garantia do direito ao esquecimento para si e para seus filhos. Avaliar como os pais percebem e lidam com a fusão dos espaços público e privado, especialmente no que tange à exposição de momentos familiares íntimos, é crítico para desenvolver práticas parentais conscientes e adaptadas à realidade digital.

A pesquisa proposta buscou, portanto, esclarecer como os pais interpretam o impacto de seu próprio engajamento com dispositivos digitais na qualidade das relações com seus filhos. Investigar essa percepção permitirá não apenas mapear a influência direta do comportamento dos pais no ambiente familiar, mas também contribuirá para a formulação de estratégias que promovam um uso equilibrado da tecnologia, resguardando a qualidade das interações parentais. Em suma, o estudo visa fornecer insights valiosos para a promoção de um ambiente familiar saudável e propício ao desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças na era digital. Este estudo se justifica, também, pela existência de lacunas na literatura científica concernente ao tema da parentalidade na cultura digital.

A pesquisa proposta, que se concentra nas percepções dos pais sobre a influência de seu uso de tecnologias digitais nos relacionamentos com os filhos, adquire especial relevância no

contexto atual da literatura científica. Embora existam numerosos estudos que mapeiam os efeitos das interações digitais em crianças e adolescentes - abordando temas como saúde, bem-estar (DUNCKLEY, 2015; PEIXOTO ET AL., 2020), aprendizado (PRABANDARI & YULIATI, 2016), segurança online e pegadas digitais (MASCHERONI ET AL., 2018) - há uma carência de pesquisas que delimitam as experiências e percepções dos pais. As investigações existentes tendem a se concentrar nas consequências do uso de tecnologias digitais por adultos, examinando fatores como narcisismo (ANDREASSEN ET AL., 2017), apoio e empoderamento através de comunidades online (VERMELHO ET AL., 2014) e os desafios da parentalidade no ambiente digital (MASCHERONI ET AL., 2018).

Por outro lado, as pesquisas que exploram como o uso tecnológico dos pais afetam suas relações parentais frequentemente empregam metodologias quantitativas (KUSHLEV, 2015; KILDARE & MIDDLEMISS, 2017; BRANDON & COYNE, 2014, 2016; BRANDON ET AL., 2012; BRANDON & DROUIN, 2019; BRANDON & RADESKY, 2018A, 2018B), o que, embora valioso, não abrange a riqueza e a nuance que uma abordagem qualitativa poderia revelar. Há, portanto, uma lacuna na compreensão detalhada e interpretativa das vivências dos pais, uma dimensão que uma metodologia qualitativa poderia elucidar com maior profundidade.

Uma metodologia qualitativa, portanto, é imprescindível para captar a complexidade e a profundidade das experiências, comportamentos e sentimentos dos pais em relação ao uso de tecnologias digitais. Tal abordagem permitiria uma compreensão mais rica e matizada das perspectivas parentais, iluminando não apenas como os pais percebem o impacto de suas práticas digitais, mas também como eles atribuem significado e navegam essas experiências no contexto dos relacionamentos com seus filhos. A profundidade que tais insights podem oferecer é fundamental para a criação de estratégias de educação digital familiar que sejam tanto informadas quanto adaptativas às necessidades específicas de pais e filhos na era digital.

Dessa forma, esse trabalho científico representa um passo significativo na direção de um entendimento mais profundo e embasado sobre a interseção da qualidade digital e a dinâmica familiar contemporânea. Ao mergulhar nas nuances da qualidade digital, este trabalho se propõe a expandir o arcabouço teórico existente, enriquecendo o corpo acadêmico com insights qualitativos que ressoam com a urgência e relevância do tema na era atual.

A importância desta investigação vai além do âmbito acadêmico; ele possui implicações práticas substanciais, com o potencial de influenciar políticas públicas e práticas domésticas que aspirem a um equilíbrio saudável no uso da tecnologia. Ao fazer isso, a pesquisa não apenas aborda uma lacuna crítica na literatura existente, mas também atua como um catalisador para o

diálogo e a ação entre acadêmicos, formuladores de políticas, educadores e a sociedade em geral, sobre como melhor integrar a tecnologia na vida familiar de maneira que enriqueça e não diminua a qualidade das relações interpessoais.

A necessidade de endossar pais e mães com o discernimento e as habilidades adequadas para se orientarem diante dos desafios inéditos impostos pela cultura digital é uma premissa vital deste projeto de pesquisa. A justificção para tal empreendimento está ancorada na ideia de que, ao ganhar uma compreensão mais aprofundada das suas próprias percepções e interações com as tecnologias digitais, os pais podem formular abordagens mais eficazes para acompanhar seus filhos pelas complexidades da cultura digital de maneira informada e consciente.

Ademais, é imperativo salientar a relevância de prover pais e mães com o conhecimento e as competências necessárias para enfrentar os desafios trazidos pela cultura digital. Também é importante destacar o valor que este trabalho terá para a formulação de práticas de autorregulação no uso da tecnologia por eles mesmos. Tal capacidade de autorregulação é decisiva, pois permite que os adultos estabeleçam limites saudáveis e exemplifiquem um comportamento digital responsável para seus filhos. Este estudo, portanto, não só busca fornecer aos pais os recursos para atuar como guias efetivos na experiência digital dos seus filhos, mas também ressalta a importância de desenvolverem estratégias próprias de autorregulação.

Assim foi conduzido o estudo, cujo objetivo central foi explorar e compreender as percepções de pais e mães acerca da influência de seu próprio uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos relacionamentos com seus filhos, dentro do contexto da cultura digital contemporânea. Especificamente, a pesquisa procurou entender as concepções que pais e mães tinham sobre o uso dessas tecnologias. Além disso, buscou-se compreender como os pais percebiam seu próprio envolvimento com as TDICs e de que forma esse uso se refletia em suas práticas parentais. Investigou-se também as ideias dos participantes a respeito da maternidade e paternidade ideais, captando as nuances das expectativas e realidades enfrentadas no atual contexto digital. Foi igualmente importante identificar, sob a perspectiva dos pais e mães, os impactos que o uso das TDICs exercia sobre o relacionamento com os filhos, mapeando os desafios e as oportunidades surgidas desse cenário. Finalmente, a pesquisa abordou quais as mudanças que os pais e mães achavam necessárias implementar em seu uso das TDICs, com o intuito de promover interações mais significativas e reais com seus filhos, fortalecendo assim os laços familiares nesse novo ambiente cultural definido pela digitalidade.

Na busca pela objetividade nas pesquisas científicas, confrontamo-nos com o desafio da impessoalidade, muitas vezes preconizada pela rigidez metodológica em prol de uma aparente neutralidade. Paradoxalmente, é na escolha do tema que essa ilusão de neutralidade se desvanece. Ao eleger um tema significativo, o pesquisador involuntariamente incorpora parte de sua subjetividade ao trabalho, evidenciando a impossibilidade completa de desvincular-se do processo de pesquisa.

Nesse contexto, reconheço a importância de reservar um espaço na tese de doutorado para uma breve apresentação. Posiciono-me como pesquisadora imersa na complexidade da investigação, explorando as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos âmbitos pessoal, social e científico. No entanto, é crucial ressaltar que a presença dessa subjetividade não compromete a adesão rigorosa às regras metodológicas exigidas para a pesquisa científica. Este equilíbrio busca assegurar que, mesmo diante da subjetividade, a pesquisa mantenha o necessário rigor metodológico-científico, reforçando a confiabilidade e validade dos resultados obtidos.

Pessoalmente, em minha jornada como mãe de uma menina de oito anos, confronto-me com o desafio de criá-la e educá-la na chamada "Nova Cultura Digital", sem possuir um guia que oriente o controle e a autorregulação do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) por ela e por todos os envolvidos em sua vida cotidiana. Como tantas outras famílias contemporâneas, responsáveis por crianças, experimento diariamente tanto as vantagens quanto as desvantagens das realidades virtuais, que se tornaram parte – ou, poderia dizer, substitutos - dos cuidados e educação dos filhos.

Neste cenário, me vejo envolvida em um dilema social compartilhado por pais/mães contemporâneos. Desejo que minha filha não seja vista como estranha por não ter acesso a todas as ferramentas e plataformas digitais disponíveis. No entanto, simultaneamente, carrego a responsabilidade de protegê-la e garantir sua saúde e segurança. Surge em mim uma dúvida inquietante sobre o futuro dela, questionando se o pleno envolvimento no universo digital é o caminho inevitável ou se é prudente adotar uma abordagem mais cautelosa.

Além disso, essa reflexão se amplia diante da incerteza sobre se o atual padrão de uso intensivo das TDICs por crianças é realmente necessário para o sucesso em futuras profissões ou se será uma exigência dessas profissões. Também me questiono se as habilidades e competências tradicionalmente cultivadas na educação podem ser inadvertidamente suprimidas pela onipresença das tecnologias. Essas dúvidas expressam a complexidade de equilibrar

valores e ideias, desafiando a forma tradicional de educar nossos filhos diante da chegada de algo novo e sem precedentes em nossa sociedade.

Por muito tempo, me senti exausta e isolada ao não encontrar alguém que pudesse me auxiliar a compreender o que estava acontecendo. Em meio a essa exaustão, reprimi minha intuição e acabei por abraçar o discurso social de que "este é o novo normal", seguindo o fluxo como parte de uma manada. Aos poucos, contudo, percebi que minha filha estava se perdendo em um mundo virtual, obcecada por smartphones e tablets. Como consequência, ela se tornou mais estressada, ansiosa e deprimida, o que acabava gerando mais tensão familiar e distanciamento parental.

Esse distanciamento gradual entre minha filha e eu também começou a impactar significativamente nossos relacionamentos. Enquanto ela se refugiava nos eletrônicos, percebi que eu mesma estava me acomodando com a conveniência que essa distração oferecia, sem perceber o distanciamento emocional que se instaurava. O dilema tornou-se evidente: embora os dispositivos eletrônicos proporcionassem um respiro momentâneo, sua presença constante estava afetando nossas conexões familiares, gerando uma lacuna que precisava ser abordada para manter um equilíbrio saudável entre o mundo digital e as relações pessoais.

O topo do iceberg sempre é o que avistamos primeiro, e sua aparição geralmente causa surpresa e apreensão. Minha filha foi a ponta do iceberg, e por muito tempo me preocupei e busquei ajuda para corrigir e polir apenas o que estava visível: o uso das TDICs por ela. No entanto, não percebia ou preferia não enxergar que meu esposo e eu estávamos "lá embaixo", sustentando e direcionando "a ponta". Somente quando reconheci que, como mãe, tinha a responsabilidade de não apenas educar minha filha sobre os efeitos e usos da tecnologia digital, mas também de me educar sobre o meu próprio uso, passei a olhar para dentro de mim e tentar identificar as causas de nossos problemas.

Ao me permitir essa reflexão sobre o uso das TDICs em minha família, estendi o olhar para além das fronteiras do meu lar e comecei a vislumbrar padrões semelhantes em outras famílias. Essa ampliação de perspectiva não apenas aguçou minha consciência para questões mais abrangentes, mas também me levou a questionamentos profundos sobre o impacto generalizado dessas tecnologias na dinâmica familiar contemporânea.

Foi aí que eu passei a me indagar se, como pais/mães, estamos plenamente conscientes da influência da cultura em nossos comportamentos, desejos e na forma como criamos e educamos nossos filhos. Será que percebemos o interesse financeiro sutilmente entrelaçado à vigilância e captação da atenção pelas plataformas digitais?

A mídia frequentemente ecoa a ideia de que o acesso irrestrito às TDICs é uma resposta necessária às demandas do mundo moderno, porém, ao analisar essas dinâmicas, questionei se esse discurso não serviria como um mecanismo de autopreservação, uma maneira de evitar a análise mais crítica e profunda sobre as implicações desses padrões no desenvolvimento infantil e nos laços familiares. O que se revela, portanto, são questões sobre a influência da sociedade contemporânea na construção desses paradigmas e como podemos, enquanto pais e mães, desafiar e redefinir esses padrões em prol do bem-estar de nossos filhos e do equilíbrio familiar.

Essas inquietações não se limitaram ao exterior, estendendo-se para meu próprio papel como protagonista e vítima do universo digital. Surgiu a questão crucial de se estamos verdadeiramente conscientes de que também somos alvo das mesmas distrações digitais que impactam diretamente nossos filhos. Essa autoconsciência revela uma dinâmica interativa, na qual as influências se entrelaçam, afetando tanto pais quanto filhos. Além disso, me deparei com a ponderação sobre se estamos cientes de que o nosso próprio uso das TDICs, como modelos a serem seguidos, exerce uma influência direta nos hábitos e comportamentos digitais de nossos filhos. Essa percepção, por vezes negligenciada, destaca a responsabilidade compartilhada e a interconexão entre as experiências digitais de toda a família.

Em meio a essas reflexões, emerge a necessidade premente de transcender as superficialidades da era digital e forjar, conscientemente, um caminho mais equilibrado e saudável para as futuras gerações.

Numa jornada de questionamentos, um dia decidi dar início à escrita da tese de doutorado. Cabe frisar que, apesar das aparências, não se trata de uma distopia. Ainda não alcançamos as considerações finais, mas posso partilhar uma reflexão sobre o que o mundo digital representa para mim. Parece-me que ele simplesmente amplia disposições já existentes sobre certas condições, como relação familiar, parentalidade, educação, medo e até amor.

No nível social, desde 2019, início do doutorado, senti a necessidade de usar as TDICs para dialogar sobre elas com outras famílias. Descobri que muitos pais e mães estavam profundamente preocupados com o impacto dos dispositivos portáteis, videogames, pornografia, mídias sociais, desafios online e streaming interminável na vida de seus filhos. Tais pais enxergavam somente o topo do iceberg - como eu um dia também o fiz - sem voltar o olhar para si mesmos, para a base do iceberg. Com isso, passei a utilizar minha própria rede social para conversar com eles sobre os impactos das TDICs na sociedade, na saúde e nos relacionamentos familiares.

Ao iniciar meu trabalho nas redes sociais, prometi a mim mesma que honraria os limites pessoais em relação à tecnologia, os quais tanto lutei para estabelecer. Reconheço que não é simples falar sobre equilíbrio de tecnologia digital enquanto se utiliza tecnologia digital, e creio que ninguém alcançou o equilíbrio tecnológico perfeito. No entanto, já aprendi muito. A verdade é que as novas ferramentas digitais são fascinantes. Contudo, o grande problema reside nas distrações digitais, estrategicamente concebidas para capturar nossa atenção e nos desviar da realidade. Como, então, nos concentrarmos no que realmente importa? Quando ouço falar de algoritmos de mídia social e da necessidade de curtidas e tráfego, esforço-me para lembrar meu verdadeiro propósito e objetivo. Continuarei a escolher a autenticidade em vez de algoritmos e pessoas em vez de pixels.

Ao longo de minha trajetória como pesquisadora, desde a graduação, minha abordagem tem sido impulsionada pela busca incessante por aplicar minha curiosidade humana e habilidades científicas na formulação de perguntas. O propósito dessas indagações transcende a mera obtenção de respostas; meu objetivo é direcionar esse conhecimento para benefícios tangíveis à humanidade. Encaro a ciência como uma intrincada teia suspensa, na qual os próprios humanos, como artífices dessa rede, podem utilizá-la de maneira estratégica para solucionar desafios e, assim, promover uma significativa melhoria na qualidade de vida e bem-estar de todos.

Essa teia, meticulosamente construída ao longo de muitos anos por inúmeras mentes de diferentes origens, está à nossa disposição como um recurso valioso. Portanto, cabe a nós moldá-la para refletir nossas questões e preocupações contemporâneas. Nesse contexto, vejo a pesquisa como uma ferramenta dinâmica e colaborativa, capaz de catalisar inovações e descobertas que reverberam positivamente em toda a sociedade.

A compreensão de que a ciência é uma força propulsora para o avanço humano impulsiona meu compromisso em contribuir para a construção dessa teia de conhecimento. Meu trabalho não se restringe apenas a investigar a natureza intrínseca de fenômenos, mas também a direcionar essa compreensão em direção a soluções práticas que possam efetivamente impactar e melhorar a vida das pessoas. Assim, a cada pergunta formulada, busco não apenas respostas, mas uma conexão mais profunda entre a ciência, a sociedade e a busca coletiva por um futuro mais promissor.

O advento das novas tecnologias digitais na sociedade contemporânea tem despertado, predominantemente, o interesse de pesquisadores da área da saúde, que buscam compreender seus impactos no funcionamento biológico, e de pesquisadores da área jurídica, focados em

analisar questões relacionadas à exposição e/ou violação de privacidade e dados pessoais, assim como o direito ao acesso à web. Contudo, considero crucial direcionar o olhar e estudo dessas tecnologias sob outras perspectivas científicas, principalmente no âmbito familiar, dado que sua conectividade ubíqua atinge desde bebês até avós.

É inegável que a interação desses novos "membros" familiares, como smartphones, tablets, videogames e PCs, está transformando as dinâmicas familiares. Essa revolução digital influencia não apenas a forma como os membros familiares interagem entre si, mas também sua relação com a sociedade como um todo. Diante desse cenário, percebo a necessidade urgente e a carência de estudos que abordem a influência dessas tecnologias na família.

Como pesquisadora, formada na área da saúde durante minha graduação e mestrado, estou migrando para a área da família devido a uma necessidade pessoal, profissional e científica de suprir essa demanda. A compreensão mais ampla dos efeitos das tecnologias digitais nas relações familiares torna-se crucial para abordar as transformações sociais em curso e contribuir para um entendimento mais abrangente do impacto dessas inovações.

Esta pesquisa é desenvolvida em uma estrutura composta por uma introdução, um desenvolvimento que abrange a revisão de literatura estruturada nos tópicos relevantes, e as considerações finais que sintetiza os insights e aponta direções para futuras pesquisas.

Na introdução, inicia-se a exploração do universo da parentalidade na cultura digital, estabelecendo as bases para um estudo aprofundado sobre o papel das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nas dinâmicas familiares contemporâneas. Este tópico desdobra-se em várias seções essenciais para contextualizar a pesquisa. Primeiramente, é apresentada uma definição abrangente das TDICs, destacando como estas ferramentas evoluíram para se tornarem elementos centrais nas interações sociais e familiares. Em seguida, aborda-se a importância do estudo, justificando a necessidade de investigar as percepções que os pais e mães têm sobre o seu próprio uso de TDICs e como isso influencia as suas relações parentais, evidenciando a relevância social, acadêmica e prática da pesquisa. Os objetivos, geral e específicos, são cuidadosamente delineados, refletindo a busca por compreender as nuances da interação tecnológica no âmbito familiar.

Por último, mas não menos importante, este tópico introduz a pesquisadora no contexto da pesquisa, revelando como suas experiências pessoais, sociais e científicas se entrelaçam com o tema em estudo. Esta seção pessoal proporciona uma visão íntima sobre a motivação da autora e seu posicionamento único frente ao tema, estabelecendo um vínculo com o leitor e destacando a perspectiva única que ela traz para a investigação. Através desta introdução, prepara-se o

terreno para uma jornada de descoberta sobre a complexidade das relações familiares mediadas pela tecnologia, sinalizando as contribuições significativas que este estudo se propõe a oferecer ao campo da parentalidade digital.

O desenvolvimento inicia-se com uma revisão de literatura abrangente, que apresenta as características da relação parental em cinco gerações. Iniciando com a Geração Baby Boom, prosseguindo com a Geração X, transitando para a Geração Y, também conhecida como Millennials, avançando para as peculiaridades da Geração Z e culminando com a nascente Geração Alfa, o texto aborda a evolução dos constructos familiares e práticas educativas em seu entrelaçamento com o contexto sociocultural e econômico de cada época. Esta abordagem longitudinal é essencial para decifrar as nuances de continuidade e transformação nos modelos de parentalidade e para antever as possíveis trajetórias futuras dessas interações no seio familiar à luz de mudanças paradigmáticas e inovações sociais.

Em seguida, a revisão avança para uma análise detalhada ancorada na perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Este exame permite uma exploração minuciosa de como ambientes interconectados influenciam as práticas parentais e o desenvolvimento infantil. Esta abordagem teórica permite uma exploração detalhada de como os sistemas interconectados influenciam as práticas parentais e o desenvolvimento da criança. Através das lentes do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, examina-se a interação complexa entre os contextos micro, meso, exo e macro e o cronossistema, enfatizando a importância das múltiplas camadas de ambiente que moldam e são moldadas pela dinâmica familiar. A integração desta perspectiva teórica robusta é vital para entender a construção social e individual da parentalidade ao longo do tempo, fornecendo um arcabouço para interpretar a transmissão de valores, comportamentos e expectativas entre as gerações.

Adicionalmente, a revisão destaca a ascensão das TDICs e suas repercussões na sociedade e nas estruturas familiares, estabelecendo novos desafios para a parentalidade no século XXI. Neste tópico é traçada uma linha temporal que principia com o advento da internet, segue pela disseminação do smartphone e o boom das mídias sociais, perpassa pela emergência da tecnologia persuasiva e culmina na consolidação de uma sociedade profundamente imbricada na era digital. Esta trajetória é explorada com o intuito de desvendar como as TDICs reconfiguraram as interações humanas, o comportamento social e as estruturas familiares, estabelecendo novos paradigmas e desafios para a parentalidade no século XXI. Esta seção também explora as diferenças geracionais no contexto da cultura digital, abordando o contraste

entre filhos nativos digitais e pais imigrantes digitais, e como as TDICs remodelam as dinâmicas e interações familiares.

Finalizando a revisão de literatura, o último tópico, intitulado "Família Wireless" - sem fio, apresenta o "filho da era digital", nascido e imerso na conectividade, em contraste com a "mãe na era digital" e o "pai na era digital", imigrantes neste novo mundo tecnológico. A análise foca nas dinâmicas familiares alteradas pelas TDICs. A seção também explora as preferências digitais que definem e diferenciam o "filho da era digital" dos pais na mesma era, avaliando como as práticas digitais moldam e são moldadas pelas funções e dinâmicas familiares. A importância de cada termo é ressaltada, delineando uma clara separação entre aqueles que são natos e os que são adaptados ao ambiente digital, e como essas diferenças influenciam a coesão e a interação familiar em um mundo cada vez mais digital.

A revisão de literatura segue para a metodologia. Neste segmento, justifica-se a adoção do método dialético como a espinha dorsal conceitual e metodológica do estudo, argumentando sua pertinência na análise de fenômenos sociais complexos e inter-relacionados, particularmente no contexto das interações familiares mediadas pela tecnologia. Um delineamento meticuloso das variáveis do estudo é apresentado, abrangendo: o desenho metodológico adotado, a caracterização dos participantes envolvidos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os procedimentos metodológicos específicos seguidos, as técnicas para análise de dados, e os critérios éticos seguidos para assegurar a integridade da pesquisa. Este capítulo é essencial para a compreensão da estrutura lógica e da execução prática da investigação científica realizada.

Os resultados e discussões são então apresentados, aqui é feita a apresentação e análise dos resultados obtidos na pesquisa em curso. Este tópico detalha as descobertas alcançadas através da metodologia aplicada, estruturando-as de maneira que permita uma compreensão clara e objetiva dos fenômenos estudados. Além da exposição dos resultados, procede-se com uma discussão criteriosa, na qual estes são confrontados com as evidências e argumentos previamente consolidados na literatura acadêmica. Este tópico tem o intuito de posicionar as novas descobertas no contexto mais amplo do conhecimento existente, sublinhando concordâncias, divergências e contribuições inéditas ao campo de estudo em questão. que destaca as contribuições inovadoras do estudo.

Por último é apresentado o tópico considerações finais, que visa sintetizar os principais achados e refletir sobre o significado mais amplo deste estudo para o campo da parentalidade na cultura digital. Neste espaço, é feito um sumário dos objetivos delineados e dos resultados

alcançados, avaliando como as metas propostas foram atingidas e as perguntas de pesquisa respondidas. Essa seção destaca as implicações práticas e teóricas do trabalho, enfatizando como a investigação contribui para o avanço do conhecimento sobre as percepções de pais e mães a respeito da influência que seu próprio uso de tecnologias digitais pode ter nos relacionamentos com seus filhos, dentro do contexto da cultura digital. É aqui que a pesquisa se conecta ao mundo além da academia, sugerindo como os insights podem informar políticas públicas, práticas parentais, e iniciativas educacionais.

As considerações finais também abordam as limitações do estudo, proporcionando uma visão equilibrada e crítica dos aspectos que poderiam ser aprimorados ou que necessitam de maior investigação. Além disso, este segmento é estratégico para apontar futuras direções de pesquisa, identificando lacunas no conhecimento que persistem e questionamentos que emergiram durante o processo de investigação. Isso serve como um convite para outros pesquisadores continuarem explorando as complexidades da parentalidade digital, e como uma orientação para estudos subsequentes que possam expandir e aprofundar o entendimento dos fenômenos estudados.

Este último tópico serve como um fechamento reflexivo do estudo, mas também como um ponto de partida para diálogos futuros e pesquisas adicionais. É um reconhecimento de que, enquanto algumas perguntas são respondidas, outras surgem, perpetuando o ciclo vital da pesquisa científica. Este estudo, portanto, não representa um fim, mas um elo na cadeia contínua do conhecimento, contribuindo para a construção de uma base sólida sobre a qual outras investigações podem ser construídas.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

Neste trabalho, optou-se pela revisão narrativa da literatura como estratégia metodológica para investigar as percepções de pais e mães a respeito da influência que seu próprio uso de tecnologias digitais pode ter nos relacionamentos com seus filhos, dentro do contexto da cultura digital. A escolha deste método é fundamentada na sua capacidade de proporcionar uma visão ampla e contextualizada do tema estudado, através da descrição detalhada e interpretação crítica de literatura relevante, seja ela qualitativa ou quantitativa. Essa abordagem é vital para alcançar uma compreensão profunda e matizada do fenômeno em estudo, pois ela enfatiza a análise interpretativa e a contextualização dos achados em relação à evolução do tema ao longo do tempo.

A revisão narrativa é particularmente valiosa por sua flexibilidade na seleção e síntese de estudos, permitindo uma exploração aprofundada das teorias e achados empíricos que moldam a compreensão atual dos comportamentos dos pais em relação à sua inserção na cultura digital. Além disso, a aplicação da revisão narrativa neste estudo destaca a importância de entender as TDICs não somente como ferramentas ou plataformas, mas como elementos centrais na transformação das dinâmicas relacionais e estruturas familiares.

O primeiro tópico abordado na revisão integrativa de literatura foca na evolução da dinâmica parental ao longo de cinco gerações, destacando como a progressão tecnológica influenciou profundamente os comportamentos, as competências e as relações familiares. A análise detalhada dessas relações desde o século XVII até a contemporaneidade revela uma transição significativa nos papéis e nas práticas parentais, evidenciando a interação entre avanços tecnológicos e mudanças sociais e culturais. Esse panorama histórico permite compreender como as tecnologias de cada época contribuíram para moldar as preferências, habilidades e características relacionais parentais e infantis, refletindo diretamente na construção da identidade das crianças dentro do ambiente familiar.

A revisão prossegue com um exame detalhado da parentalidade através do prisma da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, elucidando a interação entre os diversos ambientes de desenvolvimento da criança e o papel dos pais dentro desses contextos.

Em sequência, a revisão dedica-se ao estudo da ascensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e ao papel que estas desempenham na sociedade contemporânea. Isso engloba a evolução da comunicação em rede, a expansão dos dispositivos móveis e das mídias sociais, bem como as estratégias tecnológicas que capturam e direcionam a atenção dos usuários. O exame desses fenômenos inclui a emergência de terminologias que surgiram em resposta à disseminação das TDICs e às transformações sociais advindas dessa disseminação.

Concluindo a revisão, a pesquisa delinea o comportamento das famílias na cultura digital, explorando como as preferências tecnológicas e a introdução das TDICs alteram as práticas de interação parental.

Cada tópico da revisão de literatura será introduzido com uma passagem do livro "Fahrenheit 451" (BRADBURY, 1953). Essa escolha visa incentivar o leitor a refletir e fazer analogias com base na distopia clássica de Ray Bradbury, cuja trama aborda a tecnologia como pano de fundo. Na distopia criada pelo autor em 1953, a televisão é interativa, e todos os

programas assemelham-se a reality shows, nos quais as pessoas interagem com os participantes e até mesmo podem receber um roteiro para se tornarem personagens durante a programação, exercendo assim um papel fictício enquanto assistem.

O romance também retrata o comportamento de uma pessoa "viciada" nessa forma de interação, que passa a acreditar fazer parte da "família" televisiva. A apresentação dessa personagem "viciada", esposa do protagonista, é acompanhada de todas as reações patológicas decorrentes do mundo da interação virtual para aqueles que se entregam ou são compelidos a participar da irrealdade virtual. Na distopia, a única forma de interação presente é aquela por meio dos meios de comunicação.

O título "Fahrenheit 451" faz alusão à temperatura ideal necessária para que os livros queimem. O autor destaca esse fato com o intuito de mostrar como as adaptações televisivas interativas podem comprometer a sobrevivência dos livros e tudo o que eles representam para a humanidade. A grande semelhança entre o romance de Bradbury e a sociedade contemporânea reside na ameaça latente e real da ignorância e falta de educação. Apesar de a sociedade contemporânea possuir acesso à informação, muitas vezes prefere se entorpecer com a sensação de prazer e tranquilidade proporcionada pela imersão em grandes telas interativas. Os habitantes dessa sociedade são movidos pelos prazeres da vida, negligenciando, assim, as adversidades, angústias e dúvidas, que são desprezadas, desvalorizadas, reprimidas e perseguidas pela "massa".

"Fahrenheit 451" se diferencia das outras duas grandes distopias - "1984" (ORWELL, 1949) e "Admirável Mundo Novo" (HUXLEY, 1932) - por focar não em um Estado totalitário e repressivo, mas sim em uma cultura da maioria que se torna opressora. Além disso, o declínio dos livros clássicos, a valorização das adaptações televisivas e a disseminação constante de informações breves, superficiais e espetaculares levaram as pessoas dessa sociedade a abandonar diversas formas de expressão artística cujo propósito é levar o "Outro" à reflexão. Nesse contexto, Ray Bradbury apresenta a sociedade não como mera vítima, mas como parte integrante do próprio sistema opressor que a enfraquece.

Assim, esta revisão de literatura se propõe a lançar luz sobre as transformações familiares e sociais impulsionadas pela tecnologia e as implicações no desenvolvimento infantil, permitindo uma análise crítica dos desafios e oportunidades que a era digital apresenta às famílias e à sociedade como um todo.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO PARENTAL EM CINCO GERAÇÕES

“Você conhece a lenda de Hércules e Anteu, o gigantesco lutador cuja força era invencível desde que ele ficasse firmemente plantado na terra? Mas quando Hércules o ergue no ar, deixando-o sem raízes, ele facilmente pereceu. Se não existe nessa lenda nenhuma ligação para nós hoje, nesta cidade, em nosso tempo, então sou um completo demente.”

Ray Bradbury. Trecho do livro *Fahrenheit 451*, p. 108 (1953).

A família é a primeira organização social da qual a criança faz parte. É nela que os primeiros conhecimentos voltados para o convívio em sociedade são construídos. No seio familiar, as crianças têm contato, desde muito cedo, com os hábitos e costumes que as influenciarão ao longo da vida. Apesar das múltiplas alterações nas estruturas familiares, esta ainda é considerada parte fundamental da vida social, estabelecendo conexões com diferentes instâncias sociais e contribuindo para a construção da identidade individual e coletiva (ENGELMANN; PETRINI, 2016).

A família, como uma célula fundamental da sociedade e do desenvolvimento humano, pode ser compreendida como um meio de introdução na cultura. Através dela, crenças e valores necessários para o desenvolvimento e socialização de seus membros são transmitidos (SÁ; RABINOVICH, 2016).

De acordo com Rodriguez (2017), a compreensão das construções relacionais no contexto familiar foi ampliada após a definição dos termos "maternidade" e "paternidade", uma vez que se destinam à nomeação dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem a partir destes. Os laços entre mães/pais e filhos são constituídos pelas atividades de cuidado cotidiano que envolvem o filho. São esses cuidados que asseguram um bom desenvolvimento físico, emocional e social, uma vez que, no processo de desenvolvimento, eles necessitam de interações positivas e de cuidados adequados realizados por pessoas preocupadas com sua saúde e bem-estar (SOUZA, 2011).

Durante os primeiros anos de desenvolvimento, a criança adquire gradualmente um senso de identidade por meio da interação com o ambiente. O primeiro estágio desse processo é a crise de confiança básica versus desconfiança, no qual o comportamento do principal provedor(es) de cuidados é fundamental para estabelecer a confiança da criança. Essa identidade básica, formada nos primeiros anos de desenvolvimento, influenciará a resolução das tarefas presentes nos estágios posteriores (ERIKSON, 1980). A figura que representa a vinculação para a criança desempenha o papel de uma "base segura", sempre disponível e próxima, visando garantir sua proteção quando necessário e solicitado (TERENO; MATOS,

2017). Portanto, o desenvolvimento emocional e saudável da criança está diretamente relacionado com a formação de vínculos, principalmente com seus pais (mães e pais).

Diversas pesquisas e estudos apontam os primeiros anos de vida de uma criança como os mais cruciais para o seu desenvolvimento (BRUM; SCHERMANN, 2004; ANDRADE, 2010; ANDRADE, 2005). Durante a primeira infância, a criança recebe da família os primeiros cuidados e estímulos necessários para o seu desenvolvimento pleno. A adequada estimulação familiar ocorre por meio das interações que a criança tem, tanto com adultos quanto com outras crianças. São esses processos próximos que contribuem para a percepção, direção, controle de comportamento, conhecimento e habilidades da criança (ANDRADE et al, 2005).

Os primeiros anos de vida de uma criança são influenciados pela qualidade das relações socioafetivas, especialmente aquelas estabelecidas com seus cuidadores. Esses laços familiares moldam a formação da criança como ser humano, uma vez que exercem influência direta em sua personalidade e educação (BRUM; SCHERMANN, 2004). Nos últimos anos, a globalização, a flexibilidade no trabalho e os novos padrões de consumo têm levado a uma maior preocupação das famílias brasileiras em promover autonomia, responsabilidade, curiosidade, independência e autocontrole (DESSEN; TORRES, 2002). Cada geração traz consigo características geracionais genéricas, incluindo antecedentes históricos, status socioeconômico, contexto de criação, experiência e exposição à tecnologia.

As particularidades da parentalidade de cada geração refletem como mães e pais de cada época percebem o mundo ao seu redor e como isso afeta a vida familiar e o relacionamento com seus filhos. Ao examinar as várias características de cada geração e compreender suas experiências de vida, é possível visualizar com mais clareza as variáveis que contribuíram para as mudanças nos papéis e tendências parentais atuais. Portanto, o estudo das gerações pode auxiliar tanto pesquisadores que buscam entender os desafios da convivência social e familiar quanto as famílias que necessitam de bons canais de comunicação entre os membros de diferentes gerações.

Por todos esses motivos, este estudo explorará as características e os efeitos da parentalidade e da cultura ao longo de cinco gerações: Geração Baby Boomers (1945-1964); Geração X (1965-1984); Geração Y ou Millennials (1985-1999); Geração Z (1997-2010) e Geração Alfa (após 2010).

2.1.1 Geração Baby Boomers

Os Baby Boomers, nascidos aproximadamente entre 1945 e 1964, formam uma geração singular que surgiu após a Segunda Guerra Mundial. O termo "Baby Boom" originou-se do aumento extraordinário das taxas de natalidade naquele período, impulsionado pelo retorno dos soldados às suas casas. No Brasil, esse período também coincide com o início da ditadura militar, um contexto que teve uma influência marcante nas características dessa geração no país.

Uma das características distintivas dos Baby Boomers é a sua mentalidade questionadora e autoritária, combinada com um otimismo inabalável. Essa geração é conhecida por valorizar a lealdade, o comprometimento e a confiança. Eles têm grande respeito pela hierarquia e esperam o mesmo respeito das gerações mais jovens. Além disso, os Baby Boomers dão grande ênfase à carreira, à estabilidade profissional e à ética no trabalho.

Em termos tecnológicos, os Boomers cresceram em um ambiente que viu o surgimento da televisão e a proliferação do telefone como as principais inovações. No entanto, diferentemente das gerações subsequentes, eles não tiveram a mesma imersão na era digital desde o início. Como resultado, muitos Baby Boomers enfrentam dificuldades em lidar com as mudanças rápidas e abruptas trazidas pelas novas ferramentas e aplicativos tecnológicos.

Essa dificuldade tecnológica é uma consequência direta da preferência dos Boomers por abordagens de aprendizado que envolvem tempo, atenção, dedicação e repetição. Eles estão acostumados a aprender passo a passo, uma coisa de cada vez, em um ambiente individualizado. Essa abordagem está em contraste com as novas formas de aprendizado que caracterizam as gerações mais jovens, que tendem a abraçar a multitarefa e a utilizar recursos multimídia em seu processo de aprendizado.

A comunicação face a face é outra característica marcante dos Baby Boomers. Para eles, a linguagem corporal e as pistas não verbais são cruciais para uma compreensão completa do que está sendo dito ou ensinado. Isso não significa que eles nunca tenham adotado as novas formas de comunicação digital, mas essa transição muitas vezes ocorreu de maneira gradual, com a ajuda de seus filhos e netos.

Além disso, os Baby Boomers desempenharam um papel fundamental na evolução da parentalidade. Eles introduziram uma abordagem mais protetora para a criação de filhos, que foi amplamente adotada nas gerações seguintes. O Estado, a mídia e as especializações profissionais apoiaram essa tendência, resultando em medidas de proteção infantil que não existiam em épocas anteriores. Itens como "cercadinhos" para bebês, a preocupação em evitar produtos que contenham substâncias prejudiciais como o bisfenol A, bem como o uso de carrinhos e cadeirinhas infantis, ganharam popularidade durante a parentalidade dessa geração.

Apesar disso, os pais Boomers também valorizavam o tempo de qualidade com seus filhos, seja através de brincadeiras, educação ativa ou simplesmente compartilhando momentos de alimentação juntos.

Em suma, os Baby Boomers são uma geração rica em experiências e características distintivas, moldadas por eventos históricos e tecnológicos de sua época. Suas atitudes em relação à tecnologia e à comunicação refletem a influência de uma era diferente, enquanto sua abordagem à parentalidade deixou um legado duradouro nas gerações seguintes.

2.1.2 Geração X

A Geração X (1965-1980) é uma coorte que se destaca por ter vivido em um período de profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas, como descrito por Santos e colaboradores em seu estudo sobre essa geração (SANTOS et al, 2011). Crescendo em um contexto global marcado por eventos históricos de grande relevância, essa geração testemunhou e participou ativamente de várias revoluções culturais e políticas que moldaram sua identidade e perspectivas.

Um dos marcos históricos que deixou uma forte impressão na Geração X foi o ativismo pelos direitos civis e igualdade, com figuras notáveis como Martin Luther King Jr., que liderou a luta contra a segregação racial nos Estados Unidos. Além disso, essa coorte foi profundamente impactada pela Guerra Fria, vivenciando um mundo dividido em blocos ideológicos e a constante ameaça de um conflito nuclear. A queda do Muro de Berlim, em 1989, simbolizou o fim dessa era de tensões geopolíticas e marcou o início de uma nova fase global.

Do ponto de vista cultural, a Geração X deu origem a movimentos como os "Hippies", que buscavam uma sociedade mais igualitária e sustentável, rejeitando valores tradicionais e defendendo a liberdade individual. Esses ideais foram amplamente disseminados por meio da música e das manifestações contraculturais da época.

Um dos elementos mais distintivos da Geração X foi sua adaptação rápida e pioneira ao desenvolvimento tecnológico. Embora os computadores já existissem nas décadas anteriores, foi com a criação do microprocessador pela Intel em 1970 que a informação se tornou mais acessível e manipulável. A Geração X foi a primeira a adotar computadores pessoais, e-mails e a internet como ferramentas de trabalho e comunicação, como ressaltado por Santos e colaboradores (SANTOS et al, 2011). Esse domínio tecnológico desempenhou um papel fundamental em sua abordagem pragmática em relação à vida e ao trabalho.

No âmbito familiar, a Geração X enfrentou desafios únicos. Muitas mães dessa geração buscaram conciliar a criação de seus filhos com a necessidade de entrar no mercado de trabalho, o que coincidiu com um aumento nas taxas de divórcio. Esse equilíbrio delicado entre vida profissional e familiar moldou suas experiências parentais e influenciou sua ênfase no planejamento familiar como forma de assegurar uma vida equilibrada.

Em resumo, a Geração X é uma coorte que se desenvolveu em um período de intensas mudanças sociais, políticas e tecnológicas, como destacado por Santos e colaboradores em sua pesquisa (SANTOS et al, 2011). Seu legado como "Imigrantes Digitais" e seu compromisso com a busca da liberdade e igualdade continuam a influenciar a sociedade contemporânea.

2.1.3 Geração Y ou Millennials

A Geração Y, composta por indivíduos nascidos entre 1980 e 1995, é frequentemente referida como "Millennials" devido à sua entrada na fase adulta e ao ingresso na educação superior ou no mercado de trabalho durante a transição do século XX para o século XXI. Esta geração é notória por ser considerada "nativa digital", um termo que reflete sua imersão nas tecnologias da era digital, como computadores, internet e dispositivos móveis desde tenra idade. Essa familiaridade com a tecnologia confere aos Millennials uma influência marcante sobre as gerações anteriores, desempenhando um papel crucial no auxílio destas na aquisição de competências digitais (JONAS-DWYER; POSPISIL, 2004). Tal proficiência tecnológica moldou suas expectativas de integração contínua da tecnologia em suas vidas.

Os indivíduos da Geração Y preferem se comunicar por meio de ferramentas de tecnologia digital, como mensagens de texto, jogos online e redes sociais. Eles são reconhecidos por sua habilidade em utilizar a tecnologia para coletar e compartilhar informações, tornando-se ativos participantes na economia da informação. Apesar de serem comunicativos e apreciarem o trabalho em equipe, cresceram em um ambiente que valoriza a pressão por resultados e metas, o que pode contribuir para seu perfil mais ansioso e preocupado com o desempenho.

Outra característica distintiva da Geração Y é sua aversão ao risco, uma característica frequentemente atribuída à influência de pais superprotetores e elogiosos. Além disso, essa geração, juntamente com a Geração Z subsequente, tende a praticar a multitarefa, realizando várias atividades simultaneamente, como ouvir música, falar ao telefone e utilizar o computador, considerando essa prática como algo natural. Esse estilo de vida agitado e a

constante alternância de tarefas podem ter impactado negativamente o pensamento crítico dessa geração (NICHOLAS, 2008). No entanto, eles são reconhecidos por sua alta criatividade, flexibilidade e habilidades sociais no ambiente de trabalho. Também valorizam a proximidade com figuras de autoridade, estendendo uma tendência similar à relação que mantêm com seus pais. Contudo, a busca por relações pessoais próximas pode, em alguns casos, comprometer sua privacidade e vida familiar.

Os Millennials desempenharam um papel significativo nas decisões familiares desde a infância, o que os torna conhecidos como a "geração empoderada" (SWANZEN, 2018). Foram criados por pais pertencentes à Geração Boomer, que acompanharam atentamente todos os aspectos de suas vidas.

As mães e pais da Geração Y, muitas vezes referidos como "pais helicópteros", desempenharam um papel fundamental na vida de seus filhos. Esse termo, "pais helicópteros", foi cunhado para descrever um estilo de parentalidade caracterizado pela supervisão intensa e constante, semelhante à forma como um helicóptero paira no ar. Essa expressão reflete a ideia de que esses pais estão sempre presentes, prontos para intervir e proteger seus filhos em qualquer situação.

Uma das razões para esse comportamento superprotetor está relacionada à época em que esses pais cresceram. Muitos deles fazem parte da Geração Baby Boomer ou Geração X e, durante sua infância e adolescência, experimentaram um mundo que era menos conectado digitalmente e talvez mais perigoso em alguns aspectos. Como resultado, eles podem ter desenvolvido uma preocupação natural com a segurança e o bem-estar de seus filhos, o que se traduz em um desejo de monitorar de perto suas atividades e decisões.

Os "pais helicópteros" frequentemente tomam medidas para garantir que seus filhos estejam seguros em todos os aspectos da vida, desde a escola até as atividades extracurriculares e as interações online. Eles podem supervisionar de perto as notas escolares, as amizades e até mesmo as escolhas de carreira de seus filhos. Além disso, a revolução tecnológica da era digital permitiu que esses pais usassem a tecnologia como uma ferramenta para manter um controle ainda maior sobre a vida de seus filhos, por meio do rastreamento de dispositivos móveis e do acesso constante às redes sociais.

No entanto, esse estilo de parentalidade não está isento de críticas e controvérsias. Enquanto os "pais helicópteros" têm a intenção de proteger seus filhos, muitas vezes são acusados de sufocá-los, impedindo que desenvolvam independência, resiliência e habilidades

de tomada de decisão por conta própria. Além disso, essa constante supervisão pode criar uma pressão adicional sobre os filhos, levando a altos níveis de estresse e ansiedade.

Em resumo, os "pais helicópteros" da Geração Y representam uma faceta interessante da dinâmica entre gerações, moldando a forma como os Millennials percebem o mundo e influenciando suas atitudes em relação à independência, responsabilidade e relações interpessoais. Esse estilo de parentalidade tem seus prós e contras, e seu impacto na Geração Y é um tema de discussão em evolução.

2.1.4 A Geração Z

A Geração Z, composta por indivíduos nascidos entre 1995 e 2010, representa uma coorte demográfica cujo desenvolvimento e formação foram profundamente influenciados pela ubiquidade da Internet e das plataformas digitais de interação social. Essa geração é frequentemente descrita como nativa digital, uma vez que não conhece um mundo desprovido da conectividade virtual (PRENSKY, 2001).

Como apontado por Veloso et al. (2008), os membros da Geração Z demonstram uma preferência marcante por meios de comunicação mediados pela tecnologia, relegando a interação presencial a um papel secundário em suas vidas. Nesse sentido, as redes sociais emergem como o principal canal de comunicação, onde esses indivíduos investem grande parte de seu tempo.

Segundo Boyd (2014), as redes sociais não são apenas uma ferramenta de comunicação, mas também influenciam fortemente as preferências, opiniões e estilos de vida da Geração Z. Os parâmetros e métricas das redes sociais desempenham um papel crucial em suas escolhas e na tomada de decisões cotidianas, muitas vezes moldando seus valores e aspirações.

Um traço distintivo da Geração Z é sua busca incessante por gratificação instantânea, um fenômeno amplificado pela experiência de vida digital (TWENGE, 2017). A capacidade de realizar multitarefas, embora comum entre eles, frequentemente resulta em uma atenção fragmentada, comprometendo sua capacidade de concentração e reflexão profunda.

Além disso, essa geração experimenta precocemente questões adultas, como o consumo de álcool, drogas e o início da atividade sexual (BEYENS et al, 2018). O que outrora seriam comportamentos considerados arriscados e ousados agora são percebidos como banais e desprovidos de novidade.

A influência dos pais da Geração X, caracterizados por uma abordagem pragmática e independente da vida, também desempenha um papel significativo no desenvolvimento da

Geração Z (TWENGE, 2017). Desde tenra idade, esses jovens são incentivados a buscar independência e trilhar seu próprio caminho no mundo. No entanto, um aspecto preocupante emerge no cenário da Geração Z: uma aparente deficiência na inteligência emocional (CSOBANKA, 2016). Esse déficit é atribuído, em parte, à diminuição dos relacionamentos e momentos familiares presenciais, que estão cedendo espaço para interações digitais.

Em suma, a Geração Z é um fenômeno único e complexo no contexto sociocultural contemporâneo. Sua imersão na era digital moldou suas preferências, valores e até mesmo sua forma de interagir com o mundo. Compreender essa geração é essencial para a adaptação e o desenvolvimento contínuo da sociedade em um cenário cada vez mais digital e interconectado.

2.1.5 Geração Alfa

"Alfa" é a designação atribuída à primeira letra do alfabeto grego (A, α), e a "Geração Alfa" recebe esse nome por ser a primeira geração a nascer no século XXI. Especificamente, essa geração abrange os indivíduos nascidos a partir de 2010 (TOLEDO et al, 2012). A maioria dos membros da Geração Alfa possui atualmente menos de 12 anos, com os mais velhos ingressando na adolescência em 2022. Notavelmente, os Alfas são os filhos da Geração Y e Z, e é a familiaridade da Geração Z com as novas tecnologias que contribuiu para que os Alfas herdassem essa característica de forma mais acentuada.

A Geração Alfa é conhecida por sua preferência pelas interações virtuais e tecnológicas. Desde tenra idade, essas crianças demonstram uma destreza excepcional no manuseio de dispositivos eletrônicos, como smartphones, computadores e tablets, superando em habilidades seus próprios pais, que cresceram em uma era em que a internet estava em desenvolvimento.

A Geração Alfa, nascida a partir de 2010, se destaca por sua profunda conexão com o mercado digital. Esse vínculo estreito com a tecnologia desde os primeiros anos de vida cria uma dinâmica única entre os Alfas e o mundo digital, que é essencial para entender seu impacto no mercado.

Essas crianças crescem em um ambiente onde a tecnologia é onipresente. Desde tenra idade, eles demonstram um domínio notável sobre dispositivos eletrônicos, como smartphones, computadores e tablets. Essa proficiência supera a de seus pais e até mesmo da Geração Z, que foi a precursora na adoção de tecnologias digitais. Consequentemente, os Alfas estão imersos no mundo online, nas redes sociais e nas mídias digitais desde os primeiros passos de sua jornada de vida.

A familiaridade dos Alfas com a tecnologia tem implicações profundas no mercado digital. Eles compreendem conceitos como compras online, assinaturas digitais e carteiras eletrônicas antes mesmo de completarem dez anos de idade. Isso os torna consumidores potenciais de produtos e serviços digitais, o que gera um impacto significativo nas estratégias de marketing das empresas. As marcas precisam se adaptar para atrair e envolver essa nova geração, que está constantemente conectada e é altamente influenciada pelo conteúdo digital.

Os Alfas também desempenham um papel importante como influenciadores digitais. Sua presença nas redes sociais e a capacidade de criar conteúdo digital são fenômenos a serem observados. Muitas vezes, eles são a voz de autoridade para outros membros de sua geração e, às vezes, até para gerações mais antigas. Empresas estão buscando colaborações com esses jovens influenciadores para promover seus produtos e serviços, reconhecendo o poder de alcance e influência que eles têm no espaço digital.

Além disso, a Geração Alfa está moldando o desenvolvimento de novas tecnologias e produtos. Sua demanda por experiências digitais aprimoradas e interativas está impulsionando a inovação em áreas como realidade aumentada, jogos interativos e educação online.

O mundo da Geração Alfa é caracterizado pela imersão total na tecnologia em todas as suas formas, incluindo o uso de entregas por drones, a experiência da realidade aumentada, a adoção de casas inteligentes e a interação com robôs. Além disso, eles enfrentaram desafios significativos, como a transição para o ensino remoto emergencial mediado por tecnologia digital, aulas via Zoom, bloqueios, distanciamento social e atividades virtuais, tudo como resposta ao cenário global gerado pela pandemia do COVID-19. O enfrentamento dessa pandemia, juntamente com seus impactos sociais, psicológicos, educacionais, econômicos e familiares, sem dúvida, deixará marcas profundas no desenvolvimento dessa geração.

É crucial destacar que, à medida que a Geração Alfa atinge a maioridade, ela se torna parte de um experimento global envolvendo a introdução e imersão de crianças em telas eletrônicas durante a primeira infância, mesmo antes dos 3 anos de idade. A incorporação de telas e tecnologia nesse estágio do desenvolvimento tem implicações significativas na formação física, emocional e social desses indivíduos.

2.2 A PARENTALIDADE SOB A ÓTICA DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

“Meus filhos ficam na escola nove dias seguidos e depois eles têm um dia de folga. Eu os aguento em casa três dias por mês; não é nada de mais. A gente põe as crianças

no "salão" e liga o interruptor. É como lavar roupa: é só enviar as roupas sujas na máquina e fechar a tampa - A sra. Bowles riu. - Para elas tanto faz me dar um chute ou um beijo. Graças a Deus eu também sei chutar!"

Ray Bradbury. Trecho do livro Fahrenheit 451, p. 123 (1953).

A Teoria do Desenvolvimento Humano, formulada por Urie Bronfenbrenner, foi publicada no final da década de 70. Por meio dessa teoria, o autor expôs ao campo científico importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais. Segundo Bronfenbrenner, o modo - considerado por ele - "tradicional" de estudo do desenvolvimento humano não correspondia à realidade porque era "fora do contexto", uma vez que focava somente na pessoa em desenvolvimento dentro de um ambiente restrito e estático, ignorando as múltiplas influências dos contextos em que os sujeitos viviam (BRONFENBRENNER, 1979).

As formas artificiais e limitadas pelas quais as pesquisas eram conduzidas sempre foram criticadas por Bronfenbrenner (DELGADO, 2009). Ele defendia que tais investigações eram inadequadas para o estudo dos processos de desenvolvimento (ROSA; TUDGE, 2013). Por conta da limitação no campo de pesquisa em psicologia, principalmente os estudos conduzidos em ambientes de laboratório e as demandas de políticos interessados em políticas sociais relevantes para crianças, adolescentes e suas famílias, Bronfenbrenner decide iniciar a sua teoria sobre o desenvolvimento humano (ZILMER, 2011).

A noção de que o desenvolvimento é influenciado pelo meio ambiente já era familiar e comum na ciência da época, no entanto, Bronfenbrenner argumentou que, apesar desse entendimento comum, pouca atenção foi dada à pesquisa sobre influências ambientais no desenvolvimento humano. Por este motivo, ele privilegia, em sua teoria, estudos sobre o desenvolvimento de forma contextualizada e em ambientes naturais, visando apreender a realidade tal como é vivida e percebida pelo ser humano no contexto em que habita (BRONFENBRENNER, 1979).

No seu livro intitulado "A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados", lançado em 1979, Bronfenbrenner apresentou os pressupostos iniciais da sua teoria (BRONFENBRENNER, 1979). Em 2004, o autor reestruturou e ampliou a aplicabilidade de sua teoria, ajustando seu conceito de acordo com a atualização do enfoque. O desenvolvimento humano passa a ser caracterizado como um fenômeno de continuidade e mudança de características biopsicológicas de seres humanos, tanto em nível individual quanto

grupal. Tal processo se estende ao longo do curso de vida, por meio de gerações sucessivas e do tempo histórico, tanto no passado como no futuro.

Com a reformulação da sua teoria, Bronfenbrenner passa a adotar a compreensão bioecológica do desenvolvimento humano e propõe a contemplação de um esquema de quatro aspectos inter-relacionais para o entendimento do desenvolvimento humano: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo – “Modelo PPCT”. Sendo assim, o foco recai sobre o indivíduo e suas disposições do tempo e a interação entre a pessoa e o contexto (POLETTI; KOLLER, 2008). O Modelo Bioecológico é adotado como mais adequado para o entendimento do desenvolvimento humano, pois este passa a ser compreendido como um processo recíproco, resultante da interação dos vários sistemas que o compõem. Assim, a transição entre cada um desses ambientes e a qualidade relacional estabelecida influenciarão o trajeto desenvolvimental (CAVALCANTE et al, 2020). A teoria de Urie Bronfenbrenner firma-se com o nome de Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, passando a ser encontrada na literatura científica com esta definição e utilizada em várias áreas (ROTHER; MEJIA, 2015).

A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner tem exercido forte influência no campo dos cuidados e desenvolvimento das crianças. A força da validade dessa teoria se deve, em grande parte, ao seu potencial de orientar novas direções e desenvolvimento na atenção à infância e à juventude. Em sua teoria, Urie afirma que as crianças são influenciadas por quatro grupos ou “sistemas” que têm uma série de regras e funções e que acabam gerando as consequências no desenvolvimento pessoal de cada um (BRONFENBRENNER, 1979). Por conta disso, o indivíduo em desenvolvimento é visto como influenciando e sendo influenciado pelo meio ambiente. Na teoria de Bronfenbrenner, a família desempenha um papel fundamental, uma vez que ela age como microssistema no qual o desenvolvimento ocorre; também interfere através das características pessoais de todos os indivíduos da família e, também contribui em termos de interações entre os membros da família como parte dos processos proximais.

Em síntese, a Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner revolucionou a compreensão do desenvolvimento humano ao destacar a importância das interações complexas entre o indivíduo, seu contexto e o tempo. Ao enfatizar a necessidade de estudar o desenvolvimento em ambientes naturais e considerar a influência de múltiplos sistemas, Bronfenbrenner ofereceu uma abordagem mais abrangente e contextualizada. Sua teoria continua a inspirar pesquisadores e profissionais na área do desenvolvimento infantil, fornecendo um quadro sólido para compreender as influências que moldam as vidas das crianças e jovens. A ênfase na família como um microssistema crucial sublinha a importância de políticas e práticas que promovam

ambientes saudáveis e de apoio para o crescimento e desenvolvimento das novas gerações, reforçando assim a relevância contínua da Teoria Bioecológica na promoção do bem-estar humano.

2.2.1 Processo proximais: a relação pai/mãe-filho

Bronfenbrenner compreende as interações contínuas com pessoas, objetos e símbolos como sendo os processos proximais, também chamados pelo autor de “motores do desenvolvimento”. Os processos proximais caracterizam-se pelo estabelecimento de uma interação recíproca entre um organismo humano e as pessoas/objetos do seu ambiente imediato, em que ambas as partes se mantêm ativas e se estimulam mutuamente (BRONFENBRENNER, 1979). Sendo assim, os processos proximais são mais do que a interação de dois indivíduos em comunicação direta; eles também são interações com objetos e símbolos que compõem o contexto. O autor destaca que a simples presença de outras pessoas no ambiente imediato não leva, necessariamente, à ocorrência de um processo proximal.

A característica principal dos processos proximais é a sua natureza recíproca, ou seja, a relação entre pessoas e ambientes é bidirecional. Para se tornarem cada vez mais complexos, esses processos devem assumir diferentes formas e formatos – pessoas, objetos ou atividades – e precisam de regularidade e ter sentido e significado para a pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1979). O engajamento em uma atividade contínua durante um período é importante para que ocorra, de fato, o desenvolvimento. Além disso, as atividades precisam evoluir em complexidade e não apenas serem simplesmente repetidas (CAVALCANTE et al, 2020).

Na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, os processos proximais têm um destaque especial, uma vez que o engajamento em atividades contínuas, durante um período, é considerado essencial para o desenvolvimento da pessoa (STACHEIRA et al, 2020). Por conta disso, nos anos de 1990 Bronfenbrenner deu maior ênfase nos processos proximais, colocando-os como ponto central da sua teoria ao enfatizar o seu papel no desenvolvimento humano. Segundo o autor, esses processos são os principais mecanismos produtores do desenvolvimento humano, no entanto, seu poder e direção variam consideravelmente em função de características pessoais e contextuais (STACHEIRA et al, 2020). Sendo assim, os processos proximais são sinergicamente influenciados por características da pessoa em desenvolvimento, do contexto, do resultado do desenvolvimento e do tempo (VARGAS, 2020).

Crianças de todos os grupos socioeconômicos sofrem intensas influências dos processos proximais, e quando os processos de interação familiar são fracos, um percentual maior de problemas comportamentais é observado, o que pode repercutir negativamente no desenvolvimento infantil. Por este motivo, os processos proximais são apontados por Monreal e Guitart (2012) como os principais responsáveis pela previsão de resultados do desenvolvimento comportamental das crianças. Segundo estes autores, apesar dos comportamentos problemáticos serem mais frequentes em crianças com classe socioeconômica mais baixa, estes não aumentaram entre crianças de classe socioeconômica baixa que tiveram bons processos de interação mãe-filho – interação analisada pelos autores. Sendo assim, crianças de todos os grupos socioeconômicos sofrem intensas influências dos processos proximais, uma vez que eles têm um efeito mais poderoso no desenvolvimento do que o contexto no qual ocorre. Por este motivo, Bronfenbrenner ressalta em sua teoria que os efeitos de fatores contextuais - variáveis macro e microssistêmicas (capital social do bairro e estresse na família e nos pais) - são parcialmente mediados por processos proximais (ASHIABI; NEAL, 2015).

Segundo Bronfenbrenner (2004), as relações interpessoais contribuem para a formação de díades, sistema de duas pessoas que estabelecem uma relação, independentemente do nível de envolvimento entre as partes (participando ou apenas prestando atenção - díade de observação). A participação conjunta – díade de atividade conjunta – é compreendida como uma evolução da relação, já que envolve uma maior reciprocidade, equilíbrio de poder e afetividade entre os participantes. A motivação gerada pela reciprocidade leva os participantes a prosseguirem e a progredirem para atividades mais complexas, uma vez que uma pessoa influencia a outra e vice-versa (BRONFENBRENNER, 2004). Esta relação estabelece, por si só, um contexto crítico para o desenvolvimento, e um bloco construtor básico do microssistema.

À medida que mais pessoas participam da relação, esta relação ganha nova nomenclatura, podendo ser chamadas de tríades, tétrades e assim sucessivamente. Segundo Bronfenbrenner, a reciprocidade é responsável pelo aumento desenvolvimental de uma díade. O autor também ressalta a importância do equilíbrio de poder que ocorre quando, no processo de interação, um participante se destaca pela maior intimidade com a tarefa realizada (WISNIEWSKI; TOLENTINO, 2011).

Em sua teoria, Bronfenbrenner parece considerar os processos proximais como quase sempre agindo de forma positiva nos resultados do desenvolvimento, seja promovendo resultados de competência ou diminuindo a possibilidade de resultados disfuncionais. Sendo

assim, é possível considerar o processo proximal - dentro da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano - como o fator mais influente no desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral do ser humano. No entanto, para que isso aconteça é necessário que a relação entre uma ou mais pessoas durante a interação seja ativa, progressiva e ocorra durante um extenso período. Os pais são aqueles com quem, geralmente, as crianças pequenas interagem regularmente. O relacionamento pai/mãe-filho é um dos relacionamentos mais importantes e significativos na vida de um indivíduo. Daí a importância de focar, principalmente, neste tipo de interação durante a infância, uma vez que ela será decisiva para o desenvolvimento humano da criança e sua futura capacidade de interação social (CAVALCANTE et al, 2020).

2.2.2 Pessoa: o pai, a mãe e o filho

Em sua teoria, Bronfenbrenner descreve, em detalhes, três tipos de características pessoais como parte do segundo *P* (*pessoas*) do PPCT. A primeira é a *característica da força*, considerada aquela que pode ou não iniciar e/ou sustentar os processos proximais. Esse tipo de característica está relacionado às diferenças de temperamento, motivação e persistência. Segundo Bronfenbrenner, a força pode ser geradora ou disruptiva. Os indivíduos com características de força geradora tendem a iniciar e se envolver sozinhos ou com outros em atividades, além de ter uma maior capacidade de responder a iniciativas e a adiar a gratificação imediata. Já os indivíduos com características de força disruptiva tendem a se distraírem constantemente, além de serem mais impulsivos, explosivos e de não conseguirem adiar a gratificação imediata. Por conta disso, geralmente recorrem à agressão e violência (ZILMER et al, 2011).

As *características dos recursos* - segunda característica da pessoa - são aquelas que influenciam a capacidade de uma pessoa se envolver efetivamente em processos proximais. As habilidades, o conhecimento e as experiências são recursos que favorecem os processos proximais, enquanto alterações genéticas, baixo peso ao nascer, deficiências físicas, doenças graves e persistentes ou danos à função cerebral limitam ou interrompem os processos proximais. As características de recursos não são imediatamente aparentes, pois são parcialmente relacionadas com recursos cognitivos, emocionais, sociais e materiais (ROSA; TUDGE, 2013).

Já as *características de demanda* - terceira característica da pessoa - são aquelas qualidades facilmente notáveis da pessoa em desenvolvimento - como idade, gênero, cor da

pele, aparência física etc. - e que podem convidar ou desencorajar as interações iniciais em função das expectativas que se formam instantaneamente (TUDGE, 2012).

2.2.3 Contexto: da família à sociedade

O contexto é definido por Bronfenbrenner através de quatro “sistemas” inter-relacionados que compõem o ambiente global em que o indivíduo em desenvolvimento está inserido e onde acontecem os processos desenvolvimentais. O ambiente ecológico de desenvolvimento humano é subdividido desde os mais imediatos até os mais remotos em que o indivíduo se relaciona. O autor exemplifica os sistemas que compõem o ambiente ecológico como um jogo de bonecas russas encaixadas uma dentro da outra, onde a organização das estruturas concêntricas interfere mutuamente entre si e afetam, conjuntamente, o desenvolvimento da pessoa. (BRONFENBRENNER, 1996). Esses ambientes são descritos como micro, meso, exo e macrosistema.

O microsistema - sistema imediato - é aquele no qual a pessoa em desenvolvimento passa a maior parte do tempo engajada e interagindo. Fazem parte do microsistema os ambientes em que a pessoa é envolvida em interações face-a-face como a casa, a creche ou a escola. As interações ocorridas no interior do microsistema se dão com os aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente e são permeadas pelas características de disposição, recurso e demanda das pessoas envolvidas (TUDGE, 2012).

O mesossistema se refere às inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. À medida que a pessoa passa a fazer parte de novos ambientes, novas inter-relações ambientais podem ser reformadas ou ampliadas. A relação estabelecida entre a família da criança em desenvolvimento e a escola onde ela estuda fazem parte do seu mesossistema. O exercício de papéis específicos dentro de cada contexto do mesossistema - através do conhecimento e participação em diferentes ambientes - consolida diferentes relações e promove o desenvolvimento da pessoa (ROSA; TUDGE, 2013).

Diferentemente do mesossistema, no exossistema a criança em desenvolvimento não participa ativamente, no entanto os eventos que aí acontecem podem afetá-la ou vice-versa. São exemplos do exossistema: o local de trabalho dos pais, a escola do irmão ou a rede de amigos dos pais. O macrosistema - sistema distante, envolve todos os outros ambientes interconectados que se diferenciam de uma cultura para outra. A estrutura política e cultural de uma família de determinado país é um exemplo de macrosistema. Ou seja, o macrosistema se

refere aos padrões globais que envolvem as crenças, valores e ideologias da sociedade na qual a criança em desenvolvimento está inserida (ZILMER et al, 2011).

Apesar da escola ter crescido enquanto ambiente que influencia o desenvolvimento da criança, a família ainda é o principal contexto de desenvolvimento infantil. Vale ressaltar, no entanto, que esta é afetada direta e indiretamente pelos outros contextos da sociedade já que os processos que ocorrem em diferentes contextos são interdependentes e afetam-se de forma recíproca. Ou seja, os processos que ocorrem no contexto familiar são trazidos pela criança para o contexto escolar e vice-versa. É dessa forma que família e escola influenciam o curso de desenvolvimento da criança (SARKIS; BHERING, 2009).

2.2.4 Tempo: do agora ao passado

O tempo, quarto e último fator influente no processo de desenvolvimento, refere-se não apenas à idade cronológica do indivíduo, mas também à influência das mudanças e continuidades que ocorrem no tempo social e histórico. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos nas sociedades e, por consequência, também é capaz de alterar o desenvolvimento dos indivíduos que dela fazem parte. A entrada da criança na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança de trabalho dos pais são exemplos de como o tempo influencia o desenvolvimento da pessoa, bem como a maneira de criar filhos nas décadas de 40 e na contemporaneidade (ZILMER et al, 2011).

O tempo desempenha um papel fundamental no estudo do desenvolvimento humano. Não se trata apenas da idade cronológica de um indivíduo, mas também da influência das mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do tempo, tanto no âmbito social quanto histórico. Compreender como o tempo afeta o desenvolvimento humano é crucial para a compreensão completa dos processos de crescimento e mudança ao longo da vida. A passagem do tempo em termos históricos e sociais tem um impacto profundo na vida das pessoas e, conseqüentemente, molda seu desenvolvimento.

O tempo é analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. A continuidade e descontinuidade observadas dentro dos episódios dos processos proximais referem-se ao microtempo. O microtempo refere-se aos eventos que ocorrem em curtos períodos de tempo, como minutos, horas e dias. Esses eventos podem ser marcados por mudanças ou continuidades na vida de uma pessoa. Por exemplo, a transição da criança do ensino fundamental para o ensino médio é um evento que ocorre em um curto período de tempo e representa uma mudança significativa em sua vida. Da mesma forma, o nascimento de um

irmão pode marcar um evento de microtempo que altera a dinâmica familiar. No entanto, o microtempo também pode ser marcado por continuidades, como a rotina diária de uma criança que envolve ir à escola, fazer lição de casa e praticar esportes regularmente. A observação cuidadosa desses eventos de microtempo nos ajuda a compreender como as mudanças e continuidades ocorrem ao longo do desenvolvimento.

O mesotempo se refere a intervalos de tempo mais longos, como semanas, meses e anos. É marcado pela periodicidade dos eventos e pela presença de rotinas na vida das pessoas. Por exemplo, as férias escolares que ocorrem anualmente representam um evento de mesotempo que influencia a vida das crianças e suas famílias. Durante esses períodos, as crianças podem experimentar novas atividades ou passar mais tempo com a família, o que pode afetar seu desenvolvimento de diferentes maneiras. As mudanças que ocorrem no mesotempo podem incluir transições importantes, como a transição da infância para a adolescência ou a entrada na vida adulta. Essas transições são marcadas por marcos de desenvolvimento que podem ter um impacto duradouro na vida de uma pessoa.

O macrotempo refere-se a mudanças que ocorrem ao longo de várias gerações e décadas. Isso envolve transformações sociais, culturais e históricas que afetam a sociedade como um todo e, por sua vez, influenciam o desenvolvimento humano. Por exemplo, as mudanças nas normas de gênero ao longo das décadas têm um impacto significativo nas expectativas e oportunidades disponíveis para indivíduos de diferentes gêneros. O modo como as crianças são criadas, as práticas educacionais, as oportunidades de emprego e as normas sociais podem variar substancialmente ao longo do macrotempo. Essas mudanças moldam as experiências de vida das pessoas e influenciam o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores (TUDGE, 2012).

2.3 A SURGIMENTO DAS TDIC's NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

“Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-as tanto com "fatos" que elas se sintam empanzinadas, mas absolutamente "brilhantes" quanto a informações. Assim, elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar.”

Ray Bradbury. Trecho do livro Fahrenheit 451, p. 84 (1953).

A comunicação mundial foi revolucionada com a chegada da Internet. A invenção do telégrafo, do rádio, do telefone e do computador preparou o terreno para essa integração de

capacidades sem precedentes. Sua influência atinge não apenas os campos técnicos das comunicações por computadores, mas por toda a sociedade, uma vez que avança em direção ao uso crescente de ferramentas online para realizar comércio eletrônico, aquisição de informações, operações comunitárias e interações pessoais. Ao longo de sua evolução, a Internet e outras redes foram promovidas por governos, pesquisadores, educadores e indivíduos como ferramentas para atender a uma série de necessidades humanas.

2.3.1 A Internet

Os primórdios da Internet estão intrinsecamente ligados ao trabalho do cientista americano Leonard Kleinrock. Nascido em 1934, Kleinrock desempenhou um papel pioneiro na teoria matemática das redes de pacotes, a tecnologia fundamental subjacente à Internet. Sua teoria permitiu o primeiro envio de mensagens entre dois computadores em uma rede. Por sua contribuição monumental para a compreensão do potencial das redes de pacotes, ele foi agraciado com o prêmio Charles Stark Draper, sendo reconhecido como um dos arquitetos da Internet (ABREU, 2009).

Leonard Kleinrock obteve sua graduação em engenharia elétrica no City College of New York em 1957 e concluiu seu mestrado (1959) e doutorado (1963) em engenharia elétrica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) em Cambridge. No ambiente do MIT, com um grande número de computadores, Kleinrock vislumbrou a necessidade de interconectar essas máquinas em uma rede. Ele percebeu que as descrições matemáticas das redes de comunicação existentes, onde um nó estava ligado apenas a outro nó, seriam inadequadas para descrever futuras redes de computadores, que teriam muitos nós interconectados. Foi nesse contexto que, em sua tese de doutorado, ele delineou a complexa topologia em que os dados deveriam fluir, pressupondo que o tempo de chegada dos dados a um nó e o tempo gasto pelo nó no processamento dos dados deveriam ser independentes um do outro. Não obstante, Kleinrock conseguiu prever o comportamento das redes de computadores. Seu trabalho proporcionou uma base matemática sólida para a comutação de pacotes, onde cada fluxo de dados é dividido em pacotes discretos e facilmente transmitidos. Leonard Kleinrock convenceu o diretor do programa de pesquisa em computação da ARPA (Defense Advanced Research Projects Agency) sobre a viabilidade teórica das comunicações baseadas em pacotes em vez de circuitos, representando um marco significativo no desenvolvimento das redes de computadores (ABBATE, 1994).

No auge da Guerra Fria, durante a década de 1960, os Estados Unidos, preocupados

com a possibilidade de um ataque militar por parte da então União Soviética, solicitaram à ARPA o desenvolvimento de uma rede de telecomunicações que não fosse suscetível a interrupções causadas por danos locais, visando evitar sua destruição (NAUGHTON, 2000). Assim, a ARPANET emergiu como resultado de um esforço do sistema de defesa dos EUA para fornecer à comunidade acadêmica e militar uma rede de comunicações resiliente a ataques nucleares. Em 29 de outubro de 1969, Leonard Kleinrock enviou a primeira mensagem pela ARPANET para um computador localizado na Califórnia. A mensagem originalmente planejada era "login", porém a conexão travou após a letra "o", resultando na primeira mensagem ARPANET sendo apenas "lo" (ABBATE, 1999).

A primeira demonstração pública da inovadora tecnologia de rede ARPANET ocorreu em 1972, o mesmo ano em que o primeiro programa utilitário de e-mail, ou correio eletrônico, foi expandido para incluir funcionalidades como listagem, leitura, arquivamento, encaminhamento e resposta seletiva às mensagens. O e-mail rapidamente se estabeleceu como a aplicação de rede dominante ao longo de uma década. Seu formato básico permaneceu praticamente inalterado, apesar da incorporação de recursos adicionais ao longo dos anos, como a capacidade de anexar arquivos e formatar o texto (com fontes, cores, destaques e ícones). O advento do e-mail revolucionou a comunicação escrita, oferecendo um novo modelo de interação entre as pessoas. A velocidade e o custo relativamente baixo do e-mail o transformaram no principal concorrente dos serviços postais tradicionais. Essa nova ferramenta também alterou profundamente a natureza da colaboração, inicialmente na construção da própria Internet e, posteriormente, em toda a sociedade (CASTELLS, 2014).

A ARPANET original evoluiu e se transformou na Internet durante a década de 1980. No Brasil, a Internet começou a ser implementada por volta de 1989 como uma infraestrutura de comunicação destinada principalmente a fins acadêmicos. Essa rede, conhecida como Rede Nacional de Pesquisas (RNP), foi financiada com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Sua expansão foi rápida, e em 1996 já contava com 7.500 domínios (LINS, 2013).

No contexto brasileiro, em 1964, quando os militares assumiram o controle do governo, houve uma iniciativa significativa para dotar o país de uma infraestrutura de telecomunicações moderna, considerada essencial para a segurança nacional e o desenvolvimento da integração nacional. O setor de telecomunicações no Brasil era então caracterizado por baixa qualidade e era dominado por empresas privadas. O governo brasileiro considerava esse modelo

incompatível com a doutrina de segurança nacional da época. Assim, os militares procuraram estabelecer, em 1965, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), com o objetivo de implantar uma rede nacional capaz de assumir o controle dos serviços de telecomunicações, tanto nacionais quanto internacionais, afastando o domínio privado. Essa abordagem refletia o panorama internacional da época, em que as telecomunicações eram frequentemente consideradas monopólios governamentais (CARVALHO, 2006).

No Brasil, a comunicação de dados inicialmente despertou o interesse da comunidade acadêmica nacional devido à perspectiva de estabelecer comunicações locais e globais entre pesquisadores, bem como à facilidade de acesso a informações que, até então, demandavam dias ou semanas para se tornarem disponíveis. A primeira rede acadêmica brasileira, denominada Rede Acadêmica de São Paulo (ANSP), resultou de um projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com o principal objetivo de interligar algumas instituições de ensino e pesquisa no Estado. Isso culminou na formação de uma rede inicialmente restrita às grandes universidades brasileiras e institutos de pesquisa, caracterizada como uma "Internet acadêmica". Até o final de 1991, as instituições acadêmicas que desejavam acessar a Internet precisavam arcar com os custos de sua conexão até São Paulo, o que resultou na redução dos custos de conexão das universidades brasileiras e na melhor distribuição e otimização dos recursos da rede. A Internet comercial no Brasil só se tornou viável a partir de 1992, quando o Congresso dos Estados Unidos autorizou seu uso para fins comerciais. Isso marcou uma expansão significativa da rede no Brasil, uma vez que agora a Internet poderia ser disponibilizada para um grande número de usuários (LINS, 2013).

Em 1991, Ivan Moura Campos, Diretor de Programas Especiais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), apoiou o financiamento e a expansão da capacidade das conexões fornecidas pela Embratel. Isso contribuiu de forma substancial para o desenvolvimento do Plano da Rede Nacional. Somente em 1992, tornou-se possível compartilhar o acesso ao primeiro Centro Nacional de Supercomputação, localizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com onze capitais.

Em dezembro de 1994, no Brasil, iniciou-se de forma experimental o serviço de acesso à Internet via linha discada. Foi também nesse ano que a Embratel lançou o Serviço de Internet Comercial, inicialmente em caráter experimental, com uma conexão internacional de 256 Kbps para fins de teste. No ano subsequente, 1995, esse serviço passou a operar de forma definitiva. Para evitar o monopólio estatal da Internet no Brasil, o Ministério das Comunicações manifestou seu apoio à exploração comercial da Internet em território brasileiro. Posteriormente

a esse acontecimento, a Internet ganhou destaque na mídia, o que contribuiu para sua popularização e conseqüente crescimento (DEMENTSHUK; HENRIQUES, 2019).

O grande crescimento da Internet no Brasil ocorreu ao longo do ano de 1996. Nesse período, a Internet comercial brasileira alcançou uma nova dimensão, caracterizada por uma alta velocidade de conexão e custos predefinidos. Isso se deu devido à disseminação da World Wide Web (Web), à melhoria dos serviços prestados pela Embratel e, sobretudo, ao crescimento natural do mercado. A Internet brasileira experimentou um crescimento vertiginoso, tanto em relação ao número de usuários quanto de provedores e serviços disponíveis na rede. Nesse período, houve uma diversificação significativa de conteúdos e aplicações voltados para o relacionamento interpessoal. Além disso, a velocidade de conexão continuou aumentando, possibilitando um carregamento mais rápido de sites e a inclusão de mais conteúdo, sem o temor de sobrecarregar os computadores dos usuários. Essa alta velocidade de acesso tornou viável a transmissão de conteúdo pesado, como fotografias, músicas e filmes, sem qualquer inconveniência (CARVALHO, 2006).

Em 1998, devido ao aumento da infraestrutura e, principalmente, ao crescimento do número de usuários e do mercado consumidor, o Brasil já ocupava a 19ª posição em número de hosts no mundo, liderando na América do Sul. No continente americano, ficava atrás apenas dos Estados Unidos e Canadá. A partir de 2000, a demanda por registros de domínios cresceu exponencialmente. É difícil determinar com precisão o número de usuários conectados à Internet, uma vez que essa cifra está em constante mutação. Estima-se que, em 1996, havia aproximadamente 50 milhões de usuários, e esse número já ultrapassava os 275 milhões em 2000 (PANTOJA; FERREIRA, 2000).

No ano de 2005, o Google entrou em operação no Brasil, trazendo consigo uma interface simples e um modelo inovador de busca na Web. O Google consolidou uma nova maneira de interagir com a Internet, eliminando a necessidade de escolher um site e navegar pela rede. Agora era possível realizar consultas por meio de palavras-chave ou expressões de busca, obtendo os resultados mais relevantes no momento e direcionando-se diretamente ao destino desejado (CARVALHO, 2006).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), evidencia que a população brasileira está cada vez mais conectada. Segundo o levantamento, 82,7% dos domicílios no país têm acesso à Internet, representando um aumento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. Fica claro que a Internet é um fenômeno relativamente recente que transformou o mundo em

um período surpreendentemente curto. Desde seus primórdios como uma rede de natureza exclusivamente militar até seu status atual como uma das principais fontes de informação e comunicação, se não a principal, no mundo desenvolvido, a Internet percorreu um longo caminho em um curto espaço de tempo. No entanto, o grande salto da Internet ocorreu com a proliferação de telas diversificadas e, principalmente, com a chegada dos smartphones e dispositivos móveis associados, como tablets. Foi a partir desse ponto que a Internet incorporou as chamadas "redes sociais" e consolidou o conceito de armazenamento público de informações em nuvem, independente de um equipamento específico.

2.3.2 O smartphone

O momento mais significativo na história da Internet foi a chegada do Smartphone - telefone móvel com acesso à Internet. Este momento foi caracterizado por mudanças significativas nas formas como as pessoas utilizam a rede. Além disso, a conectividade móvel onipresente (ubíqua), aumentou ainda mais o poder e a influência das empresas sobre os usuários da Internet.

Embora os celulares pessoais existam desde a década de 1970, a criação do smartphone entusiasmou os consumidores. Os telefones celulares evoluíram para "smartphones" que são computadores totalmente funcionais. O primeiro smartphone, criado pela IBM, foi lançado para compra em 1994. No entanto, apenas no ano de 2001 que o usuário passou a ter acesso à internet de praticamente qualquer lugar graças ao avanço gradativo da cobertura de redes móveis ao redor do mundo.

No entanto, a verdadeira revolução do smartphone começou em 2007, quando Steve Jobs revelou o primeiro iPhone. Os telefones anteriores dependiam de teclados e só podiam navegar em uma versão diluída da Internet. A grande tela sensível ao toque do iPhone permite uma navegação por sites da mesma forma que um computador desktop. O lançamento do iPhone marcou a maturidade do smartphone, com a oferta de um extenso conjunto de aplicativos para acesso à Internet e contribuiu para que os smartphones decolassem (SOUKUP, 2015).

O grande diferencial dos smartphones em relação aos seus antecessores, é a combinação de recursos de telefones celulares tradicionais, computadores pessoais e a web. Essa combinação permite que os smartphones hibridizem não apenas tecnologias e plataformas, mas também as próprias práticas, hábitos e modos de acesso à mídia dos usuários com implicações para a comunicação pessoal (KUSHLEV, 2015).

Os smartphones funcionam, não apenas como dispositivos de comunicação, mas também como símbolos de sistemas econômicos e culturais. Essa combinação funciona em todos os lugares e em todos os grupos - crianças, adolescentes, empresas, escolas e assim por diante (SOUKUP, 2015). Os smartphones podem ser considerados também uma forma de mídia, uma vez que contribuem para o surgimento de um novo estilo de vida - caracterizado pela conectividade ubíqua – onde o ambiente tecnológico multifacetado é usado para comunicação, informação e relacionamento.

À medida que o smartphone foi sendo incorporado ao cotidiano de muitos segmentos da população global, mais pesquisadores se dedicaram a compreensão de como os usuários tratam este novo ambiente tecnológico e como a natureza multifacetada do smartphone afeta a vida social (MADIANOU, 2014). Dentre os tópicos mais estudados estão o uso dos adolescentes e crianças, as abordagens educacionais, a comunicação familiar, os perigos do acesso por parte dos menores – cyberbullying, pornografia e vício.

O ritmo com que os smartphones se espalharam globalmente é incomparável na história da tecnologia. Só em 2012, havia mais de 6 bilhões de assinaturas móveis em todo o mundo, o que corresponde a 75% da população mundial (MADIANOU, 2014). Não há dúvidas de que este dispositivo mudou a vida diária de bilhões de pessoas no mundo inteiro. Por mudar o tipo de comunicação, o smartphone também mudou as relações sociais existentes, uma vez que a sua utilização desafia estruturas e noções pré-existentes na sociedade de como a interação deve ocorrer (LING; HORST, 2015).

O que motiva a população geral a obter - apesar do alto custo - e utilizar - apesar da sua impossibilidade de alterar a dinâmica de poder existente - o smartphone, é a sua larga capacidade de comunicação (LING; HORST, 2015). As atividades cotidianas foram ajustadas e remodeladas com a chegada do dispositivo de telefonia móvel. No entanto, pode haver equívocos e problemas quando novas formas de comunicação e interação social substituem as tradicionais, principalmente em um curto período de tempo.

A primeira grande modificação trazida pelos smartphones foi na forma de comunicação, começando pela mudança de comunicação oral para a escrita. No espaço de duas décadas, a população mundial passou de "faladores" para "digitadores". Além disso, a possibilidade de reconhecimento de voz por parte dos dispositivos móveis digitais introduziu uma outra forma de comunicação, aquela através de áudio. Novas questões surgem com esta grande mudança, uma delas é o tipo de texto que mais se adequa para a leitura móvel. Estudos comprovam que a leitura de notícias, manchetes e resenhas acabam tendo maior aceitação pelos usuários do que

a leitura de romances e textos mais densos (BARON, 2016). É notável o impacto que as novas tecnologias móveis têm na forma de comunicação através da fala, escrita e leitura. A mudança é muito rápida e intensa, o difere substancialmente de toda e qualquer alteração ocorrida na linguagem e gramática nos últimos 500 anos.

A chegada do controle remoto, da internet, da mídia automatizada e das ferramentas audiovisuais têm gerado grandes efeitos na sociedade, nas instituições, nos indivíduos e nas interações. A possibilidade trazida pelo smartphone de ter seu próprio conteúdo na palma da mão, fez com que as pessoas diminuíssem o tempo de tela passivo coletivo - uso da televisão (TV) para conteúdo compartilhado. Atualmente existe uma diferença gritante entre o tempo gasto diante da TV e o tempo gasto em telefones móveis inteligentes. Acredita-se que o fator por trás dessa grande modificação de hábitos se deve aos serviços de streaming - distribuição de conteúdo através da internet - que atendem aos desejos individuais dos consumidores, que agora passam a escolher o que querem assistir em uma "biblioteca" de conteúdos infinitos. É dessa forma, que os "retângulos brilhantes" contribuem, cada vez mais, para a individualidade familiar, uma vez que se torna cada vez mais raro a troca de informações e discussões acerca do que é visto (KILDARE; MIDDLEMISS, 2017).

Devido a onipresença, a conectividade ubíqua e as suas diversas finalidades - informação, comunicação e entretenimento - o smartphone pode ser compreendido também como uma ferramenta de interrupção dos relacionamentos cotidianos. Ao interferir ou interromper conversas, atividades e tempo com o "outro" - mesmo quando não intencionais ou por breves momentos - os indivíduos podem estar enviando mensagens implícitas sobre o que eles mais valorizam, levando a conflitos e resultados negativos na vida pessoal e nos relacionamentos (BRANDON; RADESKY, 2017). Segundo Brandon e Coyne (2014), a tecnoferência - intrusões e interrupções diárias devido a dispositivos de tecnologia - pode levar a uma menor satisfação com o relacionamento, mais sintomas depressivos, menor satisfação com a vida e mais conflitos sobre o uso de tecnologia.

A adoção do smartphone introduziu ou reintroduziu também discussões relacionadas à privacidade. Por coletar uma ampla gama de dados do usuário - consciente ou inconscientemente - o aparelho de comunicação da era digital torna os dados e ações das pessoas visíveis em redes que podem ser utilizados tanto para fins pessoais quanto para comerciais. As questões de privacidade são agravadas porque a privacidade parece estar associada, apenas, à teoria e prática contemporânea em permitir acesso às informações de serviços baseados em

localização geográficas. Por conta desse equívoco, os usuários relatam que os benefícios percebidos do uso do seu aparelho superam os custos associados (RICKER et al, 2015).

A mais recente mudança ocorrida na utilização do telefone "inteligente" foi a chegada e integração das mídias sociais, contextualizando - explicitamente - o smartphone como uma forma de comunicação que molda a vida cotidiana. A comunicação móvel está se tornando um elemento estrutural da sociedade. Cada vez mais as pessoas dependem dos seus dispositivos móveis e tudo que eles trazem e proporcionam. Também é verdade que as pessoas dependem, cada vez mais, de que o "outro" também tenha o seu dispositivo. Sendo assim, o valor do smartphone aumenta proporcionalmente ao número de pessoas que possuem aparelhos semelhantes.

Os smartphones representam para a sociedade contemporânea não só uma nova forma de comportamento comunicativo, mas também representam um objeto simbólico e de status. Além disso, este dispositivo móvel também estabelece identidade individual, regula interações e molda emoções.

2.3.3 As mídias sociais

A absoluta onipresença das mídias sociais não pode ser posta em dúvida. É cada vez mais comum encontrar alguém que esteja com o smartphone na mão, navegando por sites como Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat etc. A combinação entre a mídia social e o smartphone se tornou uma das ferramentas mais poderosas para gerenciar as relações interpessoais.

O início do século XXI testemunhou a proliferação das chamadas "mídias sociais" que forneceram novas maneiras para as pessoas interagirem e compartilharem informações e entretenimento online. Em 2002, surgem os sites de redes sociais, onde todas as atividades humanas passam a estar presentes, da interação pessoal aos negócios, ao trabalho, à cultura, à comunicação, aos movimentos sociais e à política (SAWYER; CHEN, 2012).

O grande salto das mídias sociais aconteceu em 2005, quando as marcas mais famosas de mídias sociais- Facebook, Twitter, Instagram e assim por diante - abriram caminho para uma nova vida cotidiana. Estas plataformas foram utilizadas em todo o mundo a uma velocidade sem precedentes. Apesar de não serem as primeiras ferramentas da tecnologia projetadas para permitir a interação social, a sua força de expansão e aceitação popular em todo o mundo, revela a natureza extraordinária do fenômeno da mídia social.

O uso dos novos sites de mídias sociais superou o e-mail em número de usuários em julho de 2009, atingindo 1 bilhão em setembro de 2010, com o Facebook respondendo por cerca de metade dele. Em 2013, quase dobrou, principalmente devido ao aumento do uso na China, Índia e América Latina (BOYDE, 2015).

O Facebook, criado em 2004 por Mark Zuckerberg, é um exemplo de mídia social que promove a troca de mensagens entre pessoas e o mundo. Com a missão de reunir pessoas com origens diferentes e incentivar a interação, essa rede social contribuiu, consideravelmente, com a expansão do diálogo intercultural, uma vez que permite que os indivíduos criem seus próprios perfis, vejam perfis de outros e compartilhem informações que os mantêm conectados dentro do sistema (SAWYER; CHEN, 2012). Apesar do Facebook ainda representar uma plataforma de grande preferência pelos usuários, outras redes sociais aparecem no cenário com um crescimento contínuo e exponencial, como o WhatsApp, YouTube, Instagram, WeChat, Tumblr e Tik Tok.

A chegada das mídias sociais dilui a sensação de distância e fornece um contexto em que se pode comunicar através de diversas ferramentas (texto, áudio, fotos, arquivos), compartilhar conhecimento e interagir com os outros de uma forma muito veloz e nunca antes vista na sociedade. O enorme potencial da comunicação digital através dos sites de redes sociais excede em muito o envio de uma simples correspondência para amigos e parentes.

As empresas também foram transformadas pelo advento das mídias sociais. Muitas lojas, inclusive, nem existem mais da forma convencional. É cada vez mais comum a presença de lojas online que vendem produtos apenas digitalmente, uma vez que as empresas economizam custos - como pagar aluguel - que normalmente representam motivos de falha das empresas físicas. Outra grande vantagem das lojas online é que elas podem durar o tempo que precisarem, desde que a sua plataforma permaneça online.

Com a chegada de novas ferramentas da tecnologia digital, vem também novas formas de crime. As redes sociais e o ciberespaço são considerados lugares perfeitos para novas atividades criminosas. A criação das plataformas de mídias sociais tornou mais difícil a identificação de crimes e a captura de criminosos, que encontram nessas ferramentas o lugar perfeito para buscar vítimas e se esconderem da polícia. Crimes que se originam no ciberespaço se espalham pelo mundo real, levando - muitas vezes - a desfechos realmente desagradáveis. A vulnerabilidade trazida para o próprio usuário das redes sociais é tão grande que pode ser desacreditado pela maioria das pessoas, o que torna os sites de redes sociais mais perigosos ainda.

As mídias sociais serão cada vez mais influentes à medida que a era digital avança. A velocidade do crescimento é responsável também pela criação do subproduto negativo criado pelas próprias mãos do usuário, agora consumidor e produtor. As Fake News - que proliferam informações falsas ou incompletas - encontram um lar na internet, e é através das mídias sociais que elas mostram seu rosto. Embora haja outros fatores que contribuem para o aumento das Fake News, a mídia social é, certamente, um grande catalisador.

Cada vez mais estudos mostram associações entre problemas de saúde mental e uso de mídias sociais pelos jovens no mundo inteiro (AMARAL, 2016; ANDREASSEN et al, 2017; BOYD, 2015). As evidências dentro da ciência mostram uma associação linear de problemas como estresse, ansiedade e depressão e o uso de smartphones e mídias sociais. Ou seja, quanto mais tempo gasto em redes sociais, mais problemas de saúde mental surgem.

Os pesquisadores da área apontam a "comparação social" como sendo um dos responsáveis pela fragilidade da saúde mental do público jovem que usa as redes sociais. A justificativa é de que o ato de "se comparar" torna-se a norma quando se navega pelas redes sociais, o que acaba criando uma cultura de desejos e não necessidades. Os sites de mídias sociais podem ser comparados com um outdoor de rodovia que nunca pode ser removido, onde os jovens expõem suas vidas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Um dos problemas mais negligenciados quando se trata do uso de mídias sociais é a quebra da privacidade pessoal - estimulado e recompensado pelas novas plataformas digitais - e que contribui, consideravelmente, com a ansiedade da população geral. Em se tratando dos mais jovens, "o filtro" para reter detalhes privados é deficiente por conta da imaturidade de uma área cerebral chamada córtex frontal - que tem seu amadurecimento completo por volta dos vinte e cinco anos e que é responsável pelas funções executivas como controle de impulsos. Por este motivo, os adolescentes revelam tantas informações privadas nas redes sociais em uma tentativa constante de pertencimento e de construção de uma marca pessoal pública. As críticas diante do que foi compartilhado instaura nos jovens um estado de estresse crônico que desencadeia a produção de hormônios do estresse e contribui para o surgimento do estado de ansiedade. Em suma, a falta de privacidade virtual favorece a rejeição social virtual que é a grande responsável pelos estragos na saúde mental e desenvolvimento emocional dos adolescentes. Além do comprometimento da privacidade pessoal, as mídias sociais também expõem a população jovem ao risco de ansiedade por expô-los, constantemente, à violência virtual e à pornografia.

Em última análise, diante de tantos pontos positivos e negativos, a escolha ou a responsabilidade quanto ao uso das mídias sociais fica à critério e à maturidade do usuário. A intenção do uso leva a questões fundamentais de quanto e como a tecnologia afeta a vida diária daqueles que a utilizam. A mídia social não é perfeita porque os seus criadores também não o são. O grande potencial e a grande fragilidade dessas plataformas digitais representam um lembrete da natureza social dos seres humanos - criativos, inovadores, mas falíveis.

2.3.4 A tecnologia persuasiva

A tecnologia persuasiva é uma abordagem amplamente empregada em plataformas de redes sociais, com o intuito de influenciar as atitudes dos usuários por meio da persuasão e da influência social. Essa tecnologia explora diversas motivações intrínsecas dos seres humanos, abrangendo desde a busca por uma vida saudável até a busca por estabilidade financeira. O principal objetivo do design persuasivo nas mídias sociais é prolongar a permanência do usuário na plataforma, muitas vezes resultando na divulgação de mais informações pessoais do que originalmente desejado.

A percepção de que as redes sociais compreendem e entregam precisamente o que o usuário busca é frequentemente atribuída à presença do design persuasivo nas novas plataformas digitais. Isso cria uma dificuldade significativa para os consumidores desconectarem-se do mundo virtual e reorientarem sua atenção para o mundo real (LANGRIAL, 2014).

A discussão sobre a ética do uso da tecnologia persuasiva intensificou-se, ganhando destaque após o lançamento do documentário "O Dilema das Redes Sociais" da Netflix. A principal questão envolve o uso de recompensas emocionais, como emojis, curtidas, comentários, visualizações, progressão em jogos, aceitação em grupos sociais e notificações, estrategicamente posicionadas para influenciar o comportamento e as atitudes dos indivíduos (DUNCKLEY, 2015).

A biologia humana, embora tenha evoluído de maneira notável para beneficiar os seres humanos, também inclui vulnerabilidades que podem ser exploradas. A tecnologia persuasiva, visando moldar atitudes e comportamentos nas mídias sociais, aproveita essas vulnerabilidades para estimular o envolvimento dos usuários e, em última análise, gerar receita corporativa (ROSSINI et al, 2018).

O designer persuasivo das mídias sociais aciona repetidamente alavancas psicológicas sem o conhecimento consciente do usuário. Uma vulnerabilidade notável é a atenção humana,

que é um recurso limitado. O cérebro humano deve determinar o que é prioritário para direcionar adequadamente a atenção. Notificações frequentes, como vibrações, indicadores visuais e banners, ativam o córtex cingulado anterior, responsável por sinalizar onde a atenção deve ser direcionada. No entanto, essas notificações frequentemente não são urgentes, agindo como alarmes falsos e comprometendo a capacidade de atender ao que é verdadeiramente relevante (ALTER, 2014).

A tecnologia persuasiva muitas vezes explora o desejo humano, fornecendo infinitas possibilidades de busca, mas oferecendo poucas experiências satisfatórias. O designer persuasivo nas interfaces interativas, como mídias sociais e videogames, estimula o centro de recompensa do cérebro, resultando na liberação anormal de substâncias químicas cerebrais que proporcionam sensações de bem-estar. A dopamina motiva a permanência no ambiente online, enquanto a serotonina ajuda o usuário a recordar a sensação de bem-estar associada ao uso das plataformas digitais (DUNCKLEY, 2015).

Quando as vias de recompensa do cérebro são excessivamente estimuladas, ocorre a dessensibilização dessas vias em uma tentativa de manter o equilíbrio interno (homeostase) diante do excesso de estímulos. Isso resulta em um ciclo contínuo de cliques, rolagem, consumo de conteúdo sem consideração, e, em última análise, exaustão. Esse novo modelo de negócios baseado no engajamento, ou talvez deveríamos dizer exaustão, continua a se expandir (DUNCKLEY, 2015).

A multitarefa de mídia, incentivada pelo designer persuasivo das novas plataformas digitais, está associada à deficiência de memória, aumento da impulsividade e alterações nas funções cerebrais. Isso ocorre porque a atenção, apesar da capacidade notável do cérebro de processar informações, pode ser facilmente comprometida quando a atenção é frequentemente desviada de uma tarefa para outra, prejudicando a concentração na tarefa atual (ALTER, 2014).

Outra vulnerabilidade humana explorada pelo designer persuasivo diz respeito ao processamento de informações negativas. Estudos demonstram que informações negativas têm um poderoso impacto na atenção, emoções e comportamento humanos, superando informações positivas. Por esse motivo, conteúdo de mídia social que evoca medo, raiva e repulsa tende a se espalhar mais rapidamente do que conteúdo positivo. O compartilhamento de emoções negativas, como medo e indignação, promove um maior envolvimento nas redes sociais em comparação com o compartilhamento de bondade e humanidade (ALTER, 2018).

Os influenciadores que atuam ou se expõem nas mídias sociais estabelecem padrões de excelência por meio de uma infinidade de imagens cuidadosamente selecionadas, o que pode

afetar a autoimagem dos outros usuários. Essa exposição excessiva amplia as oportunidades e os riscos da comparação humana, levando à comparação compulsiva, autoquestionamento e egocentrismo (RUAS, 2017).

Os algoritmos de software aprendem diariamente sobre as preferências e fraquezas humanas, personalizando e organizando as informações que os usuários recebem nas plataformas de mídia social. Cada usuário recebe informações que correspondem às suas escolhas pessoais, tendendo a descartar informações contraditórias.

Isso levanta preocupações sobre o extremismo, uma vez que os algoritmos podem apresentar diferentes versões da realidade, contribuindo para uma maior polarização e uma menor coesão social (ALTER, 2018).

2.3.5 A sociedade na "era digital"

A tecnologia digital vem se tornando, de uma forma mais profunda e íntima, parte do tecido social; permeando as tarefas e interações cotidianas no século XXI. O mundo moderno confia e depende cada vez mais das plataformas virtuais para aprender, trabalhar, se divertir e socializar. Cada vez mais a sociedade passa a ser constituída em torno das redes pessoais e organizacionais alimentadas por redes digitais e comunicadas pela Internet.

A convergência tecnológica dos meios de comunicação de massa se torna a principal característica desta sociedade que passa a ser dominada pelas novas mídias. Elas caracterizam o modelo multidirecional de comunicação, que torna público o acesso às informações através da grande variedade de dispositivos digitais que estimula a troca de mensagens de forma excessiva (MATEIA, 2018).

No romance distópico do autor Ray Bradbury - Fahrenheit 451 - é apresentado aos leitores uma crítica à sociedade consumidora de mídia televisiva interativa, que se assemelha muito à interatividade das novas mídias sociais da atual "era digital". Na sociedade de Fahrenheit 451, os cidadãos são, cotidianamente, sufocados por doses maciças de conteúdo televisivo interativo que tem como principal finalidade administrar o ócio por meio de atividades programadas. A interação constante com estes dispositivos acaba ganhando força e embalando a irrealdade cotidiana dos personagens da obra, que passam priorizar o "como" das vivências protocolares ao invés do "porquê" das coisas (BRADBURY, 1953).

Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você,

pim, pim, pim, e nós sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos (BRADBURY., 1953, p 49-50).

A grande metáfora da obra de Bradbury (1953) com a sociedade contemporânea está na nova forma sutil de totalitarismo - a ditadura da maioria - que passa a punir o complexo e contraditório, a evitar o tédio e a massacrar o diverso. As tecnologias moldam completamente a rotina dos cidadãos fictícios de Fahrenheit 451 e anestesiaram a sociedade que passa a se acomodar com a monotonia vivida e a rejeitar o principal objeto que estimula o nascimento do pensamento - o livro de literatura.

Segundo o filósofo Byung-Chul Han, a sociedade do século XXI também escolheu uma nova forma de viver, aquela que preza por estar ocupado constantemente (HAN, 2017). Cada instante do tempo deve ser preenchido, freneticamente, com algo. Trabalho, academia, reuniões, novos cursos, novas consultas, ou apenas mais tempo analisando ou vigiando as redes sociais. Apesar do status "estar ocupado" parecer útil, a ocupação do século XXI parece exceder os níveis de ocupação anteriores, criando assim um espiral de pressão por estar ativo constantemente e desprezo pelo tempo de inatividade ou descanso. Essa nova mentalidade, que acompanha os habitantes da sociedade contemporânea, pode ser a grande causa do cansaço, desgaste mental e emocional que os acompanham (HAN, 2017). O autor Han, em seu livro "Sociedade do cansaço" (2017), aponta o desempenho como sendo a principal característica dos seus sujeitos. Han (2017) também faz uma distinção entre o sujeito de desempenho do seu antecessor, o sujeito da obediência:

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito da obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que a liberdade e a coação coincidam (Sociedade do cansaço, 2017, p. 29).

A glorificação da ocupação pressiona a saúde mental da maioria dos indivíduos da sociedade do desempenho - bem como em Fahrenheit 451 -, pois envia mensagens subliminares sobre ser indigno quando "improdutivo".

A exposição também se torna uma característica da sociedade contemporânea que passa a transformar tudo em mercadoria sem qualquer mistério ou pudor. O crescimento próprio das coisas passa a perder valor quando comparado com a encenação expositiva. O corpo, o cotidiano e a família se tornam parte integrante da propaganda de si que tem como finalidade incrementar o capital da atenção. O valor expositivo, apresentado no livro "Sociedade da

transparência", do professor de filosofia e estudos culturais da Universidade de Berlim, Byung-Chul Han, tem relação direta com a bela aparência, uma vez que a coerção por beleza e por *fitness* vem da necessidade de maximizar a exposição (HAN, 2017).

A coerção por exposição nos rouba, em última instância, nossa própria face; já não é possível ser sua própria face. Desse modo, a absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade. O problemático não é o aumento das imagens em si, mas a coação icônica para tornar-se imagem. Tudo deve tornar-se visível; o imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que se submete a visibilidade. ("Sociedade da transparência", p. 29, 2017).

As imagens ganham destaque entre os habitantes digitais que utilizam - cada vez mais - deste artifício para se apresentarem e representarem. Uma foto enviada pelas redes sociais ganha mais importância do que o fato em si. Por este motivo, a autora Julieta Jerusalinsky (2017), aponta o "parecer" como tendo maior credibilidade na era digital do que o "ser" e até o "ter". A desonestidade, enganação, difamações e boatos estão entre os conteúdos mais vistos e mais buscados na Internet. E, por serem os mais vistos, acabam ficando sempre no topo, o que favorece - mais uma vez - a sua visualização. Esse ciclo, acaba levando os conteúdos complexos, extensos e investigativos para o fim da lista e, inevitavelmente, acabam sendo "apagados" pela avalanche de escândalos que insistem em ocultar a verdade (JERUSALINSKY, 2017).

As TICs trouxeram crescimento econômico, maiores opções para os consumidores e produtores, além de uma variedade de opções de comunicação entre amigos e familiares que hoje podem manter contato apesar das longas distâncias. As "comunidades virtuais" também favorecem a comunicação entre estranhos em torno de interesses comuns. No entanto, apesar de possibilitarem a conexão com o outro distante, as TICs parecem afastar a negatividade necessária às vivências. O desaparecimento da alteridade e da estranheza se tornam características da sociedade contemporânea, bem como o exagero da positividade. Estes novos atributos sociais fazem com que os indivíduos sejam guiados por uma estrutura positivista que preza o "eu", a produtividade e a auto exploração. Se instala, então, nesta sociedade a liberdade paradoxal, que tem como principal manifestação patológica, o adoecimento psíquico geral, sendo a mais comum a depressão (HAN, 2018).

A relação entre as esferas pública e privada da vida humana também sofreu forte influência com a chegada da conectividade ubíqua. A Internet permite maior fluidez de movimento entre o mundo online e o offline, borrando os limites, espaços e noções transformadoras de domínios públicos e privados (JERUSALINSKY, 2017). O conceito de

espaço foi modificado pelas TICs e a pandemia do coronavírus (COVID-19) intensificou a nova relação entre as esferas públicas e privadas na sociedade contemporânea. O mantra de isolamento social instaurado no mundo inteiro levou as pessoas a trabalharem e estudarem em "casa". Apesar de parecer fácil, a conciliação entre o público e privado trouxe grandes desafios que continuaram mesmo após a "liberação" social. A maior dificuldade veio porque muitos indivíduos não passaram apenas a trabalhar em casa, mas também a trabalhar para a casa - o lar, com muitas funções adicionais de cozinhar, limpar e cuidar.

Trabalhar em casa de vez em quando, é bem diferente de ter a casa (residência) como o novo local de trabalho. Os benefícios inerentes aos locais de trabalho insistem em estar fisicamente presentes no trabalho, como as interações sociais, a facilidade de trabalhar em equipe e a garantia de uma divisão justa e agradável entre a vida laboral e a vida familiar. Quando se derrete a borda entre a vida familiar e a vida laboral, há um comprometimento do relaxamento - próprio da vida privada - o que pode acarretar a mais fatores estressores. Como o mundo virtual traz uma expectativa por estar "sempre disponível", o dia ou horário de trabalho parece nunca acabar. Por esse motivo, a ansiedade, bem como a dificuldade para adormecer e permanecer dormindo, se tornam características cada vez mais comuns dos habitantes da "Era digital".

2.4 A FAMÍLIA “WIRELESS” - SEM FIO

“O que queremos neste país, acima de tudo? As pessoas querem ser felizes, não é certo? Não foi o que você ouviu durante toda a vida? Eu quero ser feliz, é o que diz todo mundo. Bem, elas não são? Não cuidamos para que sempre estejam em movimento, sempre se divertindo? É para isso que vivemos, não acha? Para o prazer e a excitação? E você tem de admitir que nossa cultura fornece as duas coisas em profusão.”

Ray Bradbury. Trecho do livro Fahrenheit 451, p. 82 (1953).

Marc Prensky, autor e consultor educacional americano, cunhou os termos "nativo digital" e "imigrante digital" em 2001. O termo "nativo digital" refere-se a jovens que cresceram em estreito contato com uma ampla gama de ferramentas digitais, tais como computadores, internet, consoles de videogame, smartphones, tablets e mídias sociais. Por outro lado, os "imigrantes digitais" são aqueles que amadureceram em um mundo dominado pela imprensa e televisão, antes da ascensão da Internet. Conforme Prensky (2001), os imigrantes digitais passaram a se familiarizar com os sistemas digitais apenas quando já eram adultos, resultando

em uma notável disparidade em termos de habilidades e competências digitais entre nativos e imigrantes digitais (PRENSKY, 2001).

A definição proposta por Prensky (2001) teve como objetivo analisar as práticas educacionais tradicionais que agora se aplicam aos jovens nativos digitais. Entretanto, é evidente que a rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas trouxe consigo desafios significativos para o relacionamento entre os filhos da "era digital" (nativos digitais) e seus pais da "era digital" (imigrantes digitais). No contexto da parentalidade, uma das principais deficiências reside na ausência de referências e conhecimentos transmitidos de geração em geração em relação à autorregulação e às normas de uso das diversas tecnologias. Isso é particularmente relevante, uma vez que, embora compartilhem o mesmo ambiente tecnológico, os diferentes sujeitos possuem níveis de desenvolvimento e vulnerabilidades distintos.

2.4.1 O filho "da era digital"

Os pais/mães, agora inseridos *na* "era digital", normalmente ficam impressionados quando os filhos *da* "era digital" - nascidos e criados após a disseminação das TDICs - acessam e manuseiam ferramentas e aplicativos tecnológicos. Como tais habilidades foram adquiridas tardiamente pelos os pais, estes tendem a se sentirem inferiores e inaptos para o uso digital quando comparado com seus filhos. Por conta disso, muitos pais e mães permitem livre acesso ao uso da Internet pelos seus filhos, solicitando-os, inclusive, para sanar dúvidas quanto à forma adequada de uso. Parece, portanto, que está havendo uma inversão de hierarquia familiar, onde os pais/ mães e professores passam a se marginalizar em relação às tecnologias, protegidos pelo discurso de que as crianças são melhores nisso e, portanto, devem usar seus dispositivos e tempo da forma que quiserem. Este é um dos motivos pelos quais os pais e as mães permitem que seus filhos passem mais tempo - e cada vez mais cedo - dentro no mundo digital.

Segundo o autor Desmurget (2019), quando se trata de análise do uso das TDICs pelos mais jovens (crianças e adolescentes), vale a reflexão de três grandes categorias, são elas: quem (idade, gênero e condição socioeconômica), o quê (finalidade de uso) e como (tempo, ferramenta e o formato). A primeira categoria é, normalmente, a mais "esquecida", pois tem-se, equivocadamente, no imaginário popular que a utilização das telas pelos mais jovens é homogênea, daí o incentivo de aplicativos de controle parental que, segundo a propaganda, serve universalmente para impedir o uso excessivo. No entanto, o autor aponta que: primeiro, crianças menores que dois (2) anos usam as telas eletrônicas - em média - por cinquenta minutos por dia; utilizam telas maiores, televisão ou ipads; assistem muito mais conteúdo passivo do

que interativo e o fazem sempre na presença de algum adulto. Crianças entre dois (2) a oito (8) anos ficam em torno de três (3) horas por dia diante da tela, sendo a maior utilização de videogames e programas audiovisuais. Nessa faixa etária, as crianças fazem uso das TDICs muito mais sozinhas do que acompanhadas, fenômeno que se intensifica com o aumento da idade - quanto maior a idade, menos se compartilha o uso das TDICs. Durante a pré-adolescência, oito (8) a doze (12) anos, o tempo de uso diário de telas passa para quatro (4) horas e quarenta e cinco (45) minutos. Desse tempo, 85% são destinados ao consumo audiovisual (2h30) e ao jogo de videogame (1h28). Apesar dos indivíduos dessa faixa etária ainda não terem o hábito de "surfar" na Web nem usar as mídias sociais, eles passam a ter o seu próprio smartphone (69%), o que favorece a inserção no mundo virtual aberto. Na adolescência (13 a 18 anos), apesar de ainda permanecerem altos os níveis de uso para conteúdos audiovisuais (2h50) e videogames (1h36), se soma aí o uso das mídias sociais (1h10), navegação na internet (37min) e o bate-papo na rede (19min) (DESMURGET, 2019).

Os videogames atraem muito mais os meninos do que as meninas. Sendo assim, como este tipo de mídia é utilizado desde os oito (8) anos de idade, fica evidente que os meninos, normalmente, utilizam as TDICs mais cedo e por mais tempo do que as meninas. Por conta disso, o sexo masculino é apontado na literatura como aquele que tem uma maior predisposição à utilização prolongada, compulsiva e até viciante (DUNCKLEY, 2015).

Outro fator que merece destaque é a condição socioeconômica. Estudos apontam que as crianças que pertencem a famílias menos favorecidas dedicam, diariamente, mais tempo (1h45) utilizando telas recreativas do que seus pares mais privilegiados. O quadro se complica quando se adiciona ao uso doméstico o uso escolar que também deve ser colocado na balança, uma vez que a sociedade contemporânea defende o movimento de digitalização dos ensinos. Apesar dos adolescentes mais favorecidos recorrerem ao computador para realizar suas tarefas escolares, os seus homólogos menos favorecidos tendem a recorrer ao smartphone para esta finalidade. No entanto, o smartphone é apontado como a ferramenta que mais distrai os jovens. Sendo assim, mais uma vez, a condição socioeconômica interfere nos resultados comportamentais (DESMURGET, 2019).

A heterogeneidade do uso dos jovens é a principal justificativa para a grande dificuldade em traçar o limite entre uso adequado e inadequado (excessivo) de TDICs pelos filhos *da* "era digital". Portanto, justificar o incentivo digital doméstico e escolar para uma geração que nada tem de uniforme é um grande erro, uma vez que as competências, comportamentos, necessidades e modos nada tem de homogêneo. Além disso, como o uso dos jovens se volta,

quase que exclusivamente, para finalidades recreativas - TV, filmes, séries, redes sociais, videogames, música, clips, vídeos diversos etc. - é pouco provável que estas habilidades digitais os coloquem em destaque ou vantagem no futuro, uma vez que estas plataformas básicas pouco têm de informações instrutivas, criativas e de elaboração crítica e intelectual (DESMURGET, 2019).

Segundo Dunckley (2015), o estilo de vida infantil acelerado, mas, na maioria das vezes, sedentário, é um reflexo do aumento no tempo de exposição e interação com as plataformas digitais. Por conta disso, a autora aponta o tempo de tela eletrônica como sendo a mais nova variável introduzida na saúde, educação e relacionamentos.

São vários os caminhos pelos quais as telas eletrônicas podem afetar a saúde das crianças. Diferentemente do que a maioria dos pais e mães pensam, não é apenas a natureza do que é visto (conteúdo) que causa estragos no bem-estar e saúde dos seus filhos. A própria interface entre tela interativa e o sistema nervoso em desenvolvimento já é capaz de perturbar os processos naturais de uma criança. O primeiro ponto de acesso das telas eletrônicas são os olhos que estão diretamente conectados com o Sistema Nervoso Central (SNC), e por conta disso, fornecem um caminho potente para a sua toxicidade. A luz brilhante emitida pelas telas transmite informações ao cérebro que são inconsistentes com o que está ocorrendo no mundo real. Por conta disso, o relógio biológico e outros ritmos biológicos são dessincronizados. O cérebro é o segundo ponto de acesso para a atividade da tela. Quando os estímulos de cor, brilho, contraste e movimento da tela eletrônica ocorrem repetidamente, o cérebro da criança aumenta o seu nível de excitação e entra em um estado primitivo - conhecido como estado de luta ou fuga - que coloca o corpo em um constante estado de alerta devido a liberação de hormônios do estresse. O terceiro e último ponto de acesso das ferramentas digitais é o próprio corpo que sofre com alterações posturais e funcionais devido a inatividade corporal e sedentarismo que normalmente vêm acompanhados por maus hábitos alimentares e sono inadequado e deficiente (DUNCKLEY, 2015).

Os aplicativos e plataformas digitais interativas se tornam cada vez mais populares na vida domiciliar e escolar das crianças. Estes aplicativos, conhecidos como "educacionais", são adotados devido às suas vantagens percebidas no envolvimento com a criança. No entanto, vale ressaltar que o nível de frequência de utilização pelos pequenos já se tornou muito superior quando comparado com as pesquisas necessárias para fornecer recomendações abrangentes de uso. Segundo estudo realizado por McArthur et al (2021), quanto mais precoce for o acesso das crianças às telas eletrônicas, mais baixa será a sua capacidade de leitura e maior será o uso de

dispositivos digitais em idades posteriores. Apesar do grande fascínio pela utilização da tecnologia como forma de aprendizado, as evidências crescentes apontam que os aparatos digitais não só não auxiliam no aprendizado das crianças, mas parecem impedi-lo. Este é o motivo pelo qual a geração digital representa a primeira geração que tem filhos com o Quociente de Inteligência (QI) abaixo dos pais. (DESMURGET, 2019). Dentre os diversos motivos apontados pelos pesquisadores para este resultado, está a deficiência dos aspectos atencionais e de memorização quando o conteúdo é passado através da tela eletrônica. Wolf (2018) alerta para a diferença entre a leitura física e a leitura digital da educação contemporânea. Segundo esta autora, o feedback sensorial trazido pela experiência do livro físico - a textura e acúmulo das páginas, o peso do livro, o estalar da coluna etc - diminui a carga cognitiva, o que favorece a memorização e recordação do que foi lido. Além disso, a interação presente na leitura digital com crianças se concentra nos aspectos mecânicos e lúdicos, o que compromete o foco no conteúdo, nas palavras e ideias contidas nas histórias (WOLF, 2018). Da mesma forma, um corpo crescente de pesquisadores aponta a escrita à mão nos primeiros anos como um preditor para um melhor pensamento. Os livros eletrônicos ou leitura digital vem cada vez mais perdendo força dentro da literatura científica. Evidências apontam que os livros digitais não apresentam benefícios para crianças pequenas e, inclusive, podem causar barreiras na preparação escolar por impactarem, negativamente, as interações sociais (TOMOPOULOS, 2019).

O autor Desmurget (2019) no livro "La fábrica de cretinos digitales: Los peligros de las pantallas para nuestros hijos", faz uma analogia entre as crianças da era digital e os chamados "gamas" da obra "Admirável Mundo Novo" (HUXLEY, 1932). Para ele, as poucas crianças preservadas da imersão digital - metaforizada pelo autor como os "alfas" de Huxley - serão privilegiadas por possuírem, através da cultura e da linguagem, capacidades necessárias para reflexão sobre o mundo. A grande ironia do autor está justamente na abordagem escolar, já que, para ele, os "alfas" se formarão em escolas particulares e caras que terão como grande destaque o contato exclusivo e "cara-a-cara" com professores humanos e reais. A grande interferência da cultura digital nas habilidades cognitivas é um dos motivos pelos quais os grandes produtores da tecnologia digital, que residem no chamado Vale do Silício - epicentro da inovação online - , proibem seus filhos de usar telas e de frequentar escolas que usam telas. Os pais do Vale do Silício - criadores de todas as maiores inovações digitais - estão criando seus "alfas" enquanto a indústria tecnológica e a imprensa focam suas energias na formação dos indivíduos "gamas". O fato deve ser, no mínimo, considerado uma bandeira vermelha, porque, apesar das crianças

contemporâneas estarem em um "Admirável Mundo Novo", o cérebro delas ainda responde a estímulos da mesma forma que os cérebros dos seus ancestrais.

A primeira geração nascida e criada com acesso livre e farto à tecnologia digital passa também a reconstruir os relacionamentos sociais devido aos diferentes usos que as pessoas fazem da vida digital. A grande quantidade de finalidades de uso dos artefatos digitais passa a substituir o tempo de inatividade das crianças e a presença do outro. Quando recebem os estímulos visuais e acústicos da "chupeta eletrônica", as crianças - principalmente os bem pequenos - passam a eliminar o tempo de inatividade e o tempo de ausência do outro. Segundo Dunker (2017), o tempo de inatividade é necessário para o processo criativo e imaginário, da mesma forma que o tempo de ausência do Outro é necessário para o interesse pelo Outro. Os aparelhos digitais transformam o momento de espera em eternos momentos de ocupação. Dessa forma a criança interpreta a oferta de objetos, imagens, sons ou palavras como presença do outro e, portanto, fixa-se nela um constante estado de presença. Quando se instala na criança o estado de superoferta de presença, ela passa a crer que o Outro está sempre disponível, que ela tem sempre razão e que o Outro deve sempre agradá-la com sua presença eterna (DUNKER, 2017). Além disso, criança que possui uma vivência íntima e frequente com os aparelhos digitais, passa - na falta da telinha - a entrar em um estado que lembra a abstinência devido a inexperiência com o tempo de ócio e solitário (GUELLER, 2017).

O espanto, maravilha e encantamento que o mundo digital traz, bem como todas as suas possibilidades de acesso, informação e comunicação parecem afastar as pessoas que estão próximas (relacionamentos reais) apesar de ajudar a aproximar pessoas distantes (relacionamentos digitais). A facilidade na "entrada" e "saída" dos relacionamentos digitais atrai mais as pessoas do que os relacionamentos reais. Além disso, os avanços tecnológicos vêm acompanhados de uma inquietude, ansiedade e baixa tolerância a erros, o que contribui para uma frustração exagerada à falha e, conseqüentemente, privação da alteridade. Ao evitar as emoções humanas desconfortáveis - culpa, solidão, medo, raiva, angústia - se evita também os afetos prazerosos da relação corpo-a-corpo (GUELLER, 2017). A sedução trazida pela música, brilho e velocidade do mundo virtual acaba deixando o mundo real "sem brilho" para as crianças e, quando o mundo real perde o seu brilho, aqueles que fazem parte dele também passam despercebidos. A realidade social real é menos estimulante do que a oferta do mundo digital.

Por isso, muitas pessoas preferem o isolamento ao convívio, daí o grande dilema social contemporâneo: as mesmas ferramentas tecnológicas que favorecem o convívio social também intensificam atitudes e comportamentos que comprometem o convívio social (WILLIGES &

SOUSA, 2017). Ao evitar o convívio social, a comunidade passa a adotar uma postura narcisista - culto extremo do Eu - que valoriza excessivamente a individualidade primária. O narcisismo compromete o funcionamento social já que o egocentrismo - regido pelo Eu-infantil narcísico - reproduz uma ideologia de consumo pregada pelo discurso capitalista e defendido por aqueles que se contentam em fechar-se, alienadamente, em ilusões primárias (ORNELLAS, 2017).

Em um mundo cada vez mais digital, é inegável que a tecnologia desempenha um papel significativo na vida das novas gerações. No entanto, o uso excessivo e indiscriminado das telas eletrônicas por parte das crianças e adolescentes traz desafios preocupantes, afetando sua saúde física e mental, bem como suas interações sociais. A inversão de hierarquia entre pais e filhos no que diz respeito à tecnologia é uma realidade, mas é fundamental que os adultos desempenhem um papel ativo na orientação e na definição de limites saudáveis. Além disso, é importante reconhecer que o mundo digital não substitui a riqueza das experiências do mundo real, e o equilíbrio entre ambos é essencial para o desenvolvimento integral das novas gerações. Portanto, é necessário refletir sobre como se pode aproveitar as vantagens da era digital sem perder de vista o valor das conexões humanas e do tempo de inatividade necessário para a criatividade e o crescimento pessoal.

2.4.2 A mãe "na era digital"

A variação do contexto sociocultural tem um impacto direto nas práticas educativas usadas pelas famílias com seus filhos ao longo das gerações. No Brasil, no início do século XX, as crenças religiosas, bem como os valores de criação das mães, exerciam grande influência na forma e atitudes educativas. Neste período, predominou-se a moralidade religiosa, a exigência da obediência e do bom comportamento, assim como as punições severas, as ordens, as proibições e o controle dos adultos sobre as crianças (MOREIRA; BIASOLI-ALVES, 2006).

Os tutoriais voltados para a educação infantil, cuja origem remonta à década de 1940 com o lançamento do "Manual de Cuidados com Bebês e Crianças" de Benjamin Spock em 1947, desempenharam um papel crucial na orientação das mães. Estes tutoriais utilizavam fotografias da vida cotidiana acompanhadas de extensas legendas para informar e educar as mães sobre os diferentes estágios de desenvolvimento infantil, bem como sobre as expectativas adequadas para seus filhos em cada fase (SPOCK, 1947).

Na década de 1960, com o advento do movimento higienista, ocorreu uma mudança substancial no cenário educacional infantil, influenciada diretamente pela introdução da televisão. Essa nova forma de mídia impactou profundamente as práticas educacionais dentro

das famílias. Surgiu, nesse período, um maior questionamento em relação à aplicação de punições na educação infantil, embora o controle do comportamento da criança pelo adulto ainda estivesse presente.

Após os anos 1960, houve uma mudança notável na abordagem da educação infantil. Especialistas, como pediatras, professores e psicólogos, passaram a desempenhar um papel proeminente na orientação e direcionamento da educação das crianças, moldando essa abordagem com base nas necessidades individuais de cada criança (MOREIRA; BIASOLI-ALVES, 2006). Isso marcou uma transição importante no paradigma educacional, afastando-se de uma abordagem mais punitiva e autoritária em direção a uma abordagem mais centrada na criança e em seu desenvolvimento. Essas mudanças marcantes na educação infantil refletem a evolução ao longo do tempo das práticas e concepções educacionais (MOREIRA; BIASOLI-ALVES, 2006).

A maternidade representa um período de profunda transição na vida da mulher, muitas vezes acompanhado por mudanças em sua identidade e pelo surgimento de incertezas. A crescente utilização das redes sociais tem proporcionado um valioso apoio às mães, que frequentemente recorrem a essas plataformas digitais para mitigar sentimentos de vulnerabilidade e isolamento social, comuns nesse período (BRANDON et al, 2011). Por essa razão, as redes sociais emergem como um dos ambientes mais influentes na vida das mães dentro do cenário da Internet (SHEN et al, 2017).

Apesar dos inúmeros benefícios trazidos por essas ferramentas digitais para as relações interpessoais, a proliferação das redes sociais também trouxe novos desafios para a mãe contemporânea (AMARAL, 2016). Atualmente, blogs, fóruns online e grupos dentro das mídias sociais representam uma extensão e amplificação metódica dos tradicionais manuais de instruções para a maternidade. Ao prescreverem a forma ideal de criar e educar um filho, essas plataformas digitais inadvertidamente delineiam o conceito de maternidade "ideal" e, conseqüentemente, o ideal da mãe. Quando se estabelecem normas para criar uma criança desejável, enviam-se mensagens às mães sobre a maneira correta e adequada de conduzir suas vidas e cuidar de seus filhos.

Embora as redes sociais desempenhem um papel inegável como fonte de apoio para as experiências maternas, é fundamental refletir sobre a pressão exercida por essas plataformas nas ideologias e comportamentos maternos, dado que as atividades online estão frequentemente associadas à comparação social (VERDUYN et al, 2020). Além disso, o fluxo incessante de informações proporcionado pela Internet, embora valioso em muitos aspectos, pode também

confundir as mães, uma vez que a velocidade e a abrangência da rede a transformaram em um labirinto infindável quando se trata de orientações sobre a educação e criação de filhos. A principal consequência desse excesso de informações é que as mães podem sentir a responsabilidade de fazer escolhas críticas em relação a seus filhos, o que pode levá-las a adotar uma abordagem de maternidade intensiva e competitiva (JARVIS, 2017).

A ênfase na competitividade na criação de filhos começou a se destacar por volta dos anos 2000, com a introdução de atividades e tarefas programadas com o intuito de ocupar o tempo das crianças e prepará-las para a competição social (MOREIRA; BIASOLI-ALVES, 2006). No entanto, o ápice da competitividade materna coincidiu com a ascensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), em particular, blogs, smartphones e redes sociais (BRANDON et al, 2011).

Um estudo conduzido no Japão (SHEN et al, 2017), identificou uma tendência significativa de que as mulheres são mais propensas a compartilhar momentos familiares em plataformas de mídia social em comparação com os homens. Esta observação não é aleatória e pode ser contextualizada à luz das transformações sociais e culturais influenciadas pela proliferação das redes sociais. A disseminação de informações e imagens relacionadas à maternidade, por exemplo, tem crescido exponencialmente, alimentando a emergência de uma espécie de "manual de maternidade" virtual. Estes manuais têm como objetivo instruir as mães por meio de descrições detalhadas de cenas cotidianas da vida familiar, delineando o que é considerado necessário para o bem-estar das crianças e como as mães devem desempenhar seus papéis.

Essa receita para a maternidade, fortemente influenciada pela exposição às redes sociais, pode exercer pressão sobre as mães para que assumam uma carga adicional de responsabilidade e tomem decisões críticas em relação aos cuidados de seus filhos. O impacto dessa influência digital na maternidade pode ser considerado um fenômeno sociocultural importante, onde as mães se veem confrontadas com uma gama de informações, opiniões e expectativas externas, que podem moldar suas percepções e práticas parentais. É essencial para a compreensão desse fenômeno que se leve em consideração o contexto cultural e as dinâmicas sociais que permeiam as interações nas redes sociais, bem como suas implicações para o bem-estar das crianças e o papel das mães na sociedade moderna.

As redes sociais têm se consolidado como a arena primordial da competição contemporânea, onde as mães registram meticulosamente todos os momentos vividos por seus filhos, tanto dentro como fora do ambiente doméstico. Neste espaço virtual, não há privacidade;

desde o traje utilizado na festa de aniversário, passando pela aula de ballet, a ida à escola, até mesmo as quedas durante as férias e até mesmo imagens de ultrassom pré-natal são transformadas em um espetáculo para ser apreciado por uma audiência global na ordem dos milhões.

O compartilhamento de detalhes da vida familiar nas mídias sociais tornou-se uma rotina para as mães contemporâneas, que encontraram nesse espaço uma plataforma para se apresentarem ao mundo e demonstrarem que se conformam aos exigentes padrões delineados pelos novos e infundáveis manuais de cuidado, criação e educação infantil. Este fenômeno alimenta o estereótipo da "maternidade perfeita" e, sobretudo, da "mãe exemplar" tal como prescritos e demandados por outros membros das redes sociais, podendo induzir as mães a se sentirem inadequadas em comparação ao que veem online.

A Teoria da Comparação Social, desenvolvida por Festinger (1954), salienta que a comparação com os outros é um comportamento humano com o objetivo de avaliar habilidades e opiniões. O primeiro estágio deste processo envolve a adoção da ideologia predominante, seguido pelo desejo de se assemelhar aos demais adeptos dessa ideologia. Nesse contexto, as mulheres expostas aos padrões online relacionados à parentalidade são levadas a se autoavaliarem como mães (CHAE, 2015). Um estudo conduzido por Coyne et al. (2017) revelou que as comparações realizadas em plataformas de redes sociais resultam em maior sobrecarga parental e níveis elevados de depressão materna. Ao se compararem nas redes sociais, as mães tendem a concentrar sua atenção nas imagens idealizadas apresentadas na rede, o que, por sua vez, pode dificultar a construção de uma autoimagem positiva. Conforme observado por Vogel e Rose (2016), os impactos negativos do uso de redes sociais dependem de como o usuário idealiza as imagens compartilhadas por outros indivíduos na plataforma.

As redes sociais fornecem uma plataforma para o compartilhamento de informações, contribuindo para a dinâmica da comparação social. O ato de compartilhar informações e boas notícias relacionadas aos filhos é uma prática ancestral na humanidade, assim como a comparação social em si. No entanto, o novo fenômeno de "compartilhamento" trazido pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) se distingue pela consciente seleção do que é exibido, de acordo com as normas estabelecidas e perpetuadas pela própria plataforma (VOGEL; ROSE, 2016).

O uso excessivo das mídias sociais pode transformar muitas mães em "compartilhadoras compulsivas", pois demanda uma constante atualização do seu papel materno dentro do contexto global apresentado pelas redes sociais. Ao documentar e compartilhar diariamente a

vida de seus filhos, as mães frequentemente interrompem o relacionamento com suas crianças para decidir se um determinado momento é digno de uma postagem no Facebook ou Instagram. Esse exercício constante consome horas, minutos e segundos do dia, à medida que as mídias sociais se tornam uma parte integral da rotina. O conceito de "novo normal", catalisado pela disseminação das mídias sociais, implica que as mães interrompem repetidamente a interação com seus filhos para acessar seus dispositivos móveis, registrar um momento ideal e compartilhar mais um padrão a ser agregado à vasta rede de exposição.

Adicionalmente, o excesso de compartilhamento na internet, ao reduzir drasticamente o tempo dedicado ao fortalecimento dos vínculos proximais e comprometer a qualidade das interações, pode enfraquecer os relacionamentos entre mães e filhos, considerados cruciais para o desenvolvimento da criança (BRANDON; RADESKY, 2017).

O rastro digital deixado pelo compartilhamento incessante da vida familiar representa uma ameaça às famílias, uma vez que pode acompanhar as crianças ao longo de suas vidas, levantando implicações, inclusive, em relação à privacidade e proteção dos dados pessoais das crianças. As postagens virtuais realizadas em ambientes online muitas vezes levam os usuários a negligenciarem a importância de estabelecer limites quanto à exposição de suas vidas para os outros. Embora esse comportamento seja em grande parte inocente e inconsciente, é crucial enfatizar a dificuldade de se desvincular das pegadas deixadas na internet, sem mencionar o potencial impacto desse registro digital na vida das crianças (FISCHER, 2019).

A maternidade tem historicamente sido permeada por estereótipos que não refletem a diversidade das experiências femininas. Os desafios e dificuldades associados à maternidade frequentemente são acompanhados por julgamentos e mitos. Um desses mitos diz respeito ao conceito de amor materno. Conforme postulado por Elisabeth Badinter, o amor materno é um produto da evolução social e, portanto, pode variar de acordo com as flutuações socioeconômicas da história, não sendo um sentimento intrinsecamente ligado à condição feminina (BADINTER, 1985). Diante desse mito, muitas mulheres se sentem desorientadas ao perceberem que a maternidade não corresponde à idealização predominante, e encontram nas mídias sociais um meio de pertencimento, onde podem espelhar e propagar aquilo que é considerado "adequado".

Ser mãe transcende a esfera da biologia e da psicologia, sendo um construto social e cultural que se desenvolveu ao longo do tempo e do espaço. A comparação cultural mediada pela mídia digital inaugura uma perspectiva completamente nova sobre o lugar de cada indivíduo na sociedade. Apesar de as mídias digitais auxiliarem as mães na construção de uma

comunidade de apoio, também podem se tornar um ambiente de conflito interno constante devido à busca pela perfeição e à perda da interação familiar (BRANDO; DROUIN, 2019).

A tecnologia digital trouxe para a maternidade a participação em comunidades e grupos de apoio voltados para mães, com o objetivo principal de criar um ambiente para troca de informações, busca e oferta de conselhos, compartilhamento de recursos úteis. No entanto, é fundamental avaliar e mensurar os aspectos negativos desse fenômeno, uma vez que pode levar as mães a adotarem uma abordagem de maternidade competitiva e intensa, bem como impactar negativamente as crianças, devido à exposição excessiva, à redução da interação face a face e à potencial violação da privacidade e segurança (REIMENSCHNEIDER; AQUINO, 2017).

2.4.3 O pai "na era digital"

Diariamente, é evidente que pais e mães enfrentam um equilíbrio complexo entre as responsabilidades domésticas, o compromisso laboral e o cuidado parental compartilhado. Embora a concepção tradicional ainda associe predominantemente a figura masculina ao papel de provedor financeiro, a paternidade moderna tem evoluído, englobando uma participação mais ativa dos pais nas atividades cotidianas, na educação e no bem-estar de seus filhos.

O engajamento paterno é um tema crescente nos estudos contemporâneos. Lamb (1985), uma figura de destaque na pesquisa sobre paternidade, delineia três dimensões cruciais desse envolvimento: interação, disponibilidade e responsabilidade. A interação se refere ao tempo e à qualidade das atividades que o pai compartilha com a criança, incluindo cuidados físicos, tarefas escolares e momentos de lazer. A disponibilidade implica na capacidade da criança em buscar o pai quando necessário, enquanto a responsabilidade envolve as ações do pai para garantir o bem-estar dos filhos (LAMB et al, 1985).

É importante ressaltar que os determinantes da paternidade não se limitam apenas às dinâmicas de gênero, relacionamentos conjugais e parentais. Fatores intergeracionais, traços de personalidade paterna, contexto social e influências políticas, culturais e históricas também desempenham um papel significativo no contexto familiar (BACKES et al, 2018). Portanto, as experiências culturais e sociais dos pais podem influenciar substancialmente suas relações com os filhos.

Um desafio contemporâneo adicional que afeta os pais, assim como as mães, é o uso excessivo de smartphones e, no caso dos pais, o consumo considerável de videogames. Pesquisas indicam que os homens, ao utilizarem menos os smartphones para fins sociais, são menos suscetíveis ao estresse social (DEURSEN et al, 2015). No entanto, os videogames, uma

preferência notável entre os pais, são associados a riscos significativos, incluindo comportamento patológico e uma diminuição do senso de competência parental (STOCKDALE; COYNE, 2020).

Muitos pais contemporâneos, devido à sua exposição a videogames durante a infância e adolescência, mantêm esse interesse na vida adulta, atualizando constantemente suas plataformas de jogo. Os videogames podem servir como meio para fazer amigos, obter satisfação pessoal e até gerar renda por meio de seus hobbies. Além disso, para alguns pais, os jogos podem ser uma forma de escapismo e relaxamento, particularmente em momentos de estresse, como o nascimento de um filho. No entanto, é crucial reconhecer os riscos associados ao uso excessivo de videogames, incluindo impactos na saúde física e mental, bem como no declínio na comunicação intrafamiliar, na ampliação do isolamento social e no aumento da depressão (DUNCKLEY, 2015; KRAUT et al, 1998).

É relevante observar que a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu o "transtorno do jogo" como uma síndrome clinicamente significativa em sua última edição da Classificação Internacional de Doenças. Este transtorno pode se manifestar em jogos online e offline e inclui sintomas como angústia acentuada e incapacidade de funcionar em diversas áreas da vida (CHÓLIZ; MARCOS, 2019). Além disso, a exposição prolongada ao estresse durante o jogo de videogame pode prejudicar a capacidade de gerenciamento do tempo, levando a subestimar o tempo gasto na atividade virtual, resultando em atrasos em atividades cotidianas e compromissos (MUELLER; OPPENHEIMER, 2014; RAU et al, 2006).

Em relação à nova geração de pais, a pesquisa sobre o uso problemático de videogames indica uma menor satisfação com a vida, níveis elevados de ansiedade e depressão (MENTZONI et al, 2011). Esse comportamento viciante pode ser atribuído à liberação constante de dopamina no cérebro, que leva a uma redução dos receptores de dopamina e ao desejo de estímulos cada vez mais intensos, frequentes e arriscados (HOU et al, 2012).

É fundamental observar que os videogames online são projetados com elementos de design persuasivos que fornecem recompensas intermitentes e geram frustração para manter os jogadores envolvidos. Como resultado, os pais que se tornam jogadores intensivos podem se tornar dependentes rapidamente e perder o interesse em atividades do mundo real que não produzem a mesma gratificação de dopamina. Isso pode afetar negativamente a relação com os filhos e a dinâmica familiar.

Além dos desafios associados ao uso excessivo de videogames, um dilema adicional enfrentado por pais na era digital é o uso excessivo para fins laborais. O trabalho remoto e a

constante conectividade digital podem levar à falta de equilíbrio entre vida pessoal e profissional, prejudicando o tempo e a atenção dedicados aos filhos. Portanto, os pais devem estar cientes dos impactos potenciais dessas questões em suas vidas familiares e buscar um equilíbrio saudável entre as demandas digitais, o trabalho e o cuidado dos filhos.

O uso excessivo de dispositivos digitais para fins laborais é um dilema adicional enfrentado pelos pais na era digital, e esse fenômeno tem se intensificado com a popularização do trabalho remoto e a crescente conectividade digital. Esta realidade trouxe consigo uma série de desafios que afetam diretamente a dinâmica familiar e a relação dos pais com seus filhos.

A falta de limites entre trabalho e vida pessoal é um problema comum. Muitos pais estendem sua jornada de trabalho para além do horário tradicional, o que resulta em uma falta de atenção e disponibilidade para seus filhos. A constante conectividade digital também pode criar uma distração constante, interrompendo momentos de qualidade com os filhos. Além disso, a pressão para manter um alto desempenho no trabalho, amplificada pela comunicação constante, pode aumentar os níveis de estresse dos pais, afetando tanto sua saúde mental quanto o ambiente familiar. O tempo de qualidade com os filhos pode se tornar limitado e de qualidade reduzida, prejudicando o desenvolvimento de vínculos emocionais.

Os pais desempenham um papel importante na modelagem do comportamento para seus filhos. Se as crianças observam seus pais constantemente conectados ao trabalho, elas podem internalizar a ideia de que essa é a norma e que a vida familiar é menos prioritária. Isso pode afetar o equilíbrio futuro entre trabalho e vida pessoal das crianças. Para enfrentar esses desafios, os pais precisam estar conscientes dos impactos potenciais do uso excessivo de dispositivos digitais para fins laborais em suas vidas familiares (MENTZONI et al, 2011).

Estabelecer limites claros entre o tempo de trabalho e o tempo dedicado à família é essencial. Isso pode incluir a definição de horários específicos para o trabalho e momentos reservados para interações familiares sem distrações digitais. Além disso, os empregadores também têm um papel a desempenhar, incentivando políticas de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal e promovendo uma cultura que valorize a qualidade do trabalho em vez da quantidade de horas trabalhadas.

Em última análise, encontrar um equilíbrio saudável entre as demandas digitais do trabalho e a atenção dedicada aos filhos é essencial para promover um ambiente familiar saudável e garantir que os pais possam desempenhar plenamente seu papel na criação e educação de seus filhos.

2.4.4 Influência das TDICs na parentalidade

A era digital deu início a uma série de mudanças na sociedade contemporânea; algumas para melhor e outras, possivelmente, para pior. A relação com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) – tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres humanos (CARVALHO, 2019) - é um grande desafio também para as famílias que precisam encontrar estratégias de autorregulação no comportamento online de todos os seus membros.

São inquestionáveis os benefícios das TDICs para as famílias, principalmente para os pais/mães. Eles utilizam para ter acesso rápido a informações importantes (como os sintomas de uma doença), para se comunicarem com os próprios filhos enquanto estes estão fora de casa, para obterem apoio parental (por exemplo, acessar informações sobre a parentalidade pela internet ou mídia social) e usam a "tecnologia inteligente" para monitorar os bebês dormindo (KNITTER; ZEMP, 2020).

O advento da tecnologia digital desencadeou novas maneiras de relacionamento na atualidade. Apesar da maior aceitação de novas configurações familiares e uma nova forma de convivência: a virtual, a tecnologia digital vem contribuindo, cada vez mais, para a incerteza, o individualismo, o imediatismo, o consumo, a apologia à beleza e o enfraquecimento dos relacionamentos familiares reais (BOZZA, 2016).

Os pais/mães, que estão cada vez mais envolvidos com as mídias de tela em assuntos pessoais e relacionados ao trabalho, passaram também a utilizar seus dispositivos inteligentes durante as interações com seus filhos. A tecnoferência, fenômeno que representa a interferência e interrupção das interações face a face do dia a dia por meio da tecnologia - em particular smartphones – faz com que os pais/mães desviem a atenção para seus dispositivos enquanto interagem com seus filhos (BRANDON; COYNE, 2016).

O maior desafio das famílias contemporâneas em relação às TDICs é a busca pelo equilíbrio no uso, por parte de todos os membros, para as diversas finalidades. Normalmente, os benéficos das TDICs estão associados ao uso para informação e comunicação, enquanto os maléficos estão relacionados à falta de autocontrole na utilização, principalmente, para entretenimento (STAMATAKIS et al, 2011) por parte de todos os membros familiares.

Usar a Internet ou dispositivos digitais visando informar-se e/ou comunicar-se pode levar a maiores oportunidades de educação, trabalho e até a manutenção e fortalecimento da identidade familiar, já que permite o contato frequente com familiares de diversas localidades. No entanto, a própria comodidade da comunicação digital pode estar relacionada com a

crescente aversão à comunicação direta com pessoas reais e mesmo o contato com o real como um todo (HAN, 2018).

Uma pesquisa recente, realizada por AdColony (2020), mostrou que mais de 80% dos brasileiros utilizam dispositivos móveis para entretenimento, principalmente jogos virtuais. Este estudo, que contou com 4,2 mil participantes, mostrou que a faixa etária, que tem a maior preferência por essa atividade, é a de 25 a 34 anos (30,7%). Também ficou evidente que os brasileiros que jogam em dispositivos móveis dedicam, em média, cinco horas de seu dia a essa atividade.

O principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento humano é o processo com que as interações recíprocas acontecem de maneira gradativa, em termos de complexidade, entre o sujeito e as pessoas, objetos e os símbolos presentes no seu ambiente imediato (BENETTI, 2013). O aspecto solitário das telas interativas faz com que cada membro familiar tenha acesso a seu conteúdo de interesse individualmente, evitando assim momentos de partilha e troca, tão necessários para o desenvolvimento humano e fortalecimento dos vínculos familiares.

O filósofo contemporâneo Han, em seu livro “No enxame – perspectiva do digital” (2018), apresenta o contato visual real como sendo fundamental para a relação com o outro. O contato visual é uma experiência tão carregada de sinais que pode ser considerada como uma das maiores habilidades da evolução humana. Segundo o autor, a tela do celular “protege” o usuário do olhar do outro e, ao mesmo tempo, permite que ele transpareça (HAN, 2018).

O olhar funciona como uma espécie de guia. Tanto a duração quanto a intensidade sinalizam a intenção do outro. Portanto, negar ou evitar o contato visual pode levar a uma sensação de exclusão e comprometer a conectividade humana (WESSELMANN et al, 2012). Neumann e Missel (2019), analisando a influência - impactos positivos e negativos - da tecnologia nos relacionamentos entre pais e filhos adolescentes, também apontaram a deficiência no tempo de contato visual real como um possível desencadeador de conflitos familiares, uma vez que modificam os padrões de convivência e de comunicação.

Atualmente, pais/mães enfrentam a grande dificuldade de regular o comportamento dos filhos frente às TDICs. Esta dificuldade vem da falta de referência e experiência quanto ao uso dos novos dispositivos digitais. Os pais e mães aprenderam a usar essas ferramentas em algum estágio durante a vida adulta - a maioria deles começou a usar a internet por volta dos 24 anos de idade (PATRÃO, 2019). Portanto, eles não experimentaram a autorregulação destas

plataformas, o que compromete a regulação do uso das TDICs pelos filhos e, também, o próprio uso.

A maioria dos pais/mães subestimam a quantidade de tempo gasto no próprio uso dos seus dispositivos móveis diariamente para interações virtuais. Isto acontece porque estes aparelhos aumentam a sensação de conexão e bem-estar (TANGMUNKONGVORAKUL et al, 2019). Estudos também apontam para uma associação positiva entre horas de uso de mídias sociais e práticas parentais autoritárias. Significa que, quanto mais tempo pais/mães passam nos seus ambientes virtuais, maior é a probabilidade de eles usarem punição física, ameaças e outras medidas disciplinares negativas com seus filhos (CONTRERAS, 2016).

Grande parte da tecnologia de hoje tem característica viciante por conta da presença do designer persuasivo em sua essência. Os aplicativos de telefone móvel enviam notificações, oferecem recompensas variáveis intermitentes e têm um incentivo especial para fazer com que os usuários gastem mais tempo com eles (KLEMM; PIETERS, 2017). É por isso que, apesar de poucas pessoas acordarem de manhã pensando em passar mais tempo em seus smartphones ou redes sociais, elas, inevitavelmente, o fazem, à medida que procuram estímulo informativo nos cantos e recantos do tempo de inatividade.

Os pais/mães - apesar de menos suscetíveis às características viciantes das tecnologias digitais - não estão livres desse efeito. Por exigirem muita atenção e demandarem muito tempo, os dispositivos digitais ultraportáteis – principalmente o smartphone – reduzem a capacidade responsiva dos pais/mães em relação aos filhos quando solicitado e quando necessário (KNITTER; ZEMP, 2020). As relações familiares são prejudicadas quando os adultos priorizam a interação com o telefone em um momento em que deveriam estar com a atenção voltada para os filhos. É por este motivo que as crianças estão, cada vez mais, compreendendo os seus dispositivos e brinquedos eletrônicos como o “outro”. É a estes aparelhos que elas respondem, atendem, se espelham e se relacionam.

As interações pessoais são descritas na literatura como sendo os mais fortes indicadores de conexão social e bem-estar subjetivo (KUSHLEV, 2015). Portanto, o acesso fácil e ilimitado a uma variedade de atividades laborais, educacionais, divertidas e de interações virtuais através das plataformas digitais, pode comprometer os benefícios sociais e emocionais que os pais e filhos colhem ao interagirem pessoalmente.

Segundo a teoria do apego (BOWLBY, 1989), a sensibilidade dos pais/mães é um dos mais fortes preditores da alta qualidade relacional com seus filhos. Sendo assim, as demandas impostas à atenção dos pais/mães pela Internet podem prejudicar o apego saudável entre

pais/mães e filhos, o que impacta nos resultados sociais, psicológicos e de saúde de toda a família a longo prazo (BECKER et al, 2019). Segundo Brandon e Radesky (2018b), o uso de tecnologia digital pelos pais/mães estão, potencialmente, servindo a propósitos de alívio do estresse para os pais/mães, mas, ao mesmo tempo, estão deslocando as oportunidades de conexão pai/mãe-filho importantes para a saúde e o desenvolvimento infantil.

O apego familiar saudável fornece a direção e a base que o filho precisa para um futuro de sucesso e desenvolvimento moral. Quando esses apegos são fracos e o pai/mãe não correspondem mais à bússola para a criança, os problemas podem persistir, e até se agravarem, na vida adulta. O diálogo entre pais/mães e filhos também é apontado como fundamental para um maior fortalecimento familiar, desenvolvimento humano e ampliação das relações sociais como um todo. Sendo assim, a falta desse diálogo – devido à falta de tempo e/ou atenção – pode comprometer a construção de vínculos duradouros e, conseqüentemente, a convergência de desejos em prol da construção de projetos comuns (AUGUST; KLASSEN, 2019).

A internet e a utilização da conexão “sem fio”, apesar de ter contribuído positivamente para a manutenção da identidade familiar e para a gestão diária das atividades, também impactou negativamente nos relacionamentos familiares, principalmente na parentalidade. Pais/mães e filhos, que antes ficavam juntos após o trabalho e a escola, em momentos de intimidade familiar, como durante as refeições e à noite, agora estão separados, olhando cada um para as suas janelas virtuais (JERUSALINSKY, 2014).

Fatores familiares, como funcionamento familiar positivo, monitoramento dos pais e relacionamento saudável entre pais/mães e filhos, desempenham um papel vital no processo de prevenção ao vício em tecnologia pelos filhos (SHI et al., 2017). Parece, portanto, que os relacionamentos familiares, que são afetados pelo uso exagerado e inadequado das TDICs correspondem à “vacina” e à “cura” para os problemas decorrentes de tal fator agressor – uso inadequado e exagerado das TDICs.

Sendo assim, faz-se necessário uma dedicação especial a estratégias informativas e preventivas dentro das famílias, bem como a implementação de projetos adaptados às necessidades de cada comunidade. Soluções baseadas na família compreendem a melhor alternativa para evitar que os seus membros desenvolvam problemas relacionados às TDICs e, conseqüentemente, queda na qualidade relacional familiar em geral.

3.0 METODOLOGIA

Este capítulo descreve os objetivos - geral e específicos - do estudo e a metodologia usada para alcançá-los. Ele também fornece uma justificativa para a escolha da teoria sistêmica como paradigma metodológico para o estudo, bem como a escolha da abordagem qualitativa enquanto questão epistemológica e ontológica que melhor responde à pergunta de investigação e atende aos objetivos geral e específicos da pesquisa. Neste capítulo serão descritos, minuciosamente, todos os métodos realizados na coleta de dados, desde a apresentação do desenho do estudo, passando pela caracterização dos participantes, definição do instrumento de coleta, procedimentos e análise de dados. O capítulo é finalizado com a explanação de todas as questões éticas envolvidas na pesquisa de caráter social.

TABELA 1.0: VISÃO GERAL DA PESQUISA EMPÍRICA

PERGUNTA	<ul style="list-style-type: none"> ● Uso de TDICs (pais e mães) vs. relacionamentos parentais
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ● Geral ● Específicos
PARADIGMA	<ul style="list-style-type: none"> ● Teoria sistêmica ● Abordagem qualitativa
MÉTODO DE COLETA	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenho do estudo ● Caracterização dos participantes ● Instrumento de coleta ● Participantes ● Análise de dados ● Critérios éticos

A pesquisadora usará a estrutura e as informações da tabela 1.0 para explicar os processos da pesquisa nos tópicos seguintes.

3.1 A PERGUNTA DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo é uma investigação aprofundada sobre as percepções que os pais e as

mães têm sobre a interferência do seu próprio uso de TDICs nos seus relacionamentos parentais. Sendo assim, a pergunta em questão é: *Como os pais e as mães de crianças percebem a interferência do seu próprio uso de TDICs nos seus relacionamentos parentais?*

3.2 OBJETIVOS - GERAL E ESPECÍFICOS

3.2.1 Geral

- Conhecer como os pais e as mães percebem o próprio uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e sua interferência nos seus relacionamentos parentais.

3.2.2 Específicos

- Compreender as concepções dos pais e mães sobre o uso de TDICs;
- Compreender as percepções dos pais e das mães sobre o próprio uso de TDICs;
- Conhecer as concepções de maternidade e paternidade ideal na perspectiva dos participantes;
- Identificar, na percepção dos pais e das mães, quais são os impactos do próprio uso das TDICs no relacionamento com os filhos;
- Conhecer o que os pais e mães gostariam de modificar no relacionamento com as TDICs, a fim de contribuir com o fortalecimento das interações reais com seus filhos.

3.3 A ESCOLHA DE UM PARADIGMA

As ciências que envolvem os sistemas familiares, agora compreendidos como sistemas intersubjetivos compostos por agentes conscientes, intencionais que se co-criam a si mesmos e a seu entorno em uma permanente interação comunicativa e construção de significados, muda o foco do indivíduo para os sistemas humanos. Sendo assim, o foco se torna a comunicação e o comportamento de todos os membros envolvidos no sistema, os elos de recursividade entre os membros e os contextos em que estão inseridos (BOING et al, 2008).

A família é um objeto de pesquisa único nos estudos sobre desenvolvimento humano, uma vez que a compreensão da singularidade das relações familiares permite vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural

também em desenvolvimento. Portanto, ao estudar família é importante considerar que o comportamento de cada um de seus membros é interdependente do comportamento dos outros. Assim, o grupo familiar pode ser visto como um conjunto, cuja particularidade de um de seus membros não basta para explicar o comportamento dos demais, de forma que a análise de uma família não é a soma da análise de seus membros individuais. Também é importante compreender que um sistema familiar se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural (CERVENY, 2000).

Diante da diversidade de aspectos que envolvem o fenômeno família, é fundamental levar em conta a complexidade, por meio da contextualização social, histórica e cultural. Nesse sentido, a abordagem teórica fundamentada na epistemologia sistêmica se mostra bastante adequada no desenvolvimento de pesquisas com famílias.

A teoria sistêmica que embasa a presente pesquisa é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996). De acordo com essa teoria, o desenvolvimento é compreendido como um fenômeno complexo que se dá por meio da interação de quatro núcleos principais: os processos proximais (interações que promovem desenvolvimento); as características pessoais; o contexto e o tempo, denominado “Modelo PPCT” (BRONFENBRENNER, 1999).

A abordagem teórica centrada na epistemologia sistêmica, com destaque para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, desempenha um papel fundamental na análise do fenômeno familiar, oferecendo uma compreensão aprofundada da complexidade e dinâmica das relações familiares.

Primeiramente, a Teoria Bioecológica reconhece a interdependência entre os membros da família, enfatizando que o comportamento individual está intrinsecamente ligado às interações e influências dos outros membros. Essa perspectiva é crucial para desvendar as intrincadas dinâmicas presentes nas relações familiares.

Além disso, a visão sistêmica proporciona a capacidade de analisar os diversos contextos nos quais a família está inserida, ultrapassando abordagens isoladas e considerando influências do ambiente imediato e mais amplo, incluindo o contexto sociocultural. Essa amplitude contextual é essencial para uma pesquisa completa sobre o desenvolvimento familiar.

A Teoria Bioecológica também destaca a importância do tempo no desenvolvimento humano. Essa consideração temporal é essencial para estudar a dinâmica familiar ao longo do tempo, permitindo a captura de mudanças, transições e a evolução das relações familiares em resposta a diferentes estágios da vida e eventos externos.

Ao abordar processos proximais, características pessoais, contexto e tempo, a abordagem sistêmica enfrenta a complexidade do fenômeno familiar. Isso possibilita uma análise holística que vai além da simples soma das partes individuais, proporcionando uma compreensão profunda das inter-relações e influências recíprocas presentes nas dinâmicas familiares.

Por fim, a relevância sociocultural é destacada, reconhecendo a importância de considerar especificidades culturais, históricas e sociais. A Teoria Bioecológica fornece uma base sólida para explorar as particularidades das famílias em diferentes contextos, enriquecendo as análises e insights sobre o desenvolvimento humano no âmbito familiar. Em resumo, essa abordagem oferece uma estrutura conceitual abrangente e dinâmica para compreender a riqueza e complexidade do fenômeno familiar.

A escolha da abordagem de pesquisa entre métodos quantitativos, qualitativos e/ou mistos transcende uma simples orientação epistemológica e ontológica; ela está intrinsecamente ligada à coerência com os objetivos e questões de pesquisa. No caso desta investigação, a opção pela abordagem qualitativa não se fundamenta apenas em uma orientação metodológica, mas também reflete a natureza exploratória do estudo e sua finalidade de conhecer como os pais e as mães percebem o próprio uso de TDICs e sua interferência nos seus relacionamentos parentais.

Ao contrário de uma rota dedutiva característica de abordagens quantitativas, esta pesquisa não tem como objetivo testar uma teoria específica. Em vez disso, busca explorar o fenômeno em questão por meio de uma lente ampla, visando fornecer uma compreensão profunda e uma descrição rica das experiências dos participantes. A abordagem qualitativa é particularmente adequada para esse propósito, permitindo a exploração de nuances, contextos e subjetividades que frequentemente escapam à rigidez dos métodos quantitativos.

Optar por uma abordagem qualitativa neste estudo possibilita uma imersão mais profunda nas perspectivas e vivências dos pais e mães diante do impacto das novas tecnologias digitais em seus relacionamentos parentais. Busca-se, assim, capturar a complexidade dessas experiências e contribuir para a geração de uma teoria mais embasada na compreensão contextual e nas nuances dessas dinâmicas familiares em evolução.

3.4 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Este segmento do estudo aborda a metodologia empregada para a coleta e análise de

dados, essencial para a compreensão das percepções de pais e mães sobre o impacto do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nas dinâmicas familiares. A escolha metodológica é determinante para o alcance dos objetivos propostos, pois permite a exploração detalhada e a interpretação dos comportamentos e experiências dos participantes dentro do contexto da cultura digital. Ao detalhar o desenho do estudo, a caracterização dos participantes, os instrumentos de coleta de dados, os procedimentos adotados, a análise de dados e os critérios éticos observados, este capítulo fornece uma visão abrangente das estratégias implementadas para garantir a validade e a confiabilidade das informações coletadas.

A metodologia adotada reflete o compromisso com uma investigação rigorosa e ética, delineando não apenas os meios através dos quais os dados foram coletados e analisados, mas também o modo como os participantes foram envolvidos e protegidos durante a pesquisa. A seguir, é apresentado o desenho do estudo, que utiliza uma abordagem qualitativa para capturar a profundidade e a complexidade das interações familiares influenciadas pelas TDICs.

3.4.1 Desenho do estudo

Para a realização deste estudo, foi utilizada uma metodologia de caráter qualitativo. Métodos qualitativos podem ser usados para descobrir e entender o que está por trás de qualquer fenômeno sobre o qual ainda pouco se sabe, também pode ser usado para adquirir novas informações sobre o fenômeno que está sendo pesquisado (MARCONI; LACATOS, 2007).

Mediante os objetivos da pesquisa, do ponto de vista da abordagem, optou-se por realizar uma pesquisa de natureza descritiva, sendo seu objetivo conhecer e interpretar a realidade por meio da observação, descrição e interpretação dos dados, sem interferir para modificá-la (MARCONI; LACATOS, 2007).

3.4.2 Caracterização dos participantes

Participaram do presente estudo cinco (5) pais e cinco (5) mães que tinham filhos até a segunda infância - período dos seis (6) anos de idade até os doze (12) anos de idade. A escolha da idade do **filho(a)** ocorreu, principalmente devido:

- A possibilidade de os pais/mães receberem feedback dos seus filhos quanto ao seu próprio uso de TDICs.
- A grande influência que o uso de TDICs dos pais tem no uso de TDICs dos seus filhos nesta idade;
- Ao grande incentivo da mídia para o uso de TDICs de pais/mães que tenham filhos nesta idade - tanto no ambiente escolar quanto no ambiente doméstico;
- A possibilidade de poder reverter os efeitos negativos do uso de TDICs dos pais/mães que tenham filhos nesta idade através de abordagens de reeducação familiar.

Vale ressaltar que os participantes da pesquisa não foram selecionados de acordo com uma classe socioeconômica específica, já que não se pretendia observar os desfechos de acordo com essa variável. Também não foi analisado o desfecho da conjugalidade; sendo assim, foram incluídos também pais e mães que não eram, necessariamente, um casal.

3.4.3 Instrumento de coleta

O instrumento de coleta de dados foi o roteiro semiestruturado desenvolvido pela pesquisadora responsável. Esse roteiro tinha como objetivo aprofundar aspectos referentes as percepções dos pais e mães quanto ao próprio uso das TDICs e a sua interferência nos relacionamentos com os filhos.

Para a construção do roteiro de entrevista, a pesquisadora considerou cinco questões norteadoras:

1. Conceção sobre família e parentalidade
2. Percepção sobre o seu próprio uso;
3. Percepção sobre o uso do(s) filho(s);
4. Percepção sobre o uso em família;
5. Percepção da interferência do seu uso sobre sua parentalidade;

Os entrevistados foram questionados sobre como e quanto tempo online eles e seus filhos se dedicavam – individualmente e coletivamente – às TDICs dentro das suas diversas finalidade de uso, como informação, comunicação, estudo, trabalho e entretenimento (recreação). Essas categorias foram definidas como:

- Informação - quando os usuários procuram informações específicas sobre algo (não relacionado aos seus estudos ou trabalho) ou quando eles passam tempo procurando materiais em diferentes categorias.

- Comunicação - utilização das TDICs para contactar com outras pessoas através de mensagens de texto e chamadas de áudio e/ou vídeo.
- Estudo – utilização das TDICs para fazer trabalhos online, responder e-mails acadêmicos, leitura de artigos ou outro material relacionado com os seus estudos; para receber conteúdo educacional/acadêmico através de plataformas digitais.
- Trabalho - utilização das TDICs para realização de atividade laborais; responder e-mails, leitura de artigos ou outro material relacionado com o trabalho; participar de atividades virtuais com a finalidade laboral; produção de conteúdo virtual para o trabalho.
- Entretenimento (recreação) - utilização das TDICs para lazer, divertimento, passatempo, distração.

3.4.4 Procedimentos

A seleção dos participantes desempenha um papel fundamental em estudos qualitativos, pois o pesquisador busca envolver indivíduos únicos, dispostos a participar voluntariamente e compartilhar suas perspectivas. Neste estudo, utilizou-se uma abordagem de amostragem conveniente para recrutar os participantes. O recrutamento foi realizado na cidade de Irecê, Bahia, uma escolha ditada pela conveniência de coleta de dados, uma vez que a pesquisadora residia nessa localidade.

Irecê, localizada a 460 km da capital Salvador, faz parte da Chapada Diamantina Velha e atua como um polo central para 28 municípios circunvizinhos. Segundo estimativas do IBGE em 2020, a população de Irecê é de 73.520 habitantes.

Dos dez participantes envolvidos no estudo, metade (cinco) residia diretamente em Irecê, enquanto a outra metade (cinco) vivia em cidades próximas, porém, estudava e/ou trabalhava em Irecê.

Os participantes foram abordados individualmente pela pesquisadora em vários locais de Irecê, como instituições de ensino superior, escritórios, ruas e praças. Após uma breve explicação dos objetivos e metodologia da pesquisa, aqueles que aceitaram participar foram incentivados a fornecer seus dados de identificação e informações de contato pessoal. Isso permitiu que a pesquisadora agendasse posteriormente as entrevistas de acordo com a conveniência dos participantes em termos de local, data e horário.

Todas as dez entrevistas foram conduzidas de forma individual pela autora da pesquisa. Os participantes tiveram a opção de escolher entre realizar as entrevistas virtualmente ou

presencialmente, devido ao contexto global influenciado pela pandemia de COVID-19. No entanto, todos os participantes optaram pela modalidade presencial. As entrevistas foram gravadas para análise posterior e ocorreram em ambientes fechados e reservados, visando garantir o conforto e a privacidade dos participantes.

3.4.5 Análise de dados

Na pesquisa qualitativa, existem vários métodos de análise de dados que fornecem identificação de padrões ou temas, como por exemplo: a Análise da Conversação, Análise Fenomenológica Interpretativa, Análise do Discurso, Análise Narrativa, Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006). No entanto, a maioria deles está ligada a tradições epistemológicas e teóricas específicas.

A análise temática é vista como um método flexível e independente da teoria e da epistemologia, portanto “pode ser aplicada em uma gama de abordagens teóricas e epistemológicas” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 78). Sendo assim, esse método de análise pode ser considerado, também, como uma técnica utilizada em diferentes métodos (BOYATZIS, 1998).

Com base na discussão anterior, bem como na abordagem pragmática da pesquisadora deste estudo, a análise de dados empregou como o método de análise de dados para a presente pesquisa, a **Análise Temática** que tem como principal finalidade a análise e identificação de padrões (temas) nos dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

O processo de análise de dados representa a reflexão contínua e analítica da pesquisadora sobre os dados coletados visando a compreensão detalhada das opiniões dos participantes sobre o tema. Na primeira etapa de análise de dados, cada entrevista foi lida separadamente. Na segunda etapa, as categorias foram definidas após a transcrição e a análise das entrevistas. Em seguida, os resultados foram apresentados de acordo com as categorias estruturadas a partir das questões norteadoras. Por último, foi apresentado a discussão dos resultados encontrados à luz dos dados da literatura.

Uma vez que os dados foram coletados, a leitura e interpretação dos dados foram os pontos de partida para a análise significativa. As transcrições foram posteriormente analisadas de acordo com os seguintes passos:

Tabela 3.0: O PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS

ETAPAS	EXPLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ANÁLISE DE DADOS
1.	TRANSCRIÇÃO: organização e preparação dos dados.
2.	LEITURA: noção geral de todos os dados.
3.	CODIFICAÇÃO: organizar os dados em categorias.
4.	NARRATIVA: escolha das narrativas que foram utilizadas para transmitir as descobertas.
5.	ESCRITA TEXTUAL DOS RESULTADOS.
6.	DISCUSSÃO: comparação com a literatura relevante.

3.4.6 Critérios éticos

A presente pesquisa foi encaminhada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil segundo o protocolo nº 5.373.496. Após a aprovação, as entrevistas foram realizadas seguindo os passos apresentados no tópico “procedimentos”.

O procedimento de entrevista foi padronizado e gravado com o consentimento dos participantes; para isso, foram esclarecidos os objetivos da utilização do gravador em relação à reprodução fiel e na íntegra da fala dos entrevistados.

Os participantes assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceitando a participação na pesquisa após receberem todas as orientações sobre os procedimentos em caso de desistência, a garantia do anonimato e a participação voluntária.

Foram prestadas informações verbais e escritas quanto ao objetivo da pesquisa e responsabilidade do pesquisador com relação ao sigilo dos dados. Além disso, os participantes foram comunicados que poderia obter informações posteriores sobre a pesquisa por meio da disponibilização de contato da pesquisadora na via do TCLE assinada (entrevistador e entrevistado) e entregue ao participante.

A pesquisadora se comprometeu a oferecer para os pais/mães participantes, ao término da pesquisa, a apresentação dos dados, discussões e conclusões do estudo por meio de uma palestra voltado para o aprofundamento da temática da pesquisa.

4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico é uma apresentação da interpretação dos resultados do estudo. Os resultados representam as maneiras qualitativamente diferentes pelas quais os pais e as mães percebem a interferência do seu uso de TDICs nos relacionamentos com seus filhos. Após apresentação dos resultados, o tópico segue discutindo as descobertas em profundidade com a literatura mais relevante dentro da temática.

A análise dos dados permitiu à pesquisadora construir um espaço de resultados com os dados sociodemográficos e as cinco categorias de concepção e percepção dos pais e mães quanto à família, parentalidade, uso de TDICs (pais/mães e filhos) e interferência do uso das TDICs em sua parentalidade. São elas:

1. Concepção sobre família e parentalidade
2. Percepção sobre o seu próprio uso de TDICs;
3. Percepção sobre o uso de TDICs do(s) filho(s);
4. Percepção sobre o uso de TDICs em família;
5. Percepção da interferência do seu uso de TDICs sobre sua parentalidade.

4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os participantes deste estudo foram designados com pseudônimos para preservar a confidencialidade de suas identidades, de acordo com os critérios éticos estabelecidos. A faixa etária dos participantes variou entre 26 e 44 anos. Apenas uma das entrevistadas não estava casada, sendo que os demais participantes eram casados. Cinco participantes se identificaram como católicos, duas mães não tinham filiação religiosa, um pai era adventista e uma mãe era evangélica. O número de filhos de cada participante variou de um a três, sendo a maioria (sete) com dois filhos. Quanto ao nível de escolaridade, dois participantes (um pai e uma mãe) tinham o ensino fundamental incompleto, enquanto um pai tinha o ensino médio completo. Todos os outros participantes tinham concluído o ensino superior.

Todos os participantes residiam com seus filhos, e aqueles que eram casados também compartilhavam a residência com seus cônjuges. A única participante solteira, que também era a mais jovem com 26 anos, morava com seu filho e seus pais. Durante o período da entrevista, apenas dois participantes não estavam empregados. Dos oito participantes que estavam trabalhando, apenas duas mães indicaram que o local de trabalho era em sua própria casa (em seu ambiente doméstico). Apesar das notáveis mudanças nas condições de trabalho devido à pandemia de COVID-19, é evidente que, na maioria das vezes, o local de trabalho dos

participantes deste estudo estava situado fora do ambiente familiar.

TABELA 2.0: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES

Participantes	Nome*fictício	Idade	Estado civil	n° filhos	Religião	Escolaridade
PAIS	Vítor	42	Casado	2	Adventista	Superior completo
	Alexandre	30	Casado	2	Católico	Médio completo
	Willian	38	Casado	2	Crente	Primeiro incompleto
	Charles	44	Casado	3	Católico	Superior completo
	Aldo	34	Casado	1	Católico	Superior completo
MÃES	Clarisse	33	Casada	2	Sem religião	Superior completo
	Jane	38	Casada	2	Católica	Superior completo
	Cecília	26	Solteira	1	Sem religião	Superior completo
	Emily	40	Casada	2	Católica	Superior completo
	Eva	32	Casada	2	Evangélica	Primeiro incompleto

*Todos os nomes são fictícios para preservar a confidencialidade da identidade dos participantes.

Os dados sociodemográficos deste estudo refletem um fenômeno previamente investigado, que é a significativa redução do tamanho das famílias. Essa transformação pode ser atribuída em grande parte à entrada das mulheres no mercado de trabalho e à disponibilidade do controle da natalidade, particularmente com a introdução da pílula anticoncepcional. Conforme observado por Gelinnsk e Moser (2015), essa tendência está alinhada com achados em estudos anteriores, onde diversos pesquisadores também observaram a diminuição no número médio de filhos por família. Esse declínio pode ser associado ao aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o que muitas vezes resulta em escolhas relacionadas ao planejamento familiar, bem como ao maior acesso aos métodos contraceptivos, como a pílula anticoncepcional (GELINNSK; MOSER, 2015). Portanto, os resultados deste estudo corroboram a literatura existente, destacando a influência desses fatores socioeconômicos e de saúde reprodutiva na dinâmica das famílias.

4.2 CONCEPÇÃO SOBRE FAMÍLIA E PARENTALIDADE

Em suas verbalizações, os participantes citaram duas concepções principais acerca do que significa família para eles: representação da totalidade da vida – “Tudo, acho que família é tudo. É a base de tudo (Cecília)” e local de manifestação dos sentimentos e sensações agradáveis

que os cercam – “é um lar de amor, afeto e união (Emily)”; “É aconchego, cuidado e carinho (Jane)”. Por vezes, a família foi representada pela expressão “base de tudo”; o pai Vítor disse, inclusive, ter essa frase registrada no seu WhatsApp como sendo a representação do que mais importa para ele.

A composição familiar foi descrita pelos entrevistados como sendo formada apenas pelos personagens das suas relações conjugais e parentais, assim como se evidencia na fala de Emily: “...união que eu tenho para com meu marido e com minhas duas filhas” e Willian: “Sem meus filhos e minha esposa, que constitui minha família, eu nem estaria aqui hoje”.

Os resultados da pesquisa revelam duas concepções principais sobre o significado de família para os participantes. Uma concepção destaca a família como representação da totalidade da vida, sendo vista como a "base de tudo". Esta visão ressalta o conceito de microsistema na teoria bioecológica de Bronfenbrenner, no qual a família é entendida como o ambiente imediato em que o indivíduo vive e interage. A importância atribuída à família pelos participantes sugere que ela constitui o núcleo central de suas interações sociais e emocionais, exercendo uma influência direta e significativa em seu desenvolvimento psicológico e comportamental. Bronfenbrenner (1979) argumenta que o desenvolvimento humano é maximizado quando as interações dentro de um microsistema são consistentemente fortes e positivas, evidenciando a correlação com a representação da família como uma base fundamental na vida dos indivíduos.

Outra concepção expressa pelos participantes identifica a família como um local de manifestação de sentimentos e sensações positivas, descrita como um espaço de "amor, afeto, união, aconchego, cuidado e carinho". Este aspecto está alinhado com a ideia dos processos proximais na teoria de Bronfenbrenner, que são interações recorrentes entre o indivíduo e pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato que são essenciais para o desenvolvimento. O suporte emocional e aconchego descritos são exemplos de processos proximais que promovem um desenvolvimento cognitivo e social saudável.

Observa-se no estudo a prevalência do modelo de família nuclear, caracterizada pela presença de pais e filhos, biológicos ou adotivos, que normalmente compartilham o mesmo domicílio. Essas famílias nucleares tipicamente consistem em um casal, seja heterossexual ou homossexual, casado legalmente ou não, que tem a responsabilidade de cuidar de dois ou três filhos durante os primeiros dezoito anos de suas vidas (SILVA et al, 2008).

A concepção de família e parentesco tem evoluído significativamente ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que impactaram diretamente as

estruturas familiares. Uma das principais razões que permitiram aos jovens pais saírem do ambiente de suas famílias extensas e optarem por uma família nuclear foi a flexibilidade nas carreiras e o aumento dos salários após a Revolução Industrial. Essa transformação econômica viabilizou a formação da classe média, possibilitando que os pais tivessem recursos suficientes para adquirir suas próprias residências, distanciando-se assim do lar da família extensa. Melhorias nos serviços de saúde também contribuíram significativamente para a força da família nuclear, uma vez que os membros mais idosos se tornaram mais independentes e autossuficientes após o crescimento de seus filhos, como destaca Dumas (2019).

Adicionalmente, o avanço da tecnologia biológica e farmacológica teve um papel crucial no controle da sexualidade, resultando na independência financeira das mulheres, maior participação delas no mercado de trabalho e uma redução na taxa de natalidade, conforme reportado por Petrini e Dias (2016). Todos esses fatores impactaram a capacidade de conciliar as demandas do trabalho com os compromissos e atividades familiares, contribuindo assim para a redefinição e reorganização das famílias contemporâneas.

A análise dessas transformações à luz da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner revela que a evolução dos microssistemas familiares foi influenciada por uma interação complexa de múltiplos sistemas. O microssistema, compreendendo o ambiente imediato do indivíduo, e o mesossistema, que envolve as inter-relações entre os vários microssistemas em que o indivíduo está inserido, foram diretamente afetados pela emergência de famílias nucleares independentes e pela redefinição dos papéis das mulheres dentro da família. Além disso, o exossistema, incluindo os contextos sociais que indiretamente influenciam o indivíduo como as políticas de trabalho e a economia, também teve um papel crucial nessas mudanças. Por fim, o macrossistema reflete os padrões culturais e ideológicos mais amplos, como as normas sociais que apoiam a formação de famílias nucleares e o papel emergente das mulheres na sociedade.

Essas mudanças nas configurações familiares não são apenas consequências de mudanças econômicas e tecnológicas isoladas, mas também de uma complexa interação de sistemas que moldam e são moldados pelos indivíduos, oferecendo uma visão abrangente de como as mudanças históricas e sociais influenciam os padrões de desenvolvimento familiar e individual ao longo do tempo.

A concepção de família e parentesco tem evoluído ao longo do tempo. No presente estudo, observamos que os participantes não estendem o conceito de família para incluir a rede de apoio formada por vizinhos, amigos e parentes próximos. Isso limita a capacidade de receber apoio e afeto dessa rede externa, uma circunstância que Gelinsk e Moser (2015) associam à

crescente sensação de sobrecarga entre os pais contemporâneos, particularmente em relação à educação e cuidado de seus filhos, devido à raridade da mobilização diária de uma rede familiar que ultrapassa os limites das casas.

No contexto do desenvolvimento infantil, a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (1996), que posiciona a criança como parte de um microsistema, inserida no mesossistema que inclui a família, a escola, a creche e os amigos da vizinhança, oferece uma perspectiva valiosa para analisar esses achados. Bronfenbrenner (1996) descreve esse ambiente ecológico como uma série de estruturas concêntricas interdependentes, onde a família, embora central, não é o único elemento que influencia o desenvolvimento da criança. A delimitação do conceito de família apenas aos laços conjugais e parentais diretos, observada entre os participantes, parece restringir significativamente as interações dentro de seu mesossistema. Essa limitação impede que as interações que poderiam facilitar o desenvolvimento e bem-estar dos pais e das crianças ocorram de maneira mais ampla. A ausência de um sistema de suporte expandido reduz as oportunidades para os processos proximais eficazes, que são essenciais para o desenvolvimento saudável. Silva et al. (2008) destacam que o apoio familiar desempenha um papel crucial como fator de proteção em tempos de crise, reforçando a importância dessa rede ampliada.

Limitar o conceito de família de tal maneira pode não fornecer o suporte necessário e adequado para enfrentar os desafios do desenvolvimento. A inclusão de vizinhos e amigos na rede de apoio familiar, promovendo uma interação mais rica e diversificada, poderia, portanto, aliviar as demandas colocadas sobre os pais e enriquecer significativamente o ambiente de desenvolvimento das crianças.

Os pais, masculinos, enfatizaram que a família desempenha um papel central em suas vidas, sendo fundamental para a própria existência, como expresso nas seguintes citações: "Sem a família eu não seria nada... Nada. Eu não estaria aqui conversando com você (Willian)"; "... sem eles hoje (esposa e filhos) eu não seria nada, eu estaria perdido (Charles)". Além disso, eles destacaram que a família é a principal motivação por trás de seus objetivos e dedicação diária no trabalho, como evidenciado nas falas de Willian - "É porque a gente faz tudo pela família, né? Pelos filhos e pela companheira. Por que eu tô nessa luta trabalhando que nem doido? Pra dar o melhor para os filhos e pra esposa." - e Vítor - "Eu trabalho, eu estudo sempre pensando na família".

A família também foi reconhecida como um veículo fundamental para a transmissão de valores, como mencionado por Emily: "... como eu sou católica, eu passo também a minha

formação religiosa pra elas na oração; eu e meu marido. Porque assim, a base familiar hoje e os exemplos familiares são tudo. Então, a gente tem que dar a base familiar pra elas."

Em algum momento, todas as famílias enfrentam os desafios e as alegrias da transição geracional. Transmitir conhecimentos e valores das gerações anteriores é tão importante quanto conviver com membros de diferentes gerações no presente. A maneira como as famílias reagem aos relacionamentos passados e presentes determina o curso de seus relacionamentos futuros. Portanto, os valores transmitidos durante as transições na vida familiar podem ser compreendidos como um fenômeno natural e essencial para o desenvolvimento funcional tanto da família quanto da sociedade contemporânea.

A família também foi referida como peça fundamental na construção da sociedade, como expressa a mãe Clarisse em sua fala:

Assim... Família pra mim é o núcleo que fundamenta a sociedade. Você tem seu esposo, seus filhos e isso constitui sua família; esse é o núcleo da sociedade. A união desses núcleos vai formar a sociedade. Por isso eu acho que, na verdade, família é a base de tudo (Clarisse).

De acordo com Macedo e Kublilowski (2016), a família desempenha um papel crucial na sociedade, uma vez que ocupa uma posição dualmente significativa. Ela é tanto um reflexo das mudanças geracionais como uma entidade suscetível aos impactos dessas transformações. Portanto, a família desempenha uma função complexa, sendo ao mesmo tempo um fator de risco e um elemento de prevenção primária em relação a questões problemáticas. Em outras palavras, a família é influenciada pela sociedade e, por sua vez, exerce influência sobre ela. Isso enfatiza a necessidade de compreender a família como a unidade social fundamental, contribuindo para a formação da sociedade por meio de sua história, relacionamentos e gerações. Assim, os pais e mães reconhecem a família como uma entidade de extrema relevância para o tecido social. Essa perspectiva reforça a importância de estudar e tratar a família de maneira holística, considerando seus diversos papéis na dinâmica social.

Os participantes expressaram em suas falas um misto de sentimentos no momento de responder ao questionamento quanto a ser mãe ou pai. A expressão de alegria foi percebida e referida por todos os entrevistados; no entanto, a sensação de grande responsabilidade do ato parental também foi pontuada: "Muito gostoso, muito bom, mas tem uma responsabilidade muito grande; muito maior do que simplesmente ter o filho, né? (Jane)". A mãe Eva tem a mesma concepção da maternidade, quando refere na sua fala que o relacionamento com os filhos "é um quebra-cabeça". O amor atrelado à dificuldade e à responsabilidade da maternidade

também foi expressa por Cecília - “Ser mãe é o maior desafio da minha vida” e por Jane – “É a melhor e a pior coisa do mundo. É muito bom ser mãe, mas dá muito trabalho e é muito difícil”. Apesar das dificuldades e responsabilidades inerentes à parentalidade, fica claro que todos os participantes percebem esse relacionamento como algo que enriquece suas vidas como seres humanos, independentemente do momento ou das circunstâncias em que vivenciaram essa experiência.

É importante ressaltar que, apesar dos desafios da parentalidade, a experiência é vista como enriquecedora. Essa perspectiva pode ser interpretada como um reflexo do crescimento pessoal e da realização que muitos indivíduos encontram ao se tornarem pais, independentemente das dificuldades que possam enfrentar. Além disso, essa visão positiva da parentalidade ressalta a importância desse papel na vida das pessoas e na formação de suas identidades, assim como descreve Clarisse:

Ser mãe é uma experiência maravilhosa. Pra mim, é a mais incrível de toda a minha vida. Eu fui mãe com vinte e cinco anos. E assim... não me arrependo nenhum segundo de ter feito essa escolha. É uma experiência muito boa. É um amor incondicional, né? Com os filhos a gente se doa por completo. Pra mim, ser mãe é o fundamento pra que eu viva. Todos os dias eu batalho a minha vida por conta dos meus filhos (Clarisse).

Para Charles, ser pai “é dar o exemplo, é dar amor e não apenas bens materiais”. Vítor também reforça esse conceito, quando diz que “o filho cresce tendo o pai como referência, então eu tenho pra mim que é uma grande responsabilidade”. É evidente como o peso do exemplo constitui uma das maiores responsabilidades no exercício parental atual e como os pais e mães trazem este compromisso dentro de si como sendo algo essencial para o sucesso da sua paternidade.

A proximidade com seus filhos, seja “discutindo, brigando e se chateando” representa, para o pai Charles, o conjunto de ações normais e essenciais para o fortalecimento da relação paterna. Segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, é através dos processos mais complexos de interação recíprocas entre um organismo biopsicológico ativo, as pessoas e os objetos, que o desenvolvimento humano ocorre (ASSIS et al, 2021).

De acordo com Agamben (2014), um dos principais desafios da existência cotidiana contemporânea reside na incapacidade de transformar as vivências em experiências que possam ser compartilhadas. Apesar da multiplicidade de eventos que ocorrem diariamente, muitos pais contemporâneos consideram essas experiências como parte de uma rotina monótona, banal e desagradável, inadequada para ser transmitida como experiência significativa aos seus filhos. Entretanto, Agamben argumenta que qualquer evento, por mais comum e aparentemente

insignificante que seja, pode ser transformado em uma joia a ser compartilhada, desde que haja a autoridade e o respeito adequados por parte de quem compartilha essa vivência.

É importante observar que, segundo o autor, a experiência não está estritamente ligada ao conhecimento, mas à autoridade e ao respeito que o indivíduo que compartilha a experiência possui. No entanto, Agamben argumenta que cada vez mais, a autoridade dos pais e mães é minada, o que dificulta a transmissão de experiências aos filhos. Isso acontece em parte devido à valorização da experiência científica, que se baseia em experimentos e previsões futuras fundamentadas em dados e números, e também devido à ideia de que a experiência tradicional e cotidiana é desvalorizada em relação ao conhecimento intelectual e científico.

Consequentemente, a sociedade contemporânea tende a dar mais ênfase ao conhecimento intelectual em detrimento do conhecimento sensível, marginalizando o saber humano baseado nas vivências do dia a dia. Como resultado, muitos pais e mães podem se sentir inadequados para orientar seus filhos em seus processos de aprendizado, transferindo essa responsabilidade para outras instituições, como escolas, igrejas, consultórios e até mesmo tecnologias da informação e comunicação (TIDCs).

Agamben destaca a importância de valorizar e compartilhar as experiências do cotidiano, mesmo aquelas que possam parecer triviais, a fim de enriquecer a vida familiar e promover a transmissão de saberes entre as gerações. A reflexão sobre como a autoridade dos pais e mães é percebida na sociedade contemporânea e como isso afeta a educação e o compartilhamento de experiências com os filhos é um tema relevante para a compreensão das dinâmicas familiares na era moderna.

4.3 PERCEPÇÃO SOBRE O SEU PRÓPRIO USO

Os participantes da pesquisa relataram que utilizam mais as TDICs para as finalidades de “estudo” e “trabalho”. No entanto, todos os pais e mães disseram, também, utilizar as plataformas digitais para entretenimento como assistir filmes e séries, assim como expresso na fala do participante: “Eu uso para entretenimento, entende? Eu assisto muito filme” (Charles).

O aparelho smartphone foi classificado pelos participantes como aquele que eles mais utilizam para todas as finalidades de uso das TDICs. Esse aparelho também foi apontado como sendo o grande responsável pelo consumo de tempo e até dependência que acompanha algumas pessoas, como disse Cecília: “Em relação ao estudo, tranquilo; mas o celular em si a gente se sente um pouco dependente dele. Então, às vezes, você se senta para ver alguma coisa e passa

uma hora tranquilamente no celular. Eu acho que a gente se tornou dependente do smartphone (Cecília).”

Não existe uma linha que separa claramente o uso de TDICs para as finalidades consideradas “louváveis” daquelas que são ditas “viciantes”. Daí a grande dificuldade das pessoas em limitar o uso para uma ou outra situação. Por esse motivo, muitas vezes, aqueles que iniciam determinada atividade digital se pega perdido na internet vagando sem direção. O trabalho e o estudo podem muito bem ser o objetivo inicial e até principal do uso de TDICs, mas o acesso digital não termina por aí. É claro que é possível limitar o uso de novas tecnologias, mas isso só é possível se o usuário compreender que é vulnerável, psicológico e biologicamente, aos diversos tipos de persuasão digital. Reconhecer e admitir essa façanha é, sem sombra de dúvidas, a melhor forma de desacelerar enquanto não se conhece os freios para poder apertá-los (HARARI, 2016).

Smartphones e dispositivos móveis, projetados para capturar e manter a atenção do usuário, emergem como uma fonte significativa de distração no contexto familiar, especialmente para pais e mães. A absorção constante por esses dispositivos pode resultar em uma menor resposta às tentativas das crianças de chamar a atenção, afetando a qualidade da interação parental. Tal fenômeno é crítico porque pode levar a uma diminuição na sincronia entre cuidadores e filhos, o que, por sua vez, pode causar interpretações errôneas das necessidades das crianças e respostas que são tanto rígidas quanto tardias. Estes aspectos estão intrinsicamente ligados à sensibilidade parental, um elemento chave para o desenvolvimento de um vínculo emocional seguro entre pais e filhos.

Neste contexto, a teoria bioecológica de Bronfenbrenner fornece uma lente valiosa para entender as implicações destas distrações tecnológicas. Dentro desta teoria, o conceito de microsistema refere-se ao ambiente mais imediato que envolve interações face a face entre o indivíduo e outros sistemas presentes em seu ambiente direto, como a família. Quando as interações neste nível são interrompidas ou distorcidas por distrações tecnológicas, o desenvolvimento infantil pode ser adversamente afetado. Isto porque os processos proximais, que são interações complexas, recíprocas e regulares essenciais para o desenvolvimento saudável, são comprometidos.

Ademais, o mesossistema, que engloba as conexões entre os diversos microsistemas nos quais uma criança está envolvida (por exemplo, as relações entre a família e a escola), também pode ser afetado. Se os pais estão frequentemente distraídos, eles podem não conseguir se engajar efetivamente não só com seus filhos, mas também com outros aspectos importantes

de seus microssistemas, como participação escolar e atividades extracurriculares. Esta desconexão pode limitar a capacidade dos pais de apoiar o desenvolvimento acadêmico e social de seus filhos de maneira holística.

O estudo de Brando e Drouin (2019) sublinha a necessidade de compreender como as distrações tecnológicas afetam não apenas as interações diretas dentro da família, mas também a formação de vínculos afetivos saudáveis entre pais e filhos. Estes laços são fundamentais para a segurança emocional e o desenvolvimento futuro das crianças. Consequentemente, o impacto dos dispositivos móveis pode ser visto como um desafio moderno dentro do exossistema, que inclui os contextos mais amplos que influenciam um indivíduo indiretamente, como as normas culturais e as tecnologias emergentes.

As jornadas laborais exaustivas e estressantes já eram vistas por Bronfenbrenner como fatores que deterioram a qualidade das interações entre pais e filhos. Hoje, com a adição dos dispositivos digitais, surge uma camada adicional de complexidade. Esses dispositivos, embora facilitadores da comunicação intrafamiliar em alguns aspectos, podem paradoxalmente ampliar as barreiras de disponibilidade emocional e física, redefinindo assim os contornos dos sistemas familiares contemporâneos.

Além de ser percebido como uma fonte de distração, o celular também foi identificado pelos participantes como um meio para escapar das tensões e pressões diárias. De maneira mais preocupante, foi frequentemente mencionado como um fator que "rouba" o tempo das pessoas. Esta percepção é corroborada por todos os dez entrevistados, que enfatizaram que a "falta de tempo" ou o "pouco tempo" disponível com seus filhos é o principal obstáculo ao seu envolvimento parental. Charles, por exemplo, expressou claramente essa preocupação, dizendo: "O que atrapalha mais é só a questão do tempo, como falei pra senhora. Eu acho que o tempo ainda é pouco com eles, teria que ser um pouquinho mais pra ser melhor".

Engelmann e Petrini (2016) sublinham a importância da dimensão temporal nos relacionamentos familiares, argumentando que a relevância de uma pessoa, situação ou realidade é diretamente proporcional ao tempo dedicado a esses elementos. O tempo alocado, portanto, é um indicativo claro do nível de interesse mútuo e da dedicação nas relações interpessoais.

Neste contexto, o conceito de "Processo", como destacado por Bronfenbrenner em sua teoria bioecológica, ganha especial relevância. As interações entre um indivíduo em desenvolvimento e seu ambiente imediato, que inclui pessoas, objetos e símbolos, são essenciais para o desenvolvimento infantil. Para que essas interações sejam efetivas,

Bronfenbrenner enfatizou que devem ser caracterizadas por uma complexidade progressiva, reciprocidade e ocorrer regularmente por períodos substanciais de tempo. A qualidade dessas interações, especialmente a quantidade de tempo que lhes é dedicada, é fundamental para a ativação dos processos proximais, que são cruciais para o desenvolvimento humano.

A problemática da "falta de tempo" destacada pelos participantes reflete uma dissonância significativa no microsistema familiar, onde as interações diárias entre pais e filhos são insuficientes para promover um desenvolvimento ótimo. De acordo com Bronfenbrenner, os processos proximais dependem não apenas da qualidade, mas também da frequência e da duração das interações dentro deste sistema. A insuficiência dessas interações pode resultar em lacunas no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Considerando essas perspectivas, é evidente que a alocação adequada de tempo para a interação familiar não é apenas uma questão de gestão do tempo, mas também um indicativo de priorização dentro do ambiente familiar. O desafio imposto pelos dispositivos móveis, que dividem a atenção dos pais, serve como um alerta para a necessidade de conscientização e de ajustes no comportamento parental, visando a maximização do tempo de qualidade passado com os filhos. Essa reorientação é crucial para garantir que as interações familiares sejam suficientemente ricas e frequentes para suportar o desenvolvimento saudável das crianças, conforme os princípios estabelecidos pela teoria bioecológica de Bronfenbrenner.

Após discutir a importância do tempo na interação parental, os entrevistados refletiram sobre seu próprio uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), revelando sentimentos que acompanham esse uso. Ficou evidente que tanto mães quanto pais percebem seu uso como excessivo e às vezes até viciante. Vítor, um dos participantes, expressou claramente essa preocupação: "Eu acho que atrapalha bastante. Termina que a gente tá perdendo muito tempo utilizando e é uma coisa que cê começa a utilizar e parece que é vinculado a você. Você não consegue mais desvincular. Eu acho que perco muito tempo com isso."

O smartphone, como um dispositivo multifacetado e multifuncional, oferece uma extensa gama de recursos atrativos. Ele permite estabelecer conexões através de chamadas de áudio ou vídeo, mensagens de texto, e uso de plataformas de redes sociais, além de possibilitar a verificação e resposta a e-mails, audição de música, leitura, acesso a notícias, e visualização de conteúdo audiovisual, como programas de televisão e filmes. Dada sua abrangência nas diversas esferas da vida cotidiana, os smartphones raramente são desligados, assumindo papéis que variam desde funções simples como relógio, até ferramentas de trabalho, mapas de navegação, fontes de informações médicas, plataformas de ensino, e meios de entretenimento.

Este cenário reforça a noção de que, para muitos, os smartphones se tornaram uma quase extensão de si mesmos.

A dependência em relação ao uso dos TDICs foi unanimemente reconhecida pelos participantes. Algumas estratégias de autorregulação foram mencionadas, com o objetivo de diminuir o tempo dedicado a essas tecnologias. Por exemplo, Jane, uma das mães entrevistadas, compartilhou suas iniciativas pessoais: “Eu acho que uso muito, inclusive. Tô tentando, ultimamente, me policiar pra usar menos. Coloquei até umas regras em casa.”

Essas reflexões dos pais sobre o uso de TDICs e suas tentativas de autorregulação são essenciais para entender como as tecnologias impactam a qualidade das interações familiares e o desenvolvimento infantil, especialmente quando consideramos a teoria bioecológica de Bronfenbrenner. As interações tecnológicas frequentes e prolongadas podem alterar significativamente os microssistemas familiares, afetando os processos proximais que são cruciais para o desenvolvimento saudável.

O brilho da era digital exerce um poder cativante, oferecendo uma diversidade de recursos e dispositivos que atendem às necessidades e desejos humanos em múltiplas esferas. A sociedade, em geral, adotou com entusiasmo a conveniência e conectividade proporcionadas pela era digital, tornando os dispositivos digitais elementos centrais na vida cotidiana. Estes dispositivos oferecem satisfação imediata através de utilidades diversas, como informação, entretenimento e conexão. A possibilidade de alternar entre diferentes papéis ao longo do dia se tornou praticamente ilimitada, especialmente com a proliferação de dispositivos portáteis, como smartphones. O simples som de notificações desses dispositivos atrai os usuários para suas telas, permitindo o acesso instantâneo a suas vidas online, trabalho, estudos e lazer, tudo a um toque de distância.

Os participantes deste estudo mencionaram uma sensação de obrigação em atender ao "chamado digital". Quando atendem a esse chamado, notam uma desconexão imediata do ambiente físico e das pessoas ao seu redor, à medida que se imergem nos múltiplos papéis em suas diferentes esferas de atividade - seja trabalho, compras, interações sociais ou comunicação. Independentemente da motivação para o uso dessas tecnologias, que pode variar de objetivos nobres a comportamentos potencialmente viciantes, o resultado é uniforme: uma significativa distração do momento presente e das interações presenciais. Esse fenômeno é apontado como um dos principais motivos pelos quais os participantes sentem a necessidade de se distanciarem das telas para preservar interações mais significativas com seus filhos.

No contexto da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, esse fenômeno evidencia como as interações mediadas por dispositivos digitais podem modificar os microsistemas familiares, afetando potencialmente os processos proximais essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças. A presença, o engajamento e a responsividade no ambiente familiar são cruciais para a formação de vínculos afetivos robustos, assim como para o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Embora haja uma crescente conscientização sobre os efeitos adversos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), tal conscientização frequentemente não se traduz em mudanças efetivas nos hábitos digitais. Isto sugere uma complexa relação de dependência com a tecnologia, onde a facilidade e imediatismo oferecidos pelos dispositivos digitais muitas vezes superam a percepção de suas consequências negativas.

Dada esta realidade, torna-se imperativo desenvolver estratégias mais eficazes para enfrentar os desafios impostos pelas tecnologias digitais. A teoria de Bronfenbrenner nos lembra da importância de ambientes que favoreçam interações ricas e frequentes, destacando que a qualidade do tempo que pais e filhos passam juntos, livre de interrupções digitais, é fundamental para o desenvolvimento humano saudável.

Portanto, enquanto a era digital e seus dispositivos multifuncionais continuam a remodelar as interações humanas de maneiras profundas e variadas, a necessidade de cultivar um equilíbrio saudável entre as conexões digitais e interpessoais não pode ser subestimada. Abordar esse desafio requer um esforço conjunto de famílias, educadores, formuladores de políticas e os próprios indivíduos, todos comprometidos com a promoção de um desenvolvimento humano integral e saudável em um mundo cada vez mais digitalizado.

4.4 PERCEPÇÃO SOBRE O USO DO(S) FILHO(S)

O resultado da pesquisa evidenciou como o gerenciamento de telas dos filhos se tornou para os participantes um grande desafio parental. Os participantes manifestaram grande preocupação e dificuldade em lidar com o uso de TDICs dos seus filhos, principalmente dos mais novos, como se verifica a seguir:

O pequeno a gente não controla. O celular pra ele brincar é demais. Isso incomoda. O fato dele tá no celular ou já chegar da escola correndo e pedindo o celular. Várias vezes já sai da escola e já pega no celular, meu ou da mãe, porque o dele tá em casa ainda. Mas isso é direto, direto. Isso incomoda um pouco a gente (Charles).

Apesar dos participantes mostrarem descontentamento quanto a postura digital dos seus filhos, parece que eles não conseguem promover modificações no comportamento digital das crianças, mesmo quando estes ainda são bem pequenos. Essa impossibilidade pode estar atrelada ao fato dos pais e mães também não conseguirem se desligar dos seus aparelhos, fato trazido pela multitarefa atrelada à difusão das TDICs e maior cobertura da Internet.

A falsa percepção de disponibilidade que pais e mães experimentam, estando fisicamente presentes ao lado de seus filhos mas emocionalmente distantes devido a ocupações virtuais como trabalho ou estudo, desempenha um papel significativo nas dificuldades de reconhecer o impacto negativo do uso de dispositivos digitais nos relacionamentos parentais. Essa proximidade física não necessariamente se traduz em envolvimento emocional, levando os pais a acreditar erroneamente que estão atendendo às necessidades de seus filhos enquanto simultaneamente mantêm compromissos digitais. Conforme relatada pelos pais, as crianças expressam frustração, insatisfação e irritação quando precisam competir pela atenção dos pais com compromissos profissionais e educacionais, que anteriormente eram confinados a espaços e horários mais claramente definidos, tornando mais fácil para as crianças entenderem essas obrigações parentais.

Catherine Steiner-Adair e Teresa Barker, no livro "The Big Disconnect: Protecting Childhood and Family Relationships in the Digital Age", destacam que pais e mães frequentemente "adentram outros domínios" quando dedicam atenção a seus dispositivos digitais, transmitindo inadvertidamente às crianças a sensação de que estão se desconectando do ambiente familiar. As crianças percebem essa desconexão quando veem seus pais focados nas telas, sentindo-se ignoradas em favor das "prioridades adultas" que frequentemente competem com a atenção que deveria ser dedicada a elas. Esta dinâmica ressalta uma preocupante consequência do uso excessivo de dispositivos digitais em famílias, potencialmente comprometendo o vínculo emocional entre pais e filhos.

Analisando esse contexto à luz da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, percebe-se como o uso intensivo de tecnologia pode afetar os microssistemas familiares, comprometendo os processos proximais essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças. Bronfenbrenner enfatiza que as interações de qualidade, que são frequentes, recíprocas e envolventes, são cruciais para o desenvolvimento emocional e cognitivo. A presença física dos pais não é suficiente; o envolvimento emocional e ativo é necessário para cultivar um ambiente que favoreça o crescimento saudável. A percepção das crianças de que estão competindo com dispositivos digitais por atenção revela uma clara desconexão entre as necessidades emocionais

das crianças e as respostas que os pais estão efetivamente capacitados para fornecer neste ambiente cada vez mais digitalizado.

A análise do uso de dispositivos digitais por crianças, conforme relatado pelos pais participantes do estudo, revelou que o entretenimento é o principal propósito de utilização dessas tecnologias pelos jovens. Os pais observaram que seus filhos frequentemente se envolvem em atividades como assistir a séries, jogar, visualizar desenhos animados, acessar vídeos e interagir em redes sociais. Eles também notaram variações na escolha de dispositivos digitais preferidos, que diferem de acordo com a faixa etária das crianças. Enquanto crianças entre seis e oito anos alternam seu uso entre a televisão, o tablet e os smartphones dos pais, aquelas no grupo etário de oito a doze anos tendem a ampliar seu uso ao incorporar smartphones pessoais, especialmente para acesso às redes sociais. Significativamente, a maioria das crianças começa a possuir seu próprio smartphone por volta dos oito anos, indicando uma tendência de maior independência no uso dessas tecnologias.

Além disso, os pais descreveram o comportamento de seus filhos em relação às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) utilizando termos como "viciado", "dependente" e "ligado". Esta linguagem reflete a percepção dos pais sobre uma forte atração das crianças pelas tecnologias digitais, o que eles consideram preocupante. Apesar dessa consciência dos riscos potenciais associados ao uso intensivo das TDICs, muitos pais relataram dificuldades em estabelecer limites claros e eficazes para o uso dessas tecnologias por parte de seus filhos desde tenra idade. Essa dualidade nas atitudes dos pais é notável, uma vez que, mesmo conscientes dos perigos, eles continuam a permitir o acesso precoce às plataformas tecnológicas.

Esta situação destaca uma questão crucial no contexto da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, que ressalta a influência dos ambientes, ou microssistemas, no desenvolvimento infantil. A integração e o gerenciamento dos dispositivos digitais dentro desses microssistemas familiares podem ter implicações profundas para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Permitir acesso irrestrito às tecnologias sem supervisão adequada pode perturbar os processos proximais essenciais para o desenvolvimento saudável.

Bronfenbrenner (1996) insere a cultura e as crenças de uma dada era no âmbito do macrossistema, que, segundo seu Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, representa uma camada que envolve e influencia todos os outros sistemas. Nesse contexto, é crucial ressaltar a substancial influência dos valores culturais nas decisões e ações dos pais em uma determinada época. Essa influência cultural pode ser tanto de alta intensidade quanto,

frequentemente, sutil o suficiente para não ser prontamente percebida pelos pais e mães, embora seja evidente que desempenhe um papel proeminente na forma como eles interagem com seus filhos.

A necessidade inata de pertencer a um grupo mais amplo e a tendência a imitar o comportamento dos outros são características fundamentais da natureza humana, que historicamente têm desempenhado um papel crucial na sobrevivência humana. Essas predisposições comportamentais facilitam a adaptação aos contextos sociais e culturais diversos. No entanto, é importante destacar que os efeitos do comportamento de imitação podem variar significativamente, dependendo das normas, valores e práticas do grupo cultural em questão. Nesse contexto, a influência cultural molda profundamente o comportamento parental, frequentemente de maneira implícita, e exerce um papel significativo nas dinâmicas familiares e no desenvolvimento infantil.

Na cultura contemporânea, observa-se uma forte advocacia pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TDICs) por crianças desde uma idade muito precoce. Apesar de alguns pais terem reservas quanto a essa prática, muitos se veem pressionados a conformar-se às normas culturais vigentes, impulsionados pela necessidade de pertencimento e pelo receio de exclusão social. Essa adaptação às normas do grupo pode enfraquecer a capacidade de análise crítica dos pais, tornando-os menos aptos a questionar e se afastar das práticas convencionais. O medo de isolamento e a necessidade de conformidade com o comportamento predominante são forças poderosas que podem induzir à conformidade social.

Esse fenômeno é ilustrado metaforicamente no conto "A Roupas Nova do Imperador" (LANG, 2020), onde o imperador, levado a acreditar que apenas os tolos não conseguiam ver suas vestes, é aplaudido pela multidão até que uma criança corajosamente proclama a verdade óbvia. Esta história ressalta como a pressão social pode levar as pessoas a agirem contra seus próprios julgamentos críticos.

Na era atual, criar uma criança sem a influência das tecnologias digitais é visto como um desafio solitário e árduo, uma vez que a cultura promove de forma abrangente o uso precoce e intensivo de telas para diversas finalidades, acompanhadas de promessas relacionadas a esse tipo de engajamento digital. Essa situação é analisada através da lente da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, que sugere que o microssistema de uma criança, incluindo sua família e ambiente imediato, é profundamente influenciado pelo exossistema e macrossistema, que englobam as normas culturais e as influências sociais mais amplas.

Assim, ao considerar a teoria de Bronfenbrenner, torna-se evidente que as normas culturais que promovem o uso intensivo de TDICs estão remodelando os microssistemas familiares, afetando os processos proximais que são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças. Essa análise destaca a necessidade de uma conscientização crítica e estratégias deliberadas por parte dos pais para mediar a interação de suas crianças com as tecnologias, assegurando que o desenvolvimento infantil ocorra em um ambiente que equilibre de forma saudável as influências digitais e interações humanas reais.

As empresas do setor de tecnologia desempenham um papel de considerável relevância nas decisões dos pais e mães ao conceberem, comercializarem e incentivar a utilização de dispositivos digitais por crianças cada vez mais jovens. Simultaneamente, a mídia desempenha um papel significativo nesse cenário, ao reforçar constantemente a ideia de que os pais devem prover seus filhos com dispositivos digitais desde tenra idade, sob o pretexto de assegurar uma vantagem na denominada "corrida pelo futuro digital". Esse conjunto de influências culturais, empresariais e midiáticas parece direcionar os pais e mães a agirem motivados pelo desejo de conferir aos seus filhos uma posição privilegiada no cenário digital.

A promessa de sucesso futuro, frequentemente associada exclusivamente às habilidades digitais, por vezes parece sobrepujar as legítimas preocupações relativas à saúde e ao bem-estar infantil. É importante ressaltar que as mesmas empresas também investem consideravelmente em promover estudos que, em alguns casos, podem suscitar dúvidas quanto à validade de seus dados e informações sobre os impactos do uso de telas na saúde e no processo de aprendizado das crianças. Isso gera uma considerável ambiguidade na mente dos pais, no que se refere à decisão de proporcionar ou não o acesso à tecnologia digital a seus filhos (DESMURGET, 2020). Esse cenário complexo ilustra a influência significativa de forças externas na tomada de decisões parentais relacionadas ao uso de dispositivos digitais por suas crianças.

Os resultados da pesquisa revelaram que todos os pais e mães participantes manifestaram um forte desejo de reduzir o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) por parte de seus filhos. No entanto, muitos deles expressaram dificuldades em implementar essa intervenção. Eles relataram tentativas anteriores de controlar ou diminuir o tempo de tela de seus filhos, mas essas estratégias parecem ter sido desgastadas e até desmotivantes. Isso é evidenciado pelo relato de um dos participantes (Vítor): "É uma coisa que a gente tem tentado controlar, determinar horários, controlando essa situação. Mas a gente não gosta não. Estamos tentando desvincular ele o máximo possível".

Essa dificuldade em controlar o uso de TDICs dos filhos pode ser atribuída a uma série de fatores complexos, como expresso por Clarisse abaixo:

E aí, eu tento monitorar, só que é muito difícil porque eu não tô o tempo todo em casa, não tô o tempo todo com ele. Tô no trabalho, tô na faculdade. E aí, quando eu deixo com as outras pessoas (avós) pode não ter o mesmo controle. E eu percebo isso quando eu chego em casa e eu vejo o descontrole dele, de sempre querer a TV e sempre querer o jogo (Clarisse).

De acordo com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner, o desenvolvimento humano é influenciado por interações dinâmicas entre diferentes sistemas, incluindo o microsistema (ambiente imediato da criança), o mesossistema (interações entre diferentes contextos do microsistema) e o exossistema (contextos externos que afetam indiretamente o desenvolvimento). A dificuldade dos pais em controlar o uso de TDICs de seus filhos pode ser influenciada por fatores em cada um desses níveis de sistema.

No nível do microsistema, os desafios podem incluir conflitos familiares, falta de tempo para interações de qualidade entre pais e filhos e dificuldades na implementação de regras consistentes. No nível do mesossistema, pressões sociais, expectativas da comunidade e influências dos pares podem influenciar as decisões dos pais em relação ao uso de TDICs por seus filhos. Finalmente, no nível do exossistema, a cultura contemporânea que promove o uso generalizado de TDICs desde uma idade precoce pode exercer uma influência significativa sobre as práticas parentais. Os pais podem sentir-se sobrecarregados pela pressão social para permitir que seus filhos usem TDICs, especialmente quando enfrentam a necessidade de equilibrar o trabalho, os cuidados familiares e outras responsabilidades.

Essa análise destaca a complexidade da questão e a necessidade de abordagens holísticas que considerem não apenas as interações familiares imediatas, mas também o contexto mais amplo em que as famílias estão inseridas.

Os avós continuam a desempenhar um papel de destaque como a principal rede de apoio para muitos pais na sociedade contemporânea. No entanto, eles enfrentam desafios quando se trata de tomar decisões relacionadas ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) por parte de seus netos. Devido à ausência de experiência prévia em criar e educar seus próprios filhos em um ambiente de conectividade ubíqua, os avós frequentemente se veem incapazes de fornecer orientações eficazes a seus filhos em questões relacionadas à tecnologia.

De acordo com relatos dos pais, os avós tendem a ser mais permissivos em relação ao uso de TDICs por seus netos. Isso pode ser atribuído, em parte, à admiração que os avós sentem

pelas habilidades digitais das gerações mais jovens, uma vez que seu próprio contato com a tecnologia digital ocorreu tardiamente em suas vidas. Essa admiração é reforçada pelo fato de que as novas tecnologias digitais frequentemente são percebidas como uma descoberta sem precedentes, o que geralmente é encarado pelo ser humano como algo positivo e fascinante, limitando, por conseguinte, as oportunidades de questionamento em relação ao novo. Esse cenário ilustra a complexa dinâmica de interações intergeracionais relacionadas ao uso de TDICs, com os avós ocupando uma posição única, influenciados por suas próprias vivências e pelas notáveis mudanças tecnológicas experimentadas pelas gerações mais jovens.

É assim que a ausência de precedentes confunde, com segurança, a compreensão das circunstâncias; as lentes existentes ressaltam o familiar, obscurecendo assim o original, transformando o sem precedentes numa extensão do passado. Isso contribui para a normalização do anormal, o que torna a luta contra o sem precedentes uma batalha ainda mais custosa (ZUBOFF, 2020)

As dúvidas quanto ao uso de TDICs pelos filhos, bem como a sensação de impotência diante das tentativas de regulação no uso das novas tecnologias digitais pelos pequenos, parece ser uma das causas de conflitos familiares, como percebe-se na fala abaixo:

Mas a gente briga muito, eu e minha esposa por isso. Por tentar encontrar uma forma de lidar com isso. E da mesma forma eu vejo que é muito complicado porque às vezes ele faz a tarefa da escola, mas depois é só jogo do celular. Eu acho que fica difícil. A gente tem esse problema de ver como fazer isso pra ele (Charles).

A pesquisa também evidenciou como os pais e as mães lançam mão das plataformas digitais, desde muito cedo, para distrair os seus filhos enquanto eles cumprem as suas tarefas laborais e/ou educacionais, assim como constatado na fala da participante:

Ele teve contato muito cedo por conta da minha faculdade, porque eu fazia faculdade e cuidava dele. Só morava eu e ele. Então, pra eu estudar, eu tinha que entreter ele com alguma coisa. Foi aí que por volta dos três anos ou dois e meio, ele já ligava a TV e eu aproveitava para estudar do lado dele (Cecília).

O relato da participante Cecília destaca uma prática comum entre pais e mães que precisam conciliar responsabilidades profissionais ou acadêmicas com os cuidados com os filhos. A utilização de plataformas digitais para distrair as crianças enquanto os pais realizam suas atividades laborais ou educacionais revela uma estratégia de enfrentamento adotada diante das demandas conflitantes da vida contemporânea.

Essa prática reflete a busca por soluções práticas para lidar com a pressão de cumprir obrigações profissionais ou acadêmicas enquanto se é responsável pelo cuidado de uma criança. A disponibilidade de dispositivos digitais e o fácil acesso a conteúdos adequados à idade tornam essa estratégia acessível e conveniente para muitos pais e mães. No entanto, essa conveniência pode mascarar os potenciais efeitos negativos do uso excessivo de telas na infância.

Portanto, embora o uso de dispositivos digitais para entreter crianças possa oferecer uma solução temporária para conciliar as demandas da vida moderna, é fundamental considerar os impactos a longo prazo no desenvolvimento infantil.

As TDICs parecem ter se tornado muito arraigadas à vida e à rotina dos filhos dos participantes. As crianças foram descritas por seus pais e mães como dependentes do entretenimento digital que, muitas vezes, parece ser a única forma de prazer encontrada por eles, como se confirma na fala da mãe Clarisse:

Lá na minha casa tem pula-pula no quintal, botei pra ir brincar, liberar mais a adrenalina. Mas assim, o que ele gosta é de TV. É uma coisa impressionante. Eu tento controlar o máximo, mas ele só vê TV. É como se o entretenimento dele fosse só a TV. Só gosta da TV ou o celular, mas o celular a gente priva bastante (Clarisse).

O valor que as TDICs passaram a ter na vida das crianças permitiu que os seus pais e mães usassem as ferramentas digitais como moeda de troca e até castigo para que seus filhos cumpram com o que é estabelecido previamente dentro da família:

Eu acho que virou um hábito tão normal pro dia a dia que eu vejo uma necessidade muito grande deles de ficar. Então, também é uma forma, às vezes, até de dar um castigo. Ficar sem o celular é um castigo e eu vejo a aflição que isso causa neles pela cara deles. Entende? (Jane).

Ao descrever como os dispositivos digitais são utilizados como moeda de troca e até mesmo como castigo para garantir a conformidade com as regras estabelecidas, Jane destaca a influência e o valor atribuído a essas tecnologias na vida de seus filhos.

Essa prática reflete uma adaptação das estratégias disciplinares tradicionais ao contexto digital contemporâneo. Por um lado, o uso de dispositivos digitais como recompensa pode servir como um incentivo para o bom comportamento e o cumprimento das responsabilidades. Por outro lado, a retirada desses dispositivos como forma de punição pode ser percebida como uma consequência significativa para as crianças, dada a centralidade dessas tecnologias em suas vidas.

Essa dinâmica também levanta questões sobre o equilíbrio entre o uso saudável de tecnologia e o desenvolvimento de habilidades de autorregulação nas crianças. O fato de ficarem ansiosos ou aflitos quando privados do acesso aos dispositivos sugere uma dependência significativa e destaca a importância de promover uma relação equilibrada e consciente com a tecnologia desde cedo.

O controle do que deve ou não ser visualizado pelos filhos, também é algo reforçado pelos participantes. Eles expressam para seus filhos aquilo que acreditam ser adequado ou não para sua prole acessar. Quando os filhos fogem das regras de uso de telas determinadas pelos seus pais, eles sofrem punições que envolvem a retirada do que mais faz falta para a criança, as telas:

Então a gente tenta supervisionar e quando ela mexe no que a gente não deixa, eu já estabeleço punição. Eu digo: “por conta do que você fez, agora você vai ficar tanto tempo sem usar”. Faço isso já pra tentar educá-la e pra poder mostrar pra ela aquilo que não é correto, né?! Dessa forma, ela já aprende a usar apenas o que a gente realmente confia (Emily).

Muitos pais agora parecem ter descoberto a utilidade das telas como uma ferramenta para motivar seus filhos a realizar diversas tarefas, como lição de casa, leitura e organização de seus ambientes. Além disso, o tempo de tela passou a ser utilizado como uma forma de punição, em que os pais retiram o acesso a jogos ou smartphones, principalmente quando lidam com as desafiantes fases da adolescência. Essas ações dos pais acabam reforçando a importância e o poder que as novas tecnologias exercem sobre a dinâmica familiar.

As plataformas digitais que geram mais angústia e insatisfação entre os entrevistados, no que diz respeito ao uso de seus filhos, são os jogos digitais, seguidos pelo acesso aberto à internet interativa. O temor manifestado pelos pais e mães está relacionado à capacidade ilimitada de seus filhos entrarem em contato com estranhos e consumirem conteúdos considerados inadequados. Esse é o principal motivo que leva os participantes a monitorar de perto as atividades digitais de seus filhos, especialmente quando eles já têm autonomia para explorar a internet por conta própria. Isso se evidencia nas palavras da participante Clarisse: "E aí, como o jogo é uma coisa muito aberta, expositiva, eu tenho medo. Porque ele já tem uma idade que sabe ler e escrever, aí já tento restringir mais o celular por conta dos jogos." Clarisse expressa o mesmo receio em outro ponto da entrevista:

Sobre o uso dele, eu tenho medo na verdade. O sentimento é medo. É medo porque, assim, infelizmente é uma criança que puxa muito pra jogo. E esses jogos violentos são o que mais tem, né? Ele gosta de Minecraft, que é um jogo de montar e tal. É

interessante, mas tem uma parte também que puxa pra questão da violência. Eu já me preocupo. E aí, tento monitorar mais porque isso me preocupa bastante. Tenho medo disso influenciar a vida dele, por isso eu converso com ele e digo: “mãe, você sabe que isso não existe”. Eu sempre tento esclarecer isso na mente dele.

O avanço acelerado do entretenimento digital tem superado rapidamente a habilidade das famílias em manter um equilíbrio no uso de tecnologias digitais por parte de seus filhos. Pais e mães frequentemente se deparam com um complexo dilema social: desejam que seus filhos não sejam considerados estranhos por não adotarem as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como seus colegas, ao mesmo tempo em que nutrem receios de que, ao permitir o uso desenfreado dessas tecnologias, estejam deixando de proteger seus filhos de algo que, instintivamente, percebem como uma ameaça ao convívio social e familiar, bem como ao desenvolvimento intelectual. Em face da exaustão e da sensação de impotência, muitos pais acabam cedendo à atração do mundo digital.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer a crescente complexidade do desafio que os pais enfrentam ao tentar encontrar um equilíbrio entre a participação de seus filhos nas TDICs e a manutenção de um ambiente saudável e interações familiares significativas. Enquanto a tecnologia digital continua a desempenhar um papel central na vida contemporânea, é crucial que os pais persistam na busca de estratégias e recursos que permitam às crianças aproveitar os benefícios dessa era digital, ao mesmo tempo em que são protegidas dos potenciais impactos negativos em seu desenvolvimento e bem-estar.

4.5 PERCEPÇÃO SOBRE O USO EM FAMÍLIA

Quando questionados sobre o uso de TDICs em família (todos juntos), a maioria dos participantes (oito) relataram que o fazem, normalmente, nos finais de semana ou férias, que é quando eles têm mais disponibilidade para a família, assim como se evidencia na fala do participante Alexandre: “Mais fim de semana, que é o dia que a gente tem mas tempo, né? Porque no meio da semana, eu e minha esposa trabalhamos fora. As crianças ficam com a avó. Então a gente tem mais tempo juntos no fim de semana.”

O entretenimento foi, novamente, a finalidade de uso mais apontada pelos participantes. Eles disseram que, nos momentos em que a família se reúne em torno da tela, gostam de assistir desenhos, filmes e/ou séries e jogar jogos digitais: “Normalmente, a gente assiste um filme ou uma série no final de semana e é só (Cecília)”; “É filme, jogos, desenho... Coisas mais atrativas (Emily).”

Dentre os entrevistados, apenas dois pais (homens) disseram nunca usar as TDICs juntamente com seus filhos para entretenimento. Segundo eles, a possibilidade infinita de assistir conteúdos com interesses próprios para cada idade, dificulta a reunião familiar em torno das TDICs para assistir algo que seja comum a todos os membros: “Não usamos juntos. Minha esposa não gosta de assistir, e eu não gosto de assistir filmes com meus filhos porque o que me interessa não combina com a idade deles. Então, não tem uma hora pra gente sentar os quatro usando um aparelho juntos (Charles).”

Os entrevistados responderam também sobre como eles visualizam os membros da sua família diariamente: “mais isolados em suas TDICs ou mais juntos, longe das TDICs?”. A maioria dos entrevistados (oito) respondeu que visualizam os membros da sua família mais entregues às suas TDICs (individualmente) do que envolvidos (coletivamente) em atividades longe das TDICs:

Eu acho que cada um nas suas TDICs, principalmente por conta da faculdade. Então, quando eu tô em casa eu também estou usando porque tenho que me dedicar ao estudo e ao trabalho. E quando eu estou usando minhas TDICs em casa, meu filho fica na TV. Ele, inclusive, já reclamou disso (Vítor).

O estudo revela que o uso das TDICs em contextos familiares se manifesta de maneiras distintas, variando significativamente entre os fins de semana e o cotidiano mais atribulado de dias úteis. Esse padrão de uso reflete as dinâmicas do microsistema familiar, onde interações diretas são influenciadas pela disponibilidade temporal dos membros. O tempo compartilhado em atividades como assistir a filmes ou jogar jogos digitais ilustra um esforço para manter uma conexão familiar, mesmo que restrita a períodos específicos. Essa periodicidade e a seleção de atividades comuns podem ser vistas como uma tentativa de sincronizar os interesses dentro do diversificado ambiente digital.

A interação entre os sistemas familiares e as demandas externas, como trabalho e escola, reflete as influências do mesossistema. Os participantes como Vítor, que menciona o uso de TDICs para estudos e trabalho enquanto seu filho está engajado com a TV, destacam como as obrigações externas moldam o uso de tecnologia em casa, afetando a qualidade e a quantidade de interações familiares.

No nível do exossistema, a ausência de um conteúdo digital compartilhado que Charles menciona—devido às preferências individuais de conteúdo—sugere como as decisões institucionais e as ofertas do mercado de entretenimento afetam as possibilidades de interação familiar. A fragmentação dos conteúdos disponíveis pode limitar as oportunidades para

experiências familiares compartilhadas, levando a uma personalização que, paradoxalmente, isola os membros da família em seus próprios interesses.

A influência do macrossistema é evidenciada na forma como os valores culturais contemporâneos que celebram a diversidade de escolhas e a personalização do consumo de mídia impactam as normas familiares. A crescente aceitação de que cada membro da família pode ter seu próprio dispositivo e conteúdo de escolha reflete um valor cultural mais amplo de individualização e autonomia pessoal.

Finalmente, considerando o cronossistema, a evolução das TDICs e a sua penetração crescente no cotidiano familiar sugere uma transformação nas práticas familiares ao longo do tempo. As narrativas dos participantes podem ser vistas como um instantâneo de um processo dinâmico em que novas tecnologias e suas capacidades remodelam continuamente as interações familiares e os padrões de uso ao longo das gerações.

Ao discutir esses achados através dos conceitos de Bronfenbrenner, observamos uma complexa rede de influências sistêmicas que não apenas moldam o uso das TDICs nas famílias, mas também são moldadas pelas práticas e interações que essas tecnologias facilitam. Isso destaca a necessidade de estratégias conscientes que promovam o uso de TDICs de maneira que fortaleça as conexões familiares, respeitando ao mesmo tempo as necessidades individuais dentro do ambiente familiar.

4.6 PERCEPÇÃO DA INTERFERÊNCIA DO SEU USO NA SUA PARENTALIDADE

Os entrevistados relataram que seus filhos expressam, constantemente, sentimentos negativos em relação ao uso de TDICs dos pais e das mães, assim como dizem os participantes: “Ele se incomoda. Às vezes, ele comenta que eu tenho mais tempo pra o celular do que pra eles, os dois” (Vitor); “Às vezes ela comenta que eu tô demais no celular, e a mãe também” (Aldo); e:

Elas se sentem desconfortáveis porque quando eu tenho a necessidade de estar com elas, elas não querem que eu use as TDICs. Como eu já faço esse balanço de não tá usando com elas, aí elas falam: “mãe, a gente chegou, então não é pra usar celular”. Mas, assim, quando tem uma necessidade maior de usar, eu explico: “mãe, mas a mamãe hoje vai ter que usar um pouco mais” (Emily).

Os participantes disseram que as crianças usam sempre as mesmas frases para expressar como se sentem em relação ao uso de TDICs dos pais e das mães. Elas expressam tristeza, frustração, incômodo e até raiva quando precisam competir com as telas pela atenção dos seus

pais/mães. A percepção que os entrevistados têm é de que seus filhos parecem insatisfeitos com o tempo que os pais/mães passam em seus dispositivos.

Os participantes da pesquisa enfatizaram que o seu uso de TDICs é sempre imitando pelos seus filhos. As crianças, inclusive, justificam o seu uso de telas comparando com o tempo de uso dos gestores, assim como se evidencia na fala de Clarisse:

Meu menino questiona sempre: “porque você pode e eu não posso?”. Sempre! É a pergunta que vem à boca dele. E aí vem minha explicação: “mamãe está estudando, não estou fazendo nada de assistir coisa que não pode, de estar desobedecendo ninguém”. E aí, sempre esclarecendo, mas tem esse questionamento sempre. (Clarisse).

Os pais e mães disseram sentir muita dificuldade para explicar aos seus filhos sobre os diferentes acessos digitais considerando os diferentes níveis de maturidade. No entanto, eles também confessaram que, muitas vezes, são atraídos durante o trabalho e estudo para os atrativos digitais de entretenimento. Esta é a finalidade de uso apontada pelos participantes como aquela que mais rouba sua atenção e tempo, assim como fala Cecília: “Eu acho que uso demais, mais do que eu planejo” (Cecília). Solicitar do filho algo que não conseguem fazer, traz muita angústia para os pais e mães: “Precisamos repensar o uso dos pais. Às vezes a gente cobra dos filhos, mas esquece do próprio uso. É importante diminuir primeiro o nosso uso pra poder cobrar deles” (Vitor).

Acho que é importante o estudo da temática porque atualmente todos estão usando de forma automática. As pessoas não entendem o quanto é prejudicial, só os benefícios. Os pais estão no automático, dando o celular para os filhos em todos os ambientes e para tudo (Cecília).

É evidente o conflito enfrentado por pais e mães quando se trata do uso de suas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) enquanto interagem com seus filhos, assim como a dificuldade em encontrar a abordagem adequada para ensinar a autorregulação do uso digital às crianças. Há percepção de benefícios no uso das TDICs durante os momentos de interação com os filhos, como acesso a apoio familiar, recursos médicos e informações úteis, além da capacidade de aliviar o tédio e o estresse associados à parentalidade.

No entanto, os pais também relatam sentir-se sobrecarregados pela sobrecarga constante de informações e exaustos devido à conexão ininterrupta. A invasão do trabalho e do estudo nos dias, horários e espaços que costumavam ser reservados ao tempo em família tornou cada vez mais difícil conciliar os desafios de manter limites claros entre os domínios físicos e emocionais do âmbito profissional/educacional e familiar.

A sobrecarga digital parece criar uma distração constante durante o exercício da parentalidade, dificultando a alternância cognitiva e emocional entre o mundo digital e as interações necessárias no ambiente familiar. Cuidar dos filhos é uma tarefa árdua e frequentemente exaustiva, e qualquer distração ao alcance, seja a necessidade de responder a e-mails de trabalho ou o apelo das redes sociais e jogos, torna-se, no mínimo, tentadora.

Esses desafios destacam a importância de estratégias eficazes para equilibrar o uso de TDICs, promovendo a autorregulação tanto para os pais quanto para as crianças, a fim de preservar interações familiares significativas e limites saudáveis entre a esfera digital e o ambiente doméstico.

Os participantes disseram que gostariam de usar menos as TDICs quando estão em família, assim como fica evidente nas seguintes falas: “gostaria de usar menos o celular quando estou com minha filha e esposa” (Aldo); “gostaria de usar o mínimo possível enquanto estiver com os filhos, ficar sem WhatsApp” (Vítor) e “Queria esquecer, não me importar com as TDICs, não sentir falta do Instagram. Gostaria de me desprender do Instagram” (Cecília).

Os entrevistados foram questionados sobre como percebem seu envolvimento com os filhos em termos de interação, responsabilidade e tempo. O pai Charles disse que a interação com seu filho “é nas saídas, é levar ele pra um clube, jogar bola” (Charles). Já para o pai Willian, o tempo que passam juntos em contato com a natureza favorece muito a interação entre ele e seu filho, assim como se constata em sua fala: “É na roça. A gente trabalhando juntos, cantando, brincando. Então, passa muito tempo, né? Então, ele começa me abraçar, me beijar e é aquela alegria de nós dois (Willian)”.

O ambiente longe das TDICs também foi colocado como necessário para uma melhor interação entre mãe e filho, assim como se evidencia na fala de Cecília: “Quando a gente vai pra roça porque lá a gente desliga de tudo, ele e eu. Então, ele brinca, corre, sobe e desce em árvore” (Cecília). A natureza foi pontuada por mais de um participante como sendo algo a favorecer o envolvimento dos pais e mães com suas crianças, bem como o tempo que passam juntos dentro ou fora de casa. A brincadeira entre pais/mães e filhos foi mencionada como um momento, particularmente, importante para os participantes estabelecerem uma conexão emocional com as crianças, bem como para o desenvolvimento cognitivo, físico e social delas.

As conversas também foram apontadas pelos participantes como essenciais para manter uma boa interação com os filhos, assim como percebe-se nas falas abaixo:

Qualquer oportunidade que eu tenho de estar em casa, eu sempre gosto de ter um momento de conversa com eles, perguntar como foi o dia. Se eu não tava presente,

pergunto o que fizeram, o que foi bom ou ruim. Eu sou uma pessoa muito atenciosa e interajo bastante com meus filhos (Clarisse).

Vítor também expressa:

Bom! A gente interage muito bem. A gente conversa muito, ele gosta de conversar comigo, de sair e estar comigo. Ele não dorme antes que eu chegue para conversar com ele. Se eu estou viajando, ele liga pra que a gente possa conversar antes de dormir. Os dois gostam muito de estar comigo (Vítor).

Ficou claramente evidenciado que a responsabilidade pela educação dos filhos tende a recair de forma mais acentuada sobre a mãe ou sobre o pai que passa mais tempo em casa com as crianças. Ao mesmo tempo, a responsabilidade financeira é predominantemente atribuída ao pai.

Essa dinâmica reflete a divisão tradicional de papéis de gênero na sociedade, em que as mães historicamente desempenharam um papel central na criação e educação dos filhos, enquanto os pais eram frequentemente encarregados do sustento financeiro da família. No entanto, é importante notar que essa divisão de responsabilidades vem passando por mudanças significativas nas últimas décadas, com mais pais assumindo um papel ativo na criação dos filhos e as mães cada vez mais presentes no mercado de trabalho. Essa evolução na distribuição de responsabilidades é um reflexo das transformações sociais e culturais em curso, que buscam promover uma maior igualdade de gênero e uma distribuição mais equitativa das tarefas familiares.

A minha responsabilidade é assim... Eu sempre falo que eu sou mais ausente do que o próprio pai porque eu estudo em tempo integral e trabalho em regime de plantões. Então, é uma sequência muito árdua. Devido a isso, eu gero mais uma responsabilidade pra mim mesma em relação aos meus filhos. E lá em casa, a responsabilidade maior é do pai. Ele cuida deles mais do que eu, é uma coisa atípica, mas é assim (Clarisse).

No que diz respeito ao tempo que passam com os filhos, os pais e mães disseram que é curto ou pouco e, por isso, eles tentam compensar nos fins de semana fazendo programações em família, assim como diz Emily:

Eu estudo muito durante a semana pra no fim de semana eu me doar e me permitir. Tipo, num domingo eu me permito tá com elas e fazer o que elas querem. A gente vai pra missa de manhã e quando volta almoça em casa. Quando a gente almoça em casa, eu faço o almoço com elas, entende? Fazemos algo sempre nos fins de semana, porque eu tiro o domingo pra elas (Emily).

Para o pai Vítor, a busca incessante por metas e conquistas acaba afetando o tempo e, conseqüentemente, a interação que mantém com seus filhos, como é percebido em seu discurso:

Eu acho que ainda é um pouquinho deficiente. É uma cosia que eu tô tentando trabalhar, né?! A gente vive num mundo de correria atrás de coisas, né?! De trabalho, de estudo, de melhorar a situação financeira, material; e aí o tempo vai passando... E eu acho que eu preciso melhorar. Tenho trabalhado muito isso em mim pra vê se eu fico mais tempo com eles, mas eu acho que ainda sou deficiente em relação a isso (Vítor).

Partindo dos resultados apresentados, observa-se que a compensação do tempo durante os fins de semana, como relatado por Emily, exemplifica uma adaptação ao cronossistema atual, no qual a estrutura da semana de trabalho restringe interações familiares significativas durante os dias úteis. A intencionalidade de Emily em dedicar os domingos à família reflete uma estratégia para realinhar os ciclos familiares com as imposições do macrossistema, que ditam os ritmos sociais e laborais. Essa prática não apenas enriquece as relações interpessoais no âmbito do microsistema familiar, mas também responde às limitações impostas pelos sistemas mais amplos.

A compensação de tempo nos fins de semana, como mencionado por Emily, é uma tentativa de reconectar e reequilibrar as interações familiares, demonstrando uma adaptação ao cronossistema que reflete os ritmos impostos pela sociedade contemporânea. No entanto, a persistência das TDICs mesmo nesses momentos "reservados" para a família indica uma dificuldade em estabelecer limites claros entre o uso tecnológico e o tempo de qualidade familiar.

Por outro lado, as declarações de Vítor ressaltam como as demandas externas, que são componentes do exossistema, como o ambiente de trabalho e a pressão por avanços materiais, permeiam e configuram o microsistema familiar. A percepção de Vítor sobre a deficiência no tempo dedicado aos filhos destaca o conflito entre as exigências profissionais e as necessidades familiares. Esse conflito ilustra a interação complexa entre diferentes níveis sistêmicos, sugerindo que as pressões do exossistema não apenas limitam a disponibilidade de tempo, mas também afetam a qualidade das interações familiares.

Essa análise sugere que políticas voltadas para a flexibilização do trabalho e um maior suporte para o equilíbrio entre vida pessoal e profissional seriam benéficas. Tais iniciativas poderiam facilitar a reconciliação das demandas do exossistema com as necessidades do

microsistema familiar, permitindo que os pais engajem mais profundamente com seus filhos, o que é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças.

Portanto, a discussão baseada nos resultados e na teoria ecológica de Bronfenbrenner evidencia como o tempo, uma dimensão fundamental do cronossistema, influencia diretamente a qualidade das relações familiares. Reconhecendo as dinâmicas de tempo na vida familiar moderna e suas implicações para o desenvolvimento e bem-estar, torna-se crucial considerar abordagens integradas que promovam uma melhor articulação entre os diferentes sistemas temporais, para apoiar as famílias em um contexto cada vez mais desafiador.

Considerando as preocupações com o uso excessivo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e seus efeitos adversos nas interações familiares, os resultados do estudo destacam que as famílias buscam compensar durante os fins de semana as interações perdidas durante a semana. No entanto, a invasão das TDICs em momentos tradicionalmente destinados à convivência familiar, como as refeições, tem se intensificado. Os pais relatam um cenário onde até mesmo durante essas ocasiões, frequentemente percebem que as telas se tornam foco de atenção, interferindo na comunicação direta entre eles e seus filhos.

Esta mudança nas dinâmicas familiares evidencia uma reconfiguração do microsistema, onde a interação direta, essencial para o fortalecimento dos laços familiares, é cada vez mais mediada e até substituída por dispositivos digitais. A crescente prevalência de telas durante as refeições reflete as pressões do exossistema, que promove constante conectividade. A cultura de multitarefa e eficiência, impulsionada pelo macrosistema, permeia os espaços familiares, comprometendo a qualidade das relações pessoais.

Em resposta a essa crescente preocupação, o Governo Federal Brasileiro, através da Secretaria Nacional da Família do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, lançou o projeto "Reconecte" em 2020. Esse projeto buscou conscientizar as famílias brasileiras sobre os riscos associados ao uso desmedido das TDICs, enfatizando a importância de momentos como as refeições em família e incentivando práticas que minimizem a interferência das tecnologias nesses períodos.

Além disso, o Dia Internacional da Família em 2021, promovido pela ONU sob o tema "Famílias e Novas Tecnologias", reitera a necessidade global de reconhecer e abordar o impacto das TDICs no bem-estar familiar. Este foco global complementa as iniciativas locais como o "Reconecte", sublinhando a necessidade de uma vigilância contínua sobre como as tecnologias digitais estão reformulando as dinâmicas familiares.

O lançamento de iniciativas como o projeto "Reconecte" pelo Governo Federal Brasileiro e as campanhas globais da ONU sublinham a crescente conscientização sobre os impactos das TDICs no bem-estar familiar. Essas iniciativas refletem um reconhecimento da necessidade de intervenção para mitigar os impactos negativos das tecnologias digitais, promovendo um uso mais consciente e equilibrado que possa beneficiar as relações familiares sem sacrificar os avanços e benefícios que a tecnologia oferece.

Esses esforços globais e locais ressaltam a importância de criar estratégias eficazes que ajudem a preservar a qualidade das interações familiares, propondo um uso equilibrado das tecnologias que considere tanto os benefícios quanto os potenciais prejuízos. A reflexão sobre essas dinâmicas é crucial para garantir que a tecnologia sirva para unir as famílias, em vez de isolá-las.

As respostas dos pais no estudo revelam um dilema comum: o desafio de modelar um uso responsável das TDICs enquanto eles próprios lutam com as demandas digitais em suas vidas profissionais e pessoais. A contradição entre ensinar as crianças sobre o uso apropriado de tecnologia e as próprias práticas dos pais pode comprometer a autoridade parental e a eficácia das mensagens sobre limites saudáveis e auto-regulação.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVA DE NOVOS ESTUDOS

À medida que este estudo se encaminha para suas conclusões, é imperativo refletir sobre as profundas mudanças que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) impõem nas dinâmicas familiares. A incorporação das TDICs no cotidiano tem remodelado significativamente a maneira como os pais interagem com seus filhos, alternando entre benefícios e desafios. Os resultados obtidos fornecem insights valiosos sobre os desafios enfrentados pelos pais na era digital e sinalizam oportunidades para investigações futuras que possam aprofundar o entendimento dos impactos dessas tecnologias nas relações familiares e no desenvolvimento emocional e social das crianças.

Ao avançar para as considerações finais e vislumbrar futuros estudos, é essencial reconhecer que as descobertas deste estudo não apenas refletem observações críticas, mas também estabelecem um ponto de partida para futuras ações e reflexões acadêmicas.

Portanto, as considerações finais e as perspectivas para novos estudos não apenas resumem os aprendizados deste trabalho, mas também sublinham a importância contínua de investigar, compreender e intervir nas complexidades da parentalidade no contexto digital.

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo forneceu uma perspectiva valiosa sobre a complexidade das emoções que os pais e mães contemporâneos experimentam em relação ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em suas vidas cotidianas, tanto dentro como fora de seus lares. Seja para fins de trabalho, lazer ou estudo, as TDICs desempenham um papel fundamental nas interações familiares e na co-parentalidade. A constatação de que as TDICs interferem nas dinâmicas familiares não é surpreendente, dada a onipresença dessas tecnologias, no entanto, é fundamental reconhecer que a distração digital dos pais pode comprometer a sua capacidade de perceber e atender às necessidades e à segurança de seus filhos. As crianças, que buscam conforto e segurança nos relacionamentos familiares, podem ser impelidas a procurar alternativas quando esses relacionamentos não são robustos o suficiente. Nesse sentido, as TDICs podem representar uma forma alternativa de apego.

Dentre os dispositivos digitais, o celular/smartphone se destacou como o principal elemento que compromete a interação parental. Tornou-se evidente que a distração dos pais com seus telefones e outros dispositivos é uma ocorrência comum, frequentemente questionada pelas crianças. Esse resultado é alarmante, uma vez que revela a dificuldade dos pais em ajustar seu uso de TDICs, mesmo quando reconhecem o impacto negativo que ele tem no tempo e na qualidade das interações com seus filhos. O impacto substancial da distração digital dos pais e mães na formação de laços fortes e seguros entre eles e seus filhos é motivo de grande preocupação, suscitando questões sobre as implicações para os relacionamentos futuros dessas crianças à medida que se tornam adultos, incluindo seus relacionamentos de amizade e românticos.

Alinhado com a teoria bioecológica de Uriel Bronfenbrenner, este estudo destaca a importância dos contextos proximais, como as interações familiares, no desenvolvimento das crianças. As TDICs, quando utilizadas de forma excessiva e distrativa, podem perturbar os processos de desenvolvimento dentro das microsferas do ambiente proximal das crianças, impactando negativamente as relações entre pais e filhos. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner enfatiza a interconexão entre os níveis ambientais e seu impacto nas trajetórias de desenvolvimento das crianças. A distração constante provocada pelo uso inadequado das TDICs pelos pais pode influenciar não apenas as interações familiares imediatas, mas também o desenvolvimento a longo prazo das crianças, afetando sua habilidade de estabelecer relacionamentos saudáveis no futuro.

Embora pais e filhos tenham fácil e constante acesso a inúmeras informações e pessoas na internet, eles enfrentam desafios para manter uma conexão pessoal e significativa em seus lares. Esse paradoxo parental contemporâneo ilustra a complexidade das dinâmicas familiares em um mundo digital. Embora haja inúmeras oportunidades para a conexão familiar proporcionadas pelas TDICs, ao mesmo tempo, a desconexão se torna uma realidade tangível.

Muita atenção tem sido dada aos perigos do uso digital por parte de crianças e adolescentes, principalmente em relação à saúde mental. No entanto, é igualmente preocupante o modelo de relacionamento humano que os pais e mães estão transmitindo aos seus filhos. Enquanto existem muitas alertas e diretrizes disponíveis sobre o uso online das crianças, há uma notável falta de preocupação direcionada ao uso de TDICs pelos principais cuidadores e educadores, ou seja, os pais e mães.

Isso nos leva a refletir sobre o que as crianças estão percebendo. Onde estão seus pais? Parece que as crianças sentem essa desconexão e expressam a tristeza e o desconforto de serem ignoradas. Isso acontece, pois a desconexão não é unidirecional. Os pais também são afetados por essa revolução digital, muitas vezes se envolvendo em seus próprios dispositivos, como smartphones e computadores. Isso resulta na percebida "ausência" dos pais e serve como um exemplo de comportamento para os filhos. A consequência é que os filhos podem sentir que seus pais estão "virtualmente ausentes" em suas vidas. As crianças frequentemente competem por atenção, expressando frustração e tristeza com a falta de envolvimento dos pais em suas vidas.

As observações das crianças também destacam um dilema enfrentado pelos pais: como equilibrar as demandas do mundo digital com as obrigações familiares. Embora os pais reconheçam a importância crescente da tecnologia, as crianças anseiam por relacionamentos mais conectados e autênticos. Isso destaca a necessidade de encontrar um equilíbrio adequado entre a vida digital e as interações familiares.

Em última análise, essa constante multitarefa dos pais em dispositivos digitais pode resultar em frustração e fadiga nas crianças, que anseiam por atenção e conexão genuína. Portanto, é imperativo compreender a complexa dinâmica entre a tecnologia e as relações familiares, a fim de garantir relacionamentos saudáveis e significativos no mundo digital em constante evolução.

A forma relativamente indiferente com que a sociedade encara o uso digital por parte dos adultos, em contraste com a crítica direcionada ao uso digital por crianças e adolescentes, é profundamente preocupante. A distração crônica por parte dos pais e mães pode ter efeitos

profundos e duradouros em seus filhos, afetando seu desenvolvimento e seus futuros relacionamentos. Como Uriel Bronfenbrenner destacou em sua teoria bioecológica, o ambiente proximal exerce uma influência significativa no desenvolvimento das crianças, e o uso inadequado das TDICs pelos pais pode ser um fator crítico nesse processo, moldando não apenas o presente, mas também o futuro de suas crianças.

Ao considerar a dinâmica do uso digital por adultos e sua influência no desenvolvimento das crianças, conforme explorado por Uriel Bronfenbrenner em sua teoria bioecológica, é imperativo também refletir sobre as nuances adicionais trazidas pela "sociedade do cansaço" de Byung-Chul Han, já discutida anteriormente. A abordagem de Han ressalta um ambiente de excesso de trabalho e autoexploração, onde o cansaço se torna uma condição prevalente. Este cenário, marcado pela constante interação dos adultos com tecnologias digitais, tanto para trabalho quanto para lazer, tem implicações significativas na dinâmica familiar. A falta de interação significativa com as crianças, decorrente dessa absorção digital, pode levar a lacunas no desenvolvimento emocional e social dos jovens.

Aqui se faz necessário a introdução do conceito de "aceleração" de Hartmut Rosa (2010). Sua teoria, que aborda a rapidez com que as mudanças ocorrem na sociedade moderna, complementa a compreensão do impacto do uso digital pelos adultos. A aceleração do tempo e a constante mudança, características marcantes da era atual, são potencializadas pelo uso intenso da tecnologia digital. Esse ritmo acelerado pode resultar em um ambiente de distração contínua para os adultos, o que, por sua vez, afeta a qualidade da interação e do tempo dedicado aos filhos.

Conectando essas teorias com a de Bronfenbrenner, observa-se como o ambiente proximal, essencial para o desenvolvimento das crianças, é moldado não apenas pelas ações diretas dos pais, mas também pelo contexto sociocultural em que estão inseridos. A sociedade do cansaço e a aceleração das dinâmicas sociais contemporâneas, exacerbadas pelo uso inadequado das tecnologias digitais pelos adultos, podem comprometer a capacidade dos pais de oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento saudável de seus filhos. Assim, é fundamental que, na era digital, os pais estejam conscientes de seu papel e impacto no ambiente proximal de seus filhos, buscando um equilíbrio entre a vida digital e a presença física e emocional necessária para um desenvolvimento infantil saudável e completo.

O presente estudo revela implicações práticas significativas que podem ser aplicadas em diversos contextos, incluindo ambientes domésticos, políticas públicas e intervenções educacionais. Programas de educação parental que focam no uso consciente e moderado das

TDICs são essenciais. Esses programas deveriam oferecer estratégias para equilibrar o tempo de tela com interações familiares de qualidade, enfatizando a importância de estar presente sem distrações digitais em momentos-chave.

As políticas públicas podem promover o equilíbrio entre trabalho, lazer e vida familiar, regulamentando o trabalho remoto e incentivando pausas tecnológicas. Escolas também desempenham um papel crucial, oferecendo programas que ensinem crianças sobre o uso responsável de tecnologia e habilidades de interação social. Além disso, apoiar pesquisas que aprofundem o entendimento dos impactos das TDICs nas dinâmicas familiares pode gerar estratégias e intervenções mais eficazes.

Por fim, campanhas de conscientização pública são necessárias para educar sobre os efeitos do uso excessivo de TDICs pelos adultos no desenvolvimento infantil. Essas campanhas podem desafiar normas sociais e promover a importância da presença parental.

Para integrar essas implicações práticas ao estudo, seria ideal posicioná-las ao final das perspectivas de novos estudos na seção de considerações finais. Isso não apenas encerra a discussão com uma nota proativa e voltada para o futuro, mas também estabelece uma ponte direta entre os desafios identificados e as ações propostas para enfrentá-los. Inserir esse texto nesse ponto ajudaria a enfatizar a relevância prática do estudo e sua contribuição para a melhoria das dinâmicas familiares na era digital.

5.2 PERSPECTIVA DE NOVOS ESTUDOS

Recomenda-se que estudos subsequentes concentrem-se em uma análise mais aprofundada das possíveis implicações da distração parental causada pelo uso de dispositivos digitais na segurança e no desenvolvimento do apego infantil. Para entender plenamente o impacto dessas tecnologias nas dinâmicas familiares, é crucial explorar com maior detalhe as nuances da distração parental, incluindo os motivos subjacentes que levam os pais a recorrerem aos dispositivos digitais para entretenimento quando estão na presença de seus filhos.

A eficaz produção de soluções para mitigar os impactos negativos do uso excessivo de tecnologia requer uma compreensão meticulosa da complexa interação entre pais, filhos e dispositivos digitais. Portanto, a pesquisa neste campo, como muitas outras áreas de estudo, desempenha um papel fundamental ao fornecer insights que podem servir como base para o desenvolvimento de estratégias e intervenções direcionadas à promoção de relações familiares saudáveis na era digital.

Além de contribuir para a compreensão das ferramentas tecnológicas mais utilizadas por pais e filhos e seu impacto nos relacionamentos parentais, esta pesquisa incita a uma reflexão mais ampla. Ela nos convida a contemplar as competências humanas essenciais, como empatia, ética e inteligência social, que se tornam cruciais para prosperar em um mundo interconectado em constante evolução. Assim, esta pesquisa não apenas informa sobre as dinâmicas familiares na era digital, mas também serve como um ponto de partida para considerações mais amplas sobre o futuro da humanidade em um contexto digital em constante transformação.

Uma questão fundamental que emerge é: como os seres humanos irão se adaptar e florescer nesse cenário digital em constante evolução? Essa indagação pode orientar futuras investigações dentro da área temática proposta, buscando soluções para os desafios que a revolução digital apresenta à vida familiar e à sociedade como um todo. O desenvolvimento de estratégias que promovam relações familiares saudáveis e o florescimento das habilidades humanas em um mundo cada vez mais digital é uma prioridade crítica para o bem-estar das gerações presentes e futuras.

REFERÊNCIAS

ABBATE, J. E. **Inventing the Internet**, 1999.

ABBATE, J. E. **From ARPANET to Internet: A history of ARPA-sponsored computer networks**, 1988.

ABREU, K. C. K. **História e usos da Internet. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**. Universidade da Beira Interior, 2009.

ADADIR, C.S; BAKER, T.H. **The Big Disconnect: Protecting Childhood and Family Relationships in the Digital Age**. Editora Harper, 2013.

ALTER, A. **Irresistível: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela?** Objetiva. 1º edição, Rio de Janeiro, 2018.

AMARAL, R. **Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o facebook na sociedade contemporânea**. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Tese de doutorado, 2016.

ANDRADE, S.A; SANTOS, D.N; BASTOS, A.C; PEDROMÔNICO, M.R.M; FILHO, N.A; BARRETO, M. L. **Ambiente familiar e desenvolvimento: uma abordagem epidemiológica**. Revista Saúde Pública, pp. 606-611, 2005.

ANDRADE, L.B.P. **Tecendo os fios da infância. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo. Editora UNESP, pp.193, 2010.

ANDREASSEN, C.S; PALLESEN, S; GRIFFITHS, M. **The relationship between addictive use of social media, narcissism, and self-esteem: Findings from a large national survey**. Addictive Behaviors. Pp: 287–293, 2017.

ASHIABI, G.S; NEAL, K.K.O. **Child Social Development in Context: An Examination of Some Propositions in Bronfenbrenner's**. Sage open. Pp. 1-4, 2015.

ASSIS, D.C.M; MOREIRA, L.V.C; FORNASIER, R.C. **Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças**. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, 2021.

AUGUSTO, C.A; SOUZA, J.P; DELLAGNELO, E.H.L; CARIO, S.A.F. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober**, 2014.

AUGUST, H; KLASSEN, A.F. **Teoria do apego: sua influência na vida adulta e aplicação no cuidado espiritual**. Revista Cognition, v. 1, n. 2, p. 152-176, 2019.

AZEVEDO, G; SARAT, M. **História da infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. Educação e Fronteiras**. Dourados/MS, v.5, n.13, p.19-33, 2015.

BACKES, M.S; BECKER, Ana Paula Sesti; CREPALDI, Maria Aparecida; VIEIRA, Mauro Luís. **A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno**. Nova Perspectiva Sistêmica, n. 61, p. 100-119, 2018

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAHIA (Estado). Decreto Estadual n. 19.529, de 17 de março de 2020. **Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus**. Diário oficial do Estado da Bahia, 17 mar, 2020.

BARON, N.S. **Do mobile technologies reshape speaking, writing, or reading?** Mobile Media & Communication, v.1, n.1, p. 134–140, 2016.

BECKER, A. P. S; VIEIRA, M. L. **Apego e parentalidade sob o enfoque transcultural: uma revisão da literatura**. Psicogente, v. 22, n. 42, 2019.

BENETTI, I.C; VIEIRA, M.L; CREPALDI, M.A; SCHNEIDER, D.R. **Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner**. Pensando psicologia, v. 9, n. 16, p. 89-99, 2013.

BOING, E; CREPALDI, M.A; CARMEN, L; MOREÍ, C.L. **Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil, 2008.

BORSA, J.C; NUNES, M.L.T. **Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear**. Psicol. Argum, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011.

BOZZA, T.C.L. **O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**. Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de mestrado, 2016.

BOYD, D. **Social Media: A Phenomenon to be Analyzed**. Social Media + Society, p. 1–2, 2015.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRANDON, M.D; COYNE, S. M. **Technology interference in the parenting of young children: Implications for mothers' perceptions of coparenting**. The Social Science Journal, v. 53, p. 435-443, 2016.

BRANDON, M.D; COYNE, S. M. **"Technoference": The interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being**. Psychology of Popular Media Culture, v.5, n.1, p.85-98, 2014.

BRANDON, M.D; COYNE, S; HOLMES, E.K. **New Mothers and Media Use: Associations Between Blogging, Social Networking, and Maternal Well-Being.** *Maternal and Child Health Journal*, 2012.

BRANDON, M.D; DROUIN, M. **Daily technology interruptions and emotional and relational well-being.** *Computers in Human Behavior*, v. 99, p. 1-8, 2019.

BRANDON, M.D; RADESKY, J.S. **Technoference: Longitudinal Associations between Parent Technology Use, Parenting Stress, and Child Behavior Problems.** *Pediatr Res*, v. 84, n. 2, p. 210–218, 2018a.

BRANDON, M.D; RADESKY, J.S. **Technoference: Parent Distraction with Technology and Associations with Child Behavior Problems.** *Child Development*, v. 89, n.1, p. 100–109, 2018b.

BRAUN, V; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology.** *Qualitative research in psychology*, 3 (2), 77-101, 2006.

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet.** Editora Zahar, v.2, 2006.

BRONFENBRENNER, U. **Contexts of child Rearing: problems and prospects.** *American Psychologist*. Vol 34, n 10, pp 844-850, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Making Human Beings: Human Bioecological Perspectives on Human Development.** Sage: Califórnia, 2004.

BRUM, E.H.M; SCHERMANN, L. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco.** *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v.9, n.2, pp.457-467, 2004.

BRYMAN, A. **Social research methods.** 3rd edition. Oxford: Oxford University Press,2008.

CARR, N. **A Geração Superficial: O que a internet está fazendo com nossos cérebros.** WW Norton & Company, 2010.

CARVALHO, M. S. R. M. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança.** Dissertação, 2006.

CARVALHO, J; FRANCISCO, R; RELVAS, A.P. **E-famílias: o impacto das TIC na vida contemporânea de famílias com crianças,** 2019

CASTELLS, M. **The Impact of the Internet on Society: A Global Perspective,** 2014.

CAVALCANTE, D. M.A; MOREIRA, L.V.C; FORNASIER, R.C. **Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, 2021.

CAVALCANTE, L.I.C; SILVA, S.S.C; MAGALHÃES, C.M.C. **Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes.** Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza. V. 10, n.4, pp.1147-1172, 2010.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: Desconstruindo a patologia.** Campinas, SP: Livro Pleno,2000.

CEKA, A; MURATI, R. **The role of parents in the education of children.** Journal of Education and Practice, v.7, n.5, 2016.

CHAE, J. “Am I a Better Mother Than You?” **Media and 21st-Century Motherhood in the Context of the Social Comparison Theory.** Communication Research, v. 42, n. 4, p. 503–525, 2015.

CHAGAS, E.F. **O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto,** 2011.

CHEN, B; LIU, F; DING, S; YING, X; WANG, L; WEN, Y. **Gender differences in factors associated with smartphone addiction: a crosssectional study among medical college students.** BMC Psychiatry, 2017.

CHÓLIZ, M; MARCOS, M. **La epidemia de la adicción al juego online en la adolescencia: un estudio empírico del trastorno de juego.** Revista Española de Drogodependencias, v. 44, n. 4, p. 20-37, 2019.

CONTRERAS, D.A. **Distracted parenting: how social media affect parent-child.** 2016.

COUTINHO, S. M. S; MENANDRO, P.R.M. **52 Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional.** Psicologia e Saber Social, 4(1), 52-71, 2015.

COYNE, S; BRANDON, M.D; STOCKDALE, L.A. “Do you dare to compare?” **Associations between maternal social comparisons on social networking sites and parenting, mental health, and romantic relationship outcomes.** Computers in Human Behavior, v. 70, p. 335 – 340, 2017.

DELGADO, P. **O acolhimento familiar numa perspectiva ecológico-social.** Revista Lusófona de Educação, 14, 157-168, 2009.

DEMENTSHUK, M; HENRIQUES, P. **Pássaros voam em bando: a história da internet do séc. XVIII ao séc. XXI.** Editora Anid, 2019.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **The Discipline and Practice of Qualitative Research.** The Sage Publications Handbook of Qualitative Research. 3rd edition. Thousand Oaks, CA; London: Sage Publications, 1-32, 2005.

DESMURGET, M. **La fábrica de cretinos digitales: Los peligros de las pantallas para nuestros hijos.** Ediciones Península, 2019.

DESSEN, M. A; TORRES, C. V. **Family and socialization factors in Brazil: An overview.** Online readings in psychology and culture, 2002.

DEURSEN, A; VAN, J.A.M.; BOLLE, C.L; HEGNER, S.M; KOMMERS, P.A.M. **Modeling habitual and addictive smartphone behavior: the role of smartphone usage types, emotional intelligence, social stress, self-regulation, age, and gender.** Computer in Human Behavior, v. 45, p. 411-420, 2015.

DIAS, P; BRITO, R; RIBBENS, W; DANIELA, L; RUBENE, Z; DREIER, M. **The role of parents in the engagement of young children with digital technologies: Exploring tensions between rights of access and protection, from ‘Gatekeepers’ to ‘Scaffolders.** Global Studies of Childhood, v. 6, n. 4, p. 414–427, 2016.

DUMAS, M.V. **La familia nuclear ante el derecho. Una retrospectiva de su formación y definición en la tradición jurídica occidental.** Revista Chilena de Derecho, vol. 46 N° 2, pp. 555 – 578, 2019.

DUTTON, W. **Society on the Line: Information Politics in the Digital Age, Oxford: Oxford University Press.** 1999), 1999.

DUNKER. C.I.L. **Intoxicação digital infantil. Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais.** Editora Ágalma, v.1, 2017.

DUNCKLEY, V.L. **Reset your child’s brain: a four-week plan to end meltdowns, raise grades, and boost social skills by reversing the effects of electronic screen-time.** New World Library: Novato, California, 2015.

JONAS-DWYER, D; POSPISIL,R. **The Millennial effect: Implications for academic development.** Research and Development in Higher Education: Transforming Knowledge into Wisdom, 27, 194–206, 2004.

DYBICZ, P; PYTES, L. **The Dialectic Method: A Critical and Postmodern Alternative to the Scientific Method Phillip Dybicz Loretta Pyles.** Advances in Social Work Vol. 12 No. 2 pp, 301-317, 2011.

ENGELMANN, F; PETRINI, G. **Dádiva, tempo e sacrifício: espaços possibilitadores para a satisfação das exigências originais nas relações familiares.** Relações familiares, vol 2, 2016.

ERIKSON, E. **O ciclo vital completo.** Porto Alegre. Revista Arned, 1980.

FALCÃO, L.P. **O fenômeno da parentalidade distraída e o abandono afetivo: quanto custa o cuidado na sociedade tecnológica.** Revista de Direito de Família e Sucessões. Vol:5, 2019.

FESTINGER, L. **A theory of social comparison processes.** Human Relations, v.7, p. 117-140, 1954.

FISCHER, J.M. **A relação entre o tempo livre e o uso de mídias sociais e seu impacto na vida das vidas,** 2019.

FIORIN, P.C; PATIAS, N.D; DIAS, A.C.G. **Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos.** Social e Humanas, Santa Maria. V. 24, n. 02, pp. 121-132, 2011.

GELINSK, C.R.O.G; MOZER, L. **Familismo, direitos e cidadania: contradições da política social. Mudança nas famílias brasileiras e a proteção desenhada nas políticas públicas.** Editora Cortez, 2015.

GEZOVÁ, K.C. **Father's and Mother's Roles and Their Particularities in Raising Children.** Acta Technologica Dubnicae. v. 5, 2015.

GUBA, E. G; LINCOLN, Y. S. **Competing paradigms in qualitative research.** In: Denzin, N. K. and Lincoln, Y. S., eds. The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues. Thousand Oaks: Sage Publications, 195-2, 1998.

GUELLER. A.S. **Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos.** Editora Ágalma, v.1, 2017.

HADDON, L. **Information and Communication Technologies in Everyday Life: A Concise Introduction and Research Guide,** 2004.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço.** Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, B.C. **Sociedade da transparência.** Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, B.C. **No Enxame: perspectivas do digital.** Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARARI, Y.N. **Homo Deus: uma breve história do amanhã.** 1 edição. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

HENICK, A.C; FARIAS, P.M.F. **História da infância no Brasil.** XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, 2015.

HOLLOWAY, I; WHEELER, S. **Qualitative research in nursing and healthcare.** 3rd edition. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

HOU, H; JIA, S; HU, S; FAN, R; SUN, W; SUN, T; ZHANG, H. **Reduced Striatal Dopamine Transporters in People with Internet Addiction Disorder.** Journal of Biomedicine and Biotechnology, 2012.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo.** Editora Globo. Rio de Janeiro, 1932.

IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=o-que-e>. Acesso em: jul. 2021. Censo de **2019**.

IDOETA, P.A. **Mães sobrecarregadas, jovens ainda nas ruas: os desafios da quarentena para crianças em regiões carentes.** BBCNEWS. São Paulo/SP. 30.03.2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52070993>>. Acesso em 08/04/2020.

JABLONSKI, B. **A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento.** *Psicologia, ciência e profissão*, v. 30, n. 2, pp. 262-275, 2010.

JARVIS, K. **Competition or Camaraderie?: An Investigation of Social Media and Modern Motherhood.** **Running head: SOCIAL MEDIA & MODERN MOTHERHOOD.** Degree of Master in Communications and Technology. University of Alberta, 2017.

JEAN. **Under the Microscope: Mobile Gaming in Brazil.** AdColony, 2020. Acesso em: <https://www.adcolony.com/blog/2020/02/06/under-the-microscope-mobile-gaming-in-brazil-2/>

JERUSALINSKY, J. **As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais.** III colóquio de psicanálise com crianças. Onde está o pai? Desafios da atualidade na clínica com crianças. Instituto Sedes Sapientiae, 2014.

LING, R; HORST, H A. **Mobile communication in the global south.** *New media & society*, v. 13, n.3, 363–374, 2015.

KELLER, H. **Introduction: Developmental psychology and its application across cultures.** *Cross-Cultural Psychology Bulletin*, 35(4), 6-9, 2002.

KILDARE, C.A; MIDDLEMISS, W. **Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review.** *Computers in Human Behavior*, v. 75. Pp- 579 – 593, 2017.

KLEMM, C; PIETERS, W. **Game mechanics and technological mediation: an ethical perspective on the effects of MMORPG's.** *Ethics Inf Technol.* v. 19, p. 81-93, 2017.

KNITTER, B; ZEMP, M. **Digital family life: A systematic review of the impact of parental smartphone use on parent-child interactions.** *Digital Psychology*, v. 1, n. 1, p. 29-43, 2020.

KRAUT, R; PATTERSON, M; LUNDMARK, V; KIESLER, S; MUKOPADHYAY, T; SCHERLIS, W. **Internet Paradox: A Social Technology That Reduces Social Involvement and Psychological Well-Being?** *American Psychologist*, v. 53, n. 9, p. 1017 – 1031, 1998.

KUSHLEV, K. **Digitally connected socially disconnected: can smartphones compromise the benefits of interacting with other?** 2015.

LAMB, M.E; PLECK, J.H; LEVINE, J.A. **The Role of the Father In Child Development The Effects of Increased Paternal Involvement.** *Advances in clinical child psychology*, v. 8, p 229 -266, 1985.

LANG, A. **O fabuloso livro amarelo.** Porto Alegre: Editora Concreta, 2020.

LEONARDI, P.M; HUYSMAN, M; STEINFELD, C. **Enterprise Social Media: Definition, History, and Prospects for the Study of Social Technologies in Organizations.** *Journal of Computer-Mediated Communication*, v.19, p.1–19, 2013.

LINS, F.E. **A evolução da Internet: uma perspectiva histórica.** *Cadernos Aslegis*, v.48, 2013.

LINS, Z.M.B; SALOMÃO, N.M.B; LINS, A.L.B; CARNEIRO, T.F; EBERHARDT, A.C. **O papel dos pais e as influências na educação dos filhos.** Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Revista da SPAGESP, pp. 43-59, 2015.

MADIANOU, M. **Smartphones as Polymedia.** Journal of Computer-Mediated Communication, 2014.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, G. D. F; MACARINI, S.M; VIEIRA, M. L; SEIDL – DE MOURA, M.L; BUSSAB,V.S.R; CRUZ,R.M. **Construção e validação da escala de crenças parentais e práticas de cuidado (E-CPPC) na primeira infância.** Psico-USF, v. 15, n. 1, p. 23-34, 2010.

MASCHERONI, G; PONTE, C; JORGE, A. **Digital Parenting. The Challenges for Families in the Digital Age.** Pp. 9-16, 2018.

MATEIA, E. K. **O Impacto das novas Tecnologias de Informação e Comunicação(TIC) na família contemporânea : “Relações entre pais e filhos”** . Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias. Faculdade de Letras da Universidade do Porto Setembro, 2018.

MC ARTHUR, B.A; BROWNE, D; MC DONALD, S; TOUGH, S; MEDIGAN, S. **Longitudinal Associations Between Screen Use and Reading in Preschool-Aged Children.** Pediatrics, v. 147, n. 6, 2021.

MENTZONI, R.A; BRUNBORG, G.S; MOLDE, H; MYRSETH, H.M; SKOUVEROE, K. J. M; HETLAND, J; PALLESEN. **Problematic Video Game Use: Estimated Prevalence and Associations with Mental and Physical Health.** Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, v. 14, n. 10, 2011.

MUELLER, P.A; OPPENHEIMER, D.M. **The Pen Is Mightier Than the Keyboard: Advantages of Longhand Over Laptop Note Taking.** Psychological Science, v. 25, p. 1159–1168, 2014.

NAUGHTON, J. **A brief history of the future: from radio days to Internet years in a lifetime.** Woodstock, NY, Overlook Press, 2000.

NASCIMENTO, C.T; BRANCHER, V.R; OLIVEIRA, V.F. **A Construção Social o Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas.** Contexto & Educação. Editora Unijuí. n. 79, pp47-63, 2008.

NEUMANN, D.M.C; MISSEL, R.J. **Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes.** Pensando Famílias, v. 23, n. 2, p. 75-91, 2019.

OLIVEIRA, T.C.F; MOREIRA, L.V.C. **Relações familiares no contexto da adoção.** Relações Familiares. Editora CRV. Curitiba. V.2, pp.272-286, 2016.

ONWUEGBUZIE, A. J; JOHNSON, R. B; COLLINS, K. M. T. **Call for mixed analysis: A philosophical framework for combining qualitative and quantitative approaches.** International Journal of Multiple Research Approaches, v. 3, n. 2, p. 114-139, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age.** Disponível em <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/311664>>. Acesso em 09/04/2020.

ORNELLAS, L. **Singularidade e diferença: como a psicanálise nos convida a pensar na contramão da lógica contemporânea global.** Editora Ágalma, v.1, 2017.

PANTOJA, S; FERREIRA, R. **Evolução da Internet no Brasil e no Mundo.** Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria de Política de Informática e Automação. Editora Visual, 2000.

PATRÃO, I. **A importância da autoregulação no comportamento online nas crianças da geração cordão,** 2019.

PEIXOTO, M.J; CASSEL, P.A; BREDEMEIER, J. **Implicações neuropsicológicas e comportamentais na infância e adolescência a partir do uso de telas.** Research, Society and Development, v. 9, n. 9, 2020.

PETRINI, G; ALCÂNTARA, M.A.C. **Vida Familiar: A busca da satisfação em meio a ambiguidades.** Família no Brasil – Recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba. Editora Juruá Psicologia, pp.213-241, 2015.

PETRINE, G; DIAS, M.C. **A família como capital social e as políticas familiares.** Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade. 1 ed. Curitiba: Juruá Editira, pp. 11-129, 2015.

POLETTO. M; KOLLER, S.H. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção.** Estudos de Psicologia, 25 (3), 405-416, 2008.

PRABANDARI, K; YULIATI, L.N. **The Influence of Social Media Use and Parenting Style on Teenagers' Academic Motivation and Academic Achievement.** Journal of Child Development Studies, v.1, 2016.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants.** On the Horizon, v.9, n.5, 2001.

RAMOS, M.N. **A educação em tempos de Covid-19.** Correio Brasiliense. 02. abr. 2020. Disponível em <<https://www.encurtador.com.br/mx069>>. Acesso em 09/04/2020

RAU, P.L.P; PENG, S.Y; YANG, C.C. **Time Distortion for Expert and Novice Online Game Players.** CyberPsychology & Behavior, v. 9, n. 4, p. 396-403, 2006.

REIMENSCHNEIDER, P.S; AQUINO, L.D. **Maternidade, redes sociais e sociedade de consumo: vulnerabilidade ou empoderamento da lactante?** 4 Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Universidade Federal de Santa Maria – RS, 2017.

RICKER, B; SCHUURMAN, N; KESSLER, F. **Implications of smartphone usage on privacy and spatial cognition: academic literature and public perceptions.** *Geo Journal*, v.80, p.637-652, 2015.

RODRIGUES, Brunella Carla; GOMES, Isabel Cristina; OLIVEIRA, Passos de Oliveira. **Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica.** *Estudos interdisciplinares em psicologia*. Londrina, v. 8, n. 1, p.135-150, 2017.

ROMANELLI, G; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa.** Ribeirão Preto, SP: Legis Summa, 1998.

ROSA, H. **Alienação e Aceleração: Rumo a uma Teoria Crítica da Temporalidade Tardia-Moderna,** 2010.

ROSA, M.R; TUDGE, J. **Urie Bronfenbrenner's Theory of Human Development: Its Evolution From Ecology to Bioecology.** *Journal of Family Theory & Review*, 243–258, 2013.

ROSSINI, P; HEMSLEY, J; TANUPABRUNGSUN, S; ZHANG, F; STROMER-GALLEY, J. **Social Media, Opinion Polls, and the Use of Persuasive Messages During the 2016 US Election Primaries.** *Social Media + Society*, 1–11, 2018.

ROTHER, R.L; MEJIA, M.R.G. **Análise da aplicabilidade da teoria bioecológica do desenvolvimento humano no esporte a partir de uma revisão bibliográfica.** *Caderno pedagógico*, 12 (3), 210-222, 2015.

RUAS, P.H.B; CARDOSO, A; NOBRE, C.N. **Persuasive technology in online social networks: A systematic literature review.** *International Journal of Web Based Communities*, 2017.

SÁ, S.M.P; RABINOVICH, E.P. **Relações fraternas na família.** *Relações familiares*. Editora CRV. Curitiba. V.2 Pp.331-342, 2016.

SALVADOR (Município). **Decreto Municipal n. 32.256, de 16 de março de 2020.** Dispõe sobre novas medidas de prevenção e controle para enfrentamento do COVID-19 no âmbito do município de Salvador. *Diário Oficial do Município de Salvador, Bahia*, 16 mar, 2020.

SANTOS, J.D.S. **Exposição sobre o projeto de relação entre irmãos.** Disponível em <<https://youtu.be/r3V6fEemZ2Y>>. Acesso em 08/04/2020.

SARANTAKOS, S. **Social research.** 3rd edition. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

SARKIS, A; BHERING, E. **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil.** *Horizontes*, 27 (2), 7-20, 2009.

SWANZEN, R. **Facing the generation chasm: the parenting and teaching of generations Y and Z.** *International Journal of Child, Youth and Family Studies*, 9(2): 125–150, 2008.

SAWYER, R; CHEN, G. M. **Intercultural Communication Studies XXI: 2.** The Impact of Social Media on Intercultural Adaptation, p.151 – 169, 2012.

- SHEN. C; WANG. M. P; CHU. J. T; WAN. A; VISWANATH. K; CHAN. S.S.C; LAM. T.H. **Sharing Family Life Information Through Video Calls and Other Information and Communication Technologies and the Association With Family Well-Being: Population-Based Survey.** JMIR Mental Health. V4, n 4, 2017.
- SHI, X; WANG, J; ZOU, H. **Family functioning and Internet addiction among Chinese adolescents: The mediating roles of self-esteem and loneliness.** Computers in Human Behavior, p. 201-210, 2017.
- SILVA, N.C.B; NUNES, C.C; BETTI, M.C.M; RIOS, K.S.A. **Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.** Temas em Psicologia - Vol. 16, no 2, 215 – 229, 2008.
- SIMÃO, J.F. **Direito de família em tempos de pandemia: hora de escolhas trágicas. Uma reflexão de 7 de abril de 2020.** Disponível em <<https://www.encurtador.com.br/tEG46>>. Acesso em 08/04/2020.
- SOUKUP, P.A. **Smartphones.** Communication Research Trends, v.34, n.4, p.3–39, 2015.
- SOUZA, M.T.C.C. **As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico.** Revista Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília. V.27, n.2, pp.249-254, 2011.
- STACHEIRA, C.R; VASCONCELOS, A.M.N; RAVAROTO, N.M; MOURA, L.B.A. **Modelo interdisciplinar para análise teórica da ação da escola na promoção do desenvolvimento à escala humana.** Interações, 21(1), 213-228, 2020.
- STAMATAKIS, E; HAMER, M; DUNSTAN, D.W. **Screen-Based Entertainment Time, All-Cause Mortality, and Cardiovascular Events Population-Based Study With Ongoing Mortality and Hospital Events Follow-Up.** Journal of the American College of Cardiology, v. 57, n. 3, 2011.
- STOCKDALE, L; COYNE, S.M. **Parenting paused: Pathological video game use and parenting outcomes.** Addictive Behaviors Reports, v. 11, 2020.
- TANGMUNKONGVORAKUL, A; MUSUMARI, P.M; THONGPIBUL, K; SRITHANAVIBOONCHAI, K; TECHASRIVICHIE, T; SUGUIMOTO, S.P; KIHARA, M. O; KIHARA, M. **Association of excessive smartphone use with psychological well-being among university students in Chiang Mai, Thailand.** Plos One, v. 7, 2019.
- TEFFÉ, C.S; BARLETTA, F.R. **O direito ao esquecimento: uma expressão possível do direito à privacidade.** Revista do direito do consumidor, 2016.
- THOMAS, F; HADDON, L; GILLIGAN, R; HEINZMANN, P; GOURNAY, C. **Cultural Factors Shaping the Experience of ICTs: An Exploratory Review.** International Collaborative Research, 2005.
- TOLEDO, P. B. F; ALBUQUERQUE, R. A. F; MAGALHÃES, A. R. **O comportamento da geração Z e a influência nas atitudes dos professores.** Anais do 9º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Resende, RJ, Brasil, 2012.

TOMAZ, R.O. **Vendem-se conselhos: poder pastoral, mídia e maternidade.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 196, 2016.

TOMOPOULOS, S; KLASS, P; MENDELSON, A.L. **Electronic Children's Books: Promises Not Yet Fulfilled.** PEDIATRICS, v.143, n.4, 2019.

TUDGE, J. **A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista?** Família e educação: olhares da Psicologia. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 209-231, 2012

TURKLE, S. **Sozinhos Juntos: Por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros?** Basic books, 2011.

VARGAS, E.A.M; LIMA, R.F.F; ROSA, E.M; TUDGE, J. **Processing Proximal Processes: What Bronfenbrenner Meant, What He Didn't Mean, and What He Should Have Meant.** Journal of Family Theory & Review, 12, 321–334, 2020.

VASANTHAKUMAR, G.U; SUNITHAMMA, K; SHENOY, P.D; VENUGOPAL, K.R. **An Overview on User Profiling in Online Social Networks.** International Journal of Applied Information Systems. v. 11, n.8, p.25 – 42, 2017.

VELOSO, E. F. R; DUTRA, J. S; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y,X e baby boomers. Anais do 32º Encontro Nacional de PósGraduação em Administração, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2008.

VERDUYN, P; GUGUSHVILI, N; MASSAR, K; TAHAT, K; KROSS, E. **Social comparison on social networking sites.** Current Opinion in Psychology, v. 36, p. 32-37, 2020.

VERMELHO, S.C; VELHO, A.P.M; BONKOVASKI, A; PIROLA, A. **Refletindo sobre as redes sociais.** Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, jan.-mar, 2014.

VOGEL, E.A; ROSE, J. P. **Self-reflection and interpersonal connection: Making the most of self-presentation on social media.** Translational Issues in Psychological Science, v.2, n.3, p. 294–302, 2016.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VITORELLO, M.A. **Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor?** Psic. da Ed, v. 32, n.1, p. 7-24, 2011.

VOIROL, O. **Teoria Crítica e Pesquisa Social: da dialética à reconstrução,** 2012.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1995.

WAGNER, A; PREDEBON, J; MOSMANN, C; VERZA, F. **Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pais e mães na família contemporânea.** Psicologia: teoria e pesquisa. V. 21, n.2, pp. 181-186, 2015.

WESSELMANN, E.D; CARDOSO, F.D; SLATER, S; WILLIAMS, K.D. **To Be Looked at as Though Air: Civil Attention Matters.** Psychological Science, v. 23, n. 2, p. 166–168, 2012.

WILLIGES, F.R; SOUSA, E.L.A. **A cultura do déficit de atenção.** Editora Ágalma, v.1, 2017.

WISNIEWSKI, M; TOLENTINO, P.C. **As relações de amizade na infância: fator de socialização e desenvolvimento.** X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE). Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Curitiba), 2011.

WOOD, R.T.A; GRIFFITHS, M.D; PARKE, A. **Experiences of Time Loss among Videogame Players: An Empirical Study.** Cyberpsychology & Behavior, v. 10, n. 1, 2007.

WU, C.S.T; WONG, H.T; YU, K.F; FOK, K.W; YEUNG, S.M; LAM, C.H; LIU, K.M. **Parenting approaches, family functionality, and internet addiction among Hong Kong adolescents.** BMC Pediatrics, v. 16, n. 130, 2016.

ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: transitoriedade do leitor e do gênero.** Letras de hoje: estudos e debates de assuntos de linguística, literatura e língua portuguesa. Rio Grande do Sul. V.12, n.36, pp.7-22, 1979.

ZILMER, J.G.V; SCHWARTZ, E; MUNIZ, R.M; MEINCKE, S.M.K. **Modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner e inserção ecológica: uma metodologia para investigar famílias rurais.** Contexto Enferm, Florianópolis, 20(4), 669-74, 2011.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo da vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder.** 1 edição, Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2020.

SPOCK, B. **Baby and Child Care,** 1947.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PARENTALIDADE NA ERA DIGITAL: PERCEPÇÕES SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs)

Entrevistador: _____

Data: _____

Início: _____

Fim: _____

I) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Idade
2. Escolaridade
3. Formação
4. Religião
5. Carga horária semanal de trabalho
6. Onde trabalha: () em casa () fora de casa
7. Estado civil
8. Com quem reside
9. Quantos filhos tem, a idade e o sexo de cada um deles
10. Onde reside

SERÁ EXPLICADO, PREVIAMENTE, O QUE SIGNIFICA TDICs.

II) USO DAS TDICs – PAIS

1. Você usa as TDICs? Se sim, para qual finalidade – estudo, trabalho, informação, comunicação, entretenimento - você MAIS usa?
2. Você usa as TDICs MAIS em qual APARELHO - computador, smartphone, tablet?
3. Como você se sente em relação ao seu uso de TDICs?

III) USO DAS TDICs - FILHOS

1. Seu filho usa as TDICs? Se sim, para qual finalidade – estudo, trabalho, informação, comunicação, entretenimento - ele MAIS usa?
2. Seu filho usa as TDICs MAIS em qual aparelho - computador, smartphone, tablet?
3. Como você se sente em relação ao uso das TDICs pelo seu filho?

IV) USO DAS TDICs - FAMÍLIA

1. Você usa as TDICs JUNTAMENTE com o(s) seu(s) filho(s)? Para qual finalidade - estudo, trabalho, informação, comunicação, entretenimento - e com que frequência?
2. Vocês passam mais tempo em família ou em suas TDICs?
3. Como você acha que seu filho se sente em relação ao SEU uso de TDICs

V) FAMÍLIA/ PARENTALIDADE

1. Para você o que é família?
2. Para você, o que é ser pai/mãe?
3. Como é o seu envolvimento com o(s) seu(s) filho(s) em termos de: (a) interação; (b) responsabilidade; (c) tempo?
4. o que favorece e o que dificulta o seu envolvimento com o(s) seu(s) filho(s)?

5. O que você gostaria de modificar no seu relacionamento com seu filho?
6. O que você gostaria de modificar no seu relacionamento com as TDICs?
7. Gostaria de acrescentar algo sobre o que conversamos?

Muito obrigada pela colaboração.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PARENTALIDADE NA ERA DIGITAL: PERCEPÇÕES SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada **“PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES QUANTO AO PRÓPRIO USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs) E A SUA INTERFERÊNCIA NO RELACIONAMENTO COM OS FILHOS”**, vinculada a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que será conduzida pela pesquisadora Diana Cavalcante Miranda de Assis, sob orientação do Prof. Dr^o Rafael Cerqueira Fornasier da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Peça orientação quantas vezes for necessário para esclarecer todas as suas dúvidas. A proposta deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo geral desta pesquisa é conhecer como os pais e as mães percebem a interferência do seu uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TDICs) no relacionamento com os seus filhos. Para participar desse estudo você precisará autorizar a pesquisadora a realizar uma entrevista semiestruturada, que terá como base um roteiro de entrevista previamente elaborado e concordar que as respostas sejam gravadas em áudio para posterior transcrição e análise. Caso você aceite participar da pesquisa, deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concluindo o aceite.

O encontro para entrevista será agendado respeitando a sua disponibilidade, bem como a da pesquisadora. No dia da entrevista, serão retomados os objetivos da pesquisa e esclarecidas todas as dúvidas com relação aos procedimentos da entrevista. A entrevista será gravada em formato de áudio para posterior transcrição das informações na íntegra.

O roteiro para entrevista contém vinte e seis (26) perguntas, incluindo os dados de identificação. O roteiro gira em torno de seis (6) questões norteadoras: a concepção sobre o uso das TDICs; a percepção sobre o próprio uso das TDICs; a percepção sobre o uso das TDICs pelo(s) filho(s); o que compreendem como qualidade de interação parental; os impactos do uso das TDICs no relacionamento com o(s) filho(s) e o que gostariam e o que

poderiam modificar no relacionamento familiar a fim de contribuir com o fortalecimento das interações reais com os filhos. Você não é obrigado(a) a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ser prejudicado por isso. Não há respostas certas ou erradas, pois o que importa é como você compreende os assuntos abordados.

A pesquisadora responsável pelo estudo irá analisar as informações passadas por você através de seu relato nas entrevistas. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será revelado e/ou divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Você tem direito de acesso as suas respostas e caso queira alterá-las poderá fazer. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar participar desse estudo, rubrique todas as folhas e assine ao final deste documento. As folhas também terão sido rubricadas pela pesquisadora e assinadas pela mesma, na última página. Este documento tem 2 (duas) vias e 1 (uma) delas é sua, a outra ficará com a pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma.

Dentre os riscos da sua participação na pesquisa, considerados mínimos, identificam-se possíveis constrangimentos ao expor seus sentimentos, percepções e vivências pessoais, a mobilização emocional frente aos conteúdos abordados nas questões da entrevista em profundidade, o tempo despendido durante a coleta de dados, além de cansaço e falta de motivação para participar do estudo. Salienta-se que, como medida de proteção, todos os dados coletados serão analisados em caráter científico, portanto, serão registrados sem menção aos dados de identificação do participante. Todos os documentos relativos à pesquisa serão guardados em local restrito pelo prazo de 5 (cinco) anos, sem dados que possibilitem a identificação dos participantes. Contudo, apesar da consciência da possibilidade destes riscos existirem, esta pesquisa buscará trabalhar de forma a evitar a sua ocorrência, bem como buscará não ferir a singularidade do participante, e sim, respeitá-lo em todas as suas dimensões.

A devolutiva dos resultados da presente pesquisa ocorrerá por meio de apresentação e discussão aberta ao público realizada após a conclusão da mesma em data a ser agendada. Vale ressaltar que tanto os seus dados de identificação, quanto a sua identidade serão mantidos em sigilo, apenas a pesquisadora terá acesso. Caso os dados fornecidos necessitem ser utilizados em eventos ou artigo científico, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Você poderá questionar ou solicitar informações sobre a pesquisa quando achar necessário mesmo após a realização da entrevista por meio do

contato da pesquisadora que consta no final deste documento. Não haverá nenhum custo a você relacionado a este estudo, bem como não haverá remuneração, pagamento ou recompensa pela sua participação, sendo ela totalmente livre.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Eu concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado e esclarecido pela pesquisadora sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita – incluindo a gravação em áudio das minhas respostas - e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo. Fui informado também sobre o número de telefone e e-mail da pesquisadora e terei acesso a uma cópia deste termo assinado pela pesquisadora.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora responsável

Diana Cavalcante Miranda de Assis / (73) 9 8889-8486 / diana.assis@ucsal.edu.br / dianacmassis@gmail.com

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 - Pituáçu, Salvador - BA, 41740-090/ (71) 3203-8800